

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
GEOGRAFIA

DAVI FRANCISCO STRAUSS

O conhecimento geográfico em Robinson Crusoe e Gulliver's Travels
The geographical knowledge in Robinson Crusoe and Gulliver's Travels

São Paulo

2022

DAVI FRANCISCO STRAUSS

O conhecimento geográfico em Robinson Crusoe e Gulliver's Travels

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Donizete Girotto

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S912c Strauss, Davi Francisco
O conhecimento geográfico em Robinson Crusoe e
Gulliver's Travels / Davi Francisco Strauss;
orientador Eduardo Donizete Giroto - São Paulo,
2022.
113 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia.

1. Geografia cultural. 2. História da geografia.
3. Pensamento geográfico. 4. Literatura. I. Giroto,
Eduardo Donizete, orient. II. Título.

STRAUSS, Davi Francisco. **O conhecimento geográfico em Robinson Crusoe e Gulliver's Travels**. Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em: 8 de março de 2022

Banca Examinadora

Prof. Dr. Eduardo Donizeti Giroto Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento _____ Assinatura _____

Profa. Dr. Gloria da Anunciação Alves Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento _____ Assinatura _____

Dedico este trabalho à minha esposa, com amor e gratidão pelo apoio, carinho e presença ao longo do período de elaboração deste trabalho.

RESUMO

STRAUSS, Davi Francisco. **O conhecimento geográfico em Robinson Crusoe e Gulliver's Travels**. 2022, 113 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

O presente trabalho visa buscar os elementos do conhecimento geográfico presentes nos trabalhos literários *Robinson Crusoe* e *Gulliver's Travels*. Para isso, elenca as formas de expressão geográficas e aponta para algumas destas que estavam disponíveis aos escritores e leitores na época de publicação das obras. Tenta então visualizá-los dentro dos textos através da leitura atenta, privilegiando-se um olhar geográfico nos apontamentos destes. Além disso, ao extrapolar o tempo de produção dos livros, aborda também uma perspectiva contemporânea a respeito de suas motivações e percepções.

ABSTRACT

STRAUSS, Davi Francisco. **O conhecimento geográfico em Robinson Crusoe e Gulliver's Travels**. 2022, 113 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

The present research aims to inquire about the elements of geographical knowledge which are present in *Robinson Crusoe* and *Gulliver's Travels* books. In order to achieve that, it lists forms of geographical expression and points to some of these which were available to the writers and readers at the time of the books' publishing. Trying to visualize them by reading the texts carefully and favoring a geographical point of view in their analysis. Furthermore, by not limiting itself to the period the books were published, it investigates a contemporary perspective about their motivations and perceptions.

LISTA DE RECURSOS VISUAIS

Figura 1	Mapa pré-histórico de Bedolina	18
Figura 2	Mapa Rebbelib: Mapa de orientação das Ilhas Marshall (1944)	18
Figura 3	Mapa Codex Mendoza	19
Figura 4	Mapa manuscrito ameríndio de parte da drenagem Mississippi-Missouri	19
Figura 5	Mapa-múndi Mesopotâmio em argila	21
Figura 6	Mapa Carte Pisane	34
Figura 7	Mapa Planisfério Cantino	36
Figura 8	Mapa Planisfério em projeção azimutal de Contarini-Roselli	37
Figura 9	Mapa Waldseemüller	38
Figura 10	Mapa Carta Universal	38
Figura 11	Mapa-múndi de Juan Vespucci	39
Figura 12	Mapa Planisfério de Agnese Battista	40
Figura 13	Mapa Nova et aucta orbis terrae descriptio ad usum navigantium emendate accomodata	41
Figura 14	Ilustração da tampa de bússola de Erhard Etzlaub	41
Figura 15	Map of the trade winds	44
Figura 16	Mapa de comparação da rota para Liliput seguindo as linhas de rumo ou contornando a costa africana	47

Figura 17	Mapa A view of the General & Coasting Trade- Winds in the great SOUTH OCEAN	51
Figura 18	A map of the world shewing the course of Mr. Dampier's voyage round it from 1679 to 1691	51
Figura 19	Mapa Imperial Federation	54
Figura 20	Mapa dos ventos alísios de Edmond Halley (1686) e trajeto e Robson Crusoé de Salvador até a ilha de Trinidade	64
Figura 21	Mapa da ilha de Robinson Crusoé	75
Figura 22	Mapa Plate I Part I Page I	79
Figura 23	Mapa Tabula Indiae Orientalis et Regnorum Adjacentium	81
Figura 24	Itinerário da segunda parte das Viagens de Gulliver	82
Figura 25	Mapa Plate II Part II Page I	82
Figura 26	Mapa Plate III Part III Page I	88
Figura 27	Mapa Plate VI Part III Page I	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. FORMAS DE EXPRESSÃO GEOGRÁFICA	12
2. A GEOGRAFIA NO TEMPO DOS AUTORES	32
3. O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO NAS OBRAS	60
3.1. O GEOGRÁFICO NAS OBRAS	60
3.2. UMA GEOGRAFIA CRÍTICA DA LEITURA	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	107

INTRODUÇÃO

Há 300 anos dois livros de viagem foram produzidos e estes tornaram-se clássicos da literatura, passaram a fazer parte da cultura da humanidade e foram lidos por milhares de pessoas, sendo redescobertos e adaptados. Possivelmente não há quem não conheça os enredos, mesmo que não lembre ou nunca tenha ouvido falar dos seus nomes.

Hoje lembrados como histórias infantis pelas leituras de algumas versões adaptadas. Deste modo, a história de Robinson Crusoe costuma ser lembrada como o homem isolado na ilha, mas há outros aspectos no livro original. Analogamente, Gulliver, tem o mesmo problema com suas adaptações infantis e desenhos animados, às vezes, ficam só nas primeiras partes dos povos pequenos e dos grandes.

Por lidarem com a sobrevivência e o conhecimento da Terra, os dois livros de viagem permitem justamente obter uma perspectiva de quais formas de expressão geográfica estariam no pensamento dos geógrafos e das pessoas comuns, dos não geógrafos. E para isso, faremos um desvio em nossa análise, nos preocupando em buscar perspectivas teóricas coerentes com estes conhecimentos literários e suas representações.

Este é o tema do primeiro capítulo, que busca através da pesquisa de importantes geógrafos e cartógrafos, elencar um caminho no qual as formas de expressão geográfica podem ser representadas. Deste modo, primeiro pensamos no aspecto intrínseco a sobrevivência que é espacial, para pensar em como esse saber-fazer se desenvolveu até o ponto que pode ser chamado de ciência.

No segundo capítulo, teremos a oportunidade de inquirir quais materiais existiam, deste desenvolvimento da precisão cartográfica, dos textos de exploradores, das empresas mercantis. Assim analisamos também para o quê serviam os instrumentos cartográficos e textos e quem os produzia.

O terceiro capítulo se subdivide em dois. Na primeira parte, faremos uma análise dos livros com um olhar geográfico, buscando a geografia nos textos de *Robson Crusoe* e *Gulliver's Travels* como se fosse da perspectiva dos autores. E na segunda parte, realizamos uma leitura do geográfico de maneira mais contemporânea.

1. FORMAS DE EXPRESSÃO GEOGRÁFICA

Crusoé e Gulliver nos contam sobre os lugares que percorreram em suas fantásticas aventuras. Suas narrativas descrevem parte do percurso realizado para chegar nestes lugares, seus paraderos, até que seus infortúnios os deslocam dos caminhos desejados e de seus destinos alcançados. Perdidos do ecúmeno e incapacitados de retornar, apesar de ambos elaborarem estratégias para tal. Eventualmente retornam, relatando as rotas percorridas. O que há de geográfico nestes deslocamentos? Quais as formas de expressão geográfica que eles enunciam para apoiar suas epopeias? Antes de buscar estas respostas nos textos, consideremos os saberes-fazeres de alguns dos modos de expressão geográfica que servem de suporte para as práticas que eles expressam em suas narrativas.

Podemos contrastar essas aventuras ao cotidiano contemporâneo e a forma que lidamos com o espaço. Em um deslocamento diário, ou um caminho muito conhecido, não precisamos nos esforçar para lembrar de virar em determinado ponto da trajetória ou ir adiante mais 100 m. De certa forma, ele se torna automático, não pensamos nele. Nossas mentes operam sob um automatismo que nos poupa o raciocínio, a não ser que os caminhos frequentes estejam obstruídos, não se faz necessário pensar em outro. Mediante as sequências já internalizadas, o corpo caminha, os braços guiam o veículo ou as rédeas de um animal, a mente divaga nos compromissos e planos enquanto se percorre o trajeto. Mas quando se vai a algum lugar novo, as questões geográficas que se colocam, tem relação com a existência concreta e exigem saberes-fazeres que deem conta de tais dificuldades.

O senso comum contemporâneo sobre esses conhecimentos pode fazer parecer que não há necessidade de conhecer a disciplina que estudamos na escola chamada geografia. Muitos consideram que esta ciência que descreve a terra, já grafou o "geo"; já mapeou tudo. E por temos acesso aos mapas de grandes corporações, que através de seus aplicativos também nos dizem para virar à esquerda ou direita na próxima rua. Sequer se faz necessário memorizar um caminho seja no itinerário ou na consulta de um mapa.

Diante da aparência de que as distâncias foram suprimidas, afirma Neil Smith (1988), pensar no geográfico parece cada vez menos necessário.

A sabedoria geográfica popular ensina que vivemos num mundo cada vez menor, que sistemas de transporte baratos e sofisticados têm diminuído a importância do espaço geográfico e da diferenciação geográfica, que a identidade regional tradicional está desaparecendo; em resumo, que estamos, de alguma forma, fora da geografia. (SMITH, 1988, p. 17)

Porém, quando precisamos falar sobre os deslocamentos, sobre os locais onde as coisas estão, ou das relações destes espaços e paisagens frequentemente lembramos da ciência geográfica.

De acordo com Martins, em um artigo intitulado *O pensamento geográfico é a geografia em pensamento?* (MARTINS, 2016), deveríamos nos preocupar com o que é o geográfico e não com o que é a geografia. O autor critica a resposta frequentemente dada a pergunta "o que é geografia?". Que se costuma reportar à ciência geográfica. Sua resposta é que o geográfico é um

fundamento da realidade (...) que se estabelece na relação sociedade/natureza (...) tanto no sujeito e no objeto (que) se traduz numa ordem espaço-temporal dos elementos que resultam da relação. (...) ocorre, uma determinação (que se) explicita quando fazemos a pergunta cardinal: onde?" (MARTINS, 2016, p. 64)

Martins explica também, que é deste "onde", que reporta a localização, que derivamos, distribuição, distância, densidade e escala em uma síntese pelo qual o geográfico se estabelece. Uma dimensão da sobrevivência/existência em perspectiva objetiva e subjetiva. A determinação geográfica da existência é subjetiva, pois, se sabe quem se é por se saber onde se está, bem como quando. (ibid., p. 65) Antes de ser disciplina, um saber útil a sobrevivência que tem relação com a expressão da totalidade.

Fundamentando nossa realidade, o conhecimento que lembra o que existe do lado do que, qual a distância até lá, entre outros fundamentos derivados da pergunta "onde", está presente mesmo que não se queira saber dele, favorecendo e facilitando a vida de quem o tem e frustrando quem o negligencia. Pois, os lugares se relacionam com as pessoas e estas não só vivem, mas modificam as paisagens neste processo. E enquanto estão ocupadas, buscando o sustento que precisam, talvez não pensem mesmo em algo que não se apresenta como problema. Mas elas se sentem muito melhores em alguns lugares, seja em função da memória, do juízo de valor que fazem dele ou de outras características socioambientais e

possivelmente evitem outros pelos mesmos motivos. Essa sensibilidade que nem precisa de esforço mental é uma das formas de pensar geograficamente.

A geografia entendida como forma de pensar é um dos focos do livro de Paulo Cezar da Costa Gomes, *Quadros Geográficos*. Ele identifica três domínios do que corresponde hoje ao geográfico: (1) forma de sensibilidade com relação à dimensão espacial; (2) uma forma de inteligência espacial, que tem relação na espécie humana com a cultura, estabelecida e transmitida nos comportamentos espaciais que podem ser chamados de Geografia, que reporta a questão "onde"; (3) a ciência geográfica que especula sobre as causas e formas, respondendo o "porquê" de as coisas estarem onde estão. Além desses, Gomes levanta a hipótese de que a geografia é uma forma autônoma de estruturar o pensamento. (GOMES, 2017, p. 19–21)

Então, como fundamento da realidade, podemos pensar que muito antes de geografia constituída como ciência, este fundamento pode ser encontrado nas práticas dos indivíduos em diversas sociedades vernaculares ou pré-literárias. O fundamento da realidade que nos permite não só chegar aos lugares, mas nos comunicar sobre eles e sobreviver já está presente em sociedades ágrafas ou também chamadas primitivas.

O paralelo entre os aspectos apontados por Martins e Gomes é que neste fundamento da realidade: a sensibilidade foi aprimorada pela inteligência espacial transmitida pela cultura, que na contemporaneidade, remete a escola; mas a geografia que se ensina também remete a ciência geográfica. Adiante, consideramos um percurso cronológico do desenvolvimento dessa inteligência e desses conhecimentos, priorizando suas formas de expressão, desde a sua variante vernacular.

Em *Epistemologia da Geografia* (2014), Paul Claval aborda a construção do conhecimento geográfico não só do ponto de vista da ciência geográfica, mas se dedica a explorar os saberes-fazeres geográficos vernaculares, como o das sociedades ágrafas, onde a partilha acontece muito mais na prática e não há discurso sistematizado. A geografia vernacular é também a geografia do bom senso ao se orientar em deslocamentos; que é contrastada com a forma científica, usada e criada para o controle administrativo do Estado. Todavia, há elementos em comum,

por exemplo, a grade de localizações que possibilita pensar em coordenadas mediante pontos de referência.

Há 3 situações relatadas por Claval que facilitam ou dificultam uma grade de localização, que resultam das possibilidades do ambiente e sua paisagem: (1) na mata fechada, onde só se enxerga alguns metros à frente; (2) da visão liberada que se pode apoiar em acidentes do terreno, ou por pontos cardeais, como o sol ou estrela polar; (3) no mar, perto das margens com os acidentes do litoral, cabos, baías e montanhas longínquas, ou distante da costa, com os astros, habilidade somente reportada exitosa entre vikings e polinésios antes do advento da bússola. (CLAVAL, 2014, p. 29) Além disso, várias sociedades também usaram referenciais ligados à aspectos religiosos ou de suas mitologias. (ibid., p. 38)

Contudo, a grade de localizações só se torna útil para comunicar os caminhos, quando se pode se referir aos lugares. O que se torna possível com o batismo do terreno, cujos nomes ou toponímias, se reportam a diversas motivações de cada povo. Os nomes dos lugares descrevem os acidentes de relevo, vegetação, parcelas de terra, caminhos e lugares habitados. (ibid., p. 32)

Cabe elaborar sobre o que significam os topônimos. Primeiramente, são nomes, e nesta condição, são uma convenção social. A condição da existência de nome próprio para referenciar uma entidade singular é universal nas sociedades humanas, afirma o linguista William Bright. (BRIGHT, 2003, p. 671)

Esses nomes são muitas vezes motivados, a partir do que nomeiam. “Así, montaña, risco, barranco, valle o rio denotan accidentes tan señalados que siempre serán punto de referencia en la geografía y, por tanto, topónimos”. (TRAPERO, 1995, p. 36) Mas a simples escolha de nomear algo tem relação com a centralidade do que se nomeia para o grupo que o faz, como afirma Edward Sapir (1969), terão nomes genéricos ou específicos, de acordo com a centralidade que este possui para eles. Exemplificando com "erva", que designa uma infinidade de plantas para o leigo, mas para o especialista nativo ou biólogo cada espécie de "erva" possui uma classificação particular. Sapir descreve como as mudanças fonéticas deixaram descritivos irreconhecíveis, exemplifica contrastando países habitados por um grupo há muito tempo, com aqueles recém povoados. Os nomes dos primeiros tendem a ter sentido opaco. (SAPIR; CÂMARA, 1969, p. 46–47)

Deste modo, nomes que já foram relacionados a geografia de um lugar podem ser completamente opacos em seu sentido, podem inclusive designar alguma característica geográfica que não se encontra mais ali. A estudiosa da toponímia Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick remete aos ensinamentos de Theodoro Sampaio, para o primeiro caso, de se prestar atenção nos nomes dados pelos povos nativos que ajudam a entender um lugar em sua situação geográfica e no segundo para os ensinamentos de Jean Brunhes, que os chamava de fósseis linguísticos, os fósseis da geografia humana que contam como era um lugar. (DICK, 1990, p. 290–291)

Quando se dispõe de um nome para um lugar, "A experiência do terreno deixa de ser puramente individual. Ela é socializada." (CLAVAL, 2014, p. 33) Os nomes dos lugares também são usados na regionalização pelas suas sociedades em função da utilidade, como a fertilidade do solo ou disposição de animais para a caça, ou ainda da sacralidade. (ibid., p. 41) Como consequência do batismo, se torna possível ouvir falar de lugares longínquos, além dos caminhos para eles, mesmo que a totalidade destes trajetos não sejam dominados na íntegra por todos a quem se pergunta, como era o caso da rota da seda ou das Cruzadas. (ibid., p. 34)

Explica Claval, (ibid., p. 43-44) que desta forma, as sociedades complexas, como a romana, através de intermediários, estabeleceram comércio de seda com a China. Estes lugares distantes despertam a curiosidade sobre os produtos oferecidos e hábitos destes povos, resultando em novos discursos geográficos na forma de narrativa. (ibid., p. 45)

O conhecimento dos lugares que estão em um itinerário, permite enumerá-los, representados em uma linha, há lugares à esquerda ou à direita, que podem ser novas linhas perpendiculares. Quando se tem a possibilidade de enxergar de um ponto de vista elevado, a imagem a ser representada será de uma grade de coordenadas. A transformação da visão em três dimensões para uma representação em duas dimensões ocorreu há muito tempo, mas nem sempre se pode representar por falta de um suporte duradouro, como os povos que os desenhavam na areia, explica Claval (ibid., p. 33).

Um saber fazer antiquíssimo, segundo John Brian Harley, "o desejo de balizar o espaço sempre esteve presente na mente humana" (HARLEY, 1991, p. 4). O

cartógrafo afirma que a substituição do espaço real pelo espaço analógico precedeu a escritura e a matemática em muitas sociedades. (ibid., p. 5) Explicando um dos primeiros esforços de representação que se tem notícia, nos leva há 6000 a.C., em um mapa da cidade de Çatal Höyük encontrado em 1963 em um sítio arqueológico de um santuário. O mapa em questão foi feito em um ritual e não foi pensado para durar mais do que a própria cerimônia. Para O autor chamará de mapa qualquer "representação gráfica que facilita a compreensão espacial de objetos, conceitos, condições, processos e fatos do mundo humano". (HARLEY, 1991, p. 7)

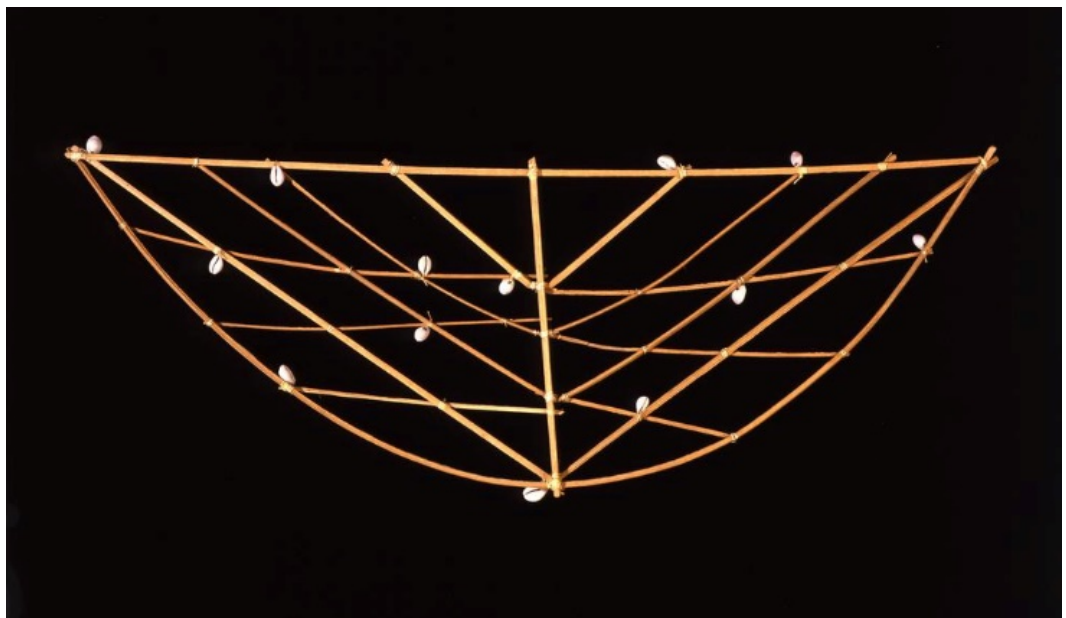
O geógrafo inglês Norman Thrower, descreve diversos exemplos de "cartografias nativas", quando se passa da forma simbólica para a pictórica (THROWER, 2007, p. 5), como aquela do petróglifo pré-histórico de Bedolina (Figura 1), considerado mais antiga planta de sítio habitado da humanidade, datada entre 2000 e 1500 A.C. Esta rocha talhada com formas pictóricas representa diversas habitações, pessoas e animais, apresentadas com visão em perspectiva. Há também entre seus relatos (ibid., p.7), os esquemas de gravetos e cordas de fibras vegetais usados pelos habitantes das Ilhas Marshal para indicar o padrão das ondas de acordo com os ventos, permitindo localizar uma ilha que não está no campo de visão. (Figura 2) Este povo tem mais dois tipos de mapas que apresentam escalas maiores, com maior detalhe. Também são apontados trabalhos dos povos ameríndios no México, como aquele que foi usado no frontispício do Codex Mendoza (Figura 3), que dá conta não só do espaço, mas do tempo, contando a história de Tenochitlán desde sua fundação. Além do mapa do sistema de drenagem do Missouri-Mississippi (Figura 4) apresentado por um chefe da tribo Iowá em 1837 e do crocodilo na pintura em casca de árvore da tribo Biranybirany (Austrália), que para ser utilizada precisa do aprendizado de uma canção e dança. (ibid., p. 9)

Figura 1: Mapa prehistórico de Bedolina



Fonte:(THROWER, 2007, p. 4)

Figura 2: mapa Rebbelib: Mapa de orientação das Ilhas Marshall (1944)



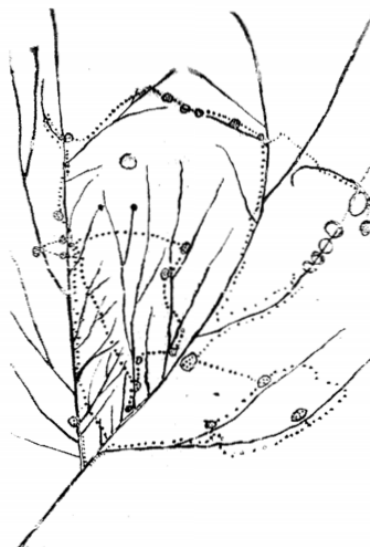
Fonte: (BRITISHMUSEUM.ORG)

Figura 3: Mapa Codex Mendoza



Fonte: (WIKIPEDIA)

Figura 4: Mapa manuscrito ameríndio de parte da drenagem Mississippi-Missouri



Fonte: (THROWER, 2007, p. 10)

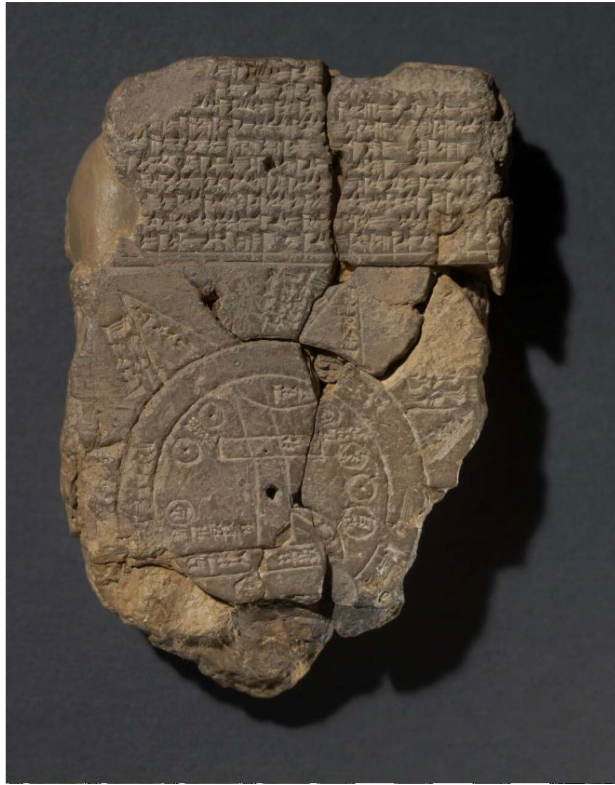
As sociedades complexas utilizaram diversas facetas dessas geografias vernaculares. Pois um governo centralizado tem maiores necessidades do conhecimento de seus domínios e tendo necessidade, pode racionalizar e melhorar

os caminhos que favorecem as trocas com investimentos. (CLAVAL, 2014, p. 46) Puderam também planejar um controle mais eficiente, ao criar listas de itinerários com as populações e suas propriedades sendo mais eficientes para cobrar impostos. (ibid., p. 48) Estes quadros geográficos que servem a racionalização da vida política vêm sendo produzidos há mais de dois mil anos e são o inventário dos lugares, grades de localização com informação de valor estratégico para a base tributável, listas de itinerários, instrumentos cartográficos. (ibid., p. 49-50).

É por isso que os Estados com governos centralizados contribuem estimulando a criação de uma geografia científica. O que a difere de sua variante vernacular é "a utilização de um sistema de coordenadas universalmente válido" (ibid., p. 55). O sistema de coordenadas universal se apóia nas referências astronômicas que possibilitam referenciar todos os lugares da Terra. Assim, se tem a possibilidade de correção, da não perpetuação dos erros, de conhecimentos que vão sendo reunidos e ampliados.

Segundo Thrower, a geometria apareceu no Egito, servindo para contornar o problema do apagamento dos limites das propriedades após as cheias do Nilo. (THROWER, 2007, p. 14) Além disso, em suas ponderações sobre os primeiros mapas feitos por estruturas de poder, descreve os mapas da mesopotâmia, feitos em argila, sendo que o mais antigo mapa conhecido desta sociedade é o mapa Akkadiano, datado de 2300 a.C., além de outros dois, um em escala grande, de uma cidade, da mesopotâmia com o rio Eufrates; e o outro em escala média, do mundo (conhecido) visto da perspectiva assiriocêntrica (Figura 5), datados de 1500 a.C. Ele nos relata sobre o mapa mais antigo da Grécia com a data aproximada de 500 a.C. É através do contato dos gregos com a cartografia, que ela passa a ser sistematizada em uma fórmula. O geógrafo britânico afirma que o milagre grego foi possível pela confluência das ideias dos povos da mesopotâmia e do Egito. (ibid., p. 26).

Figura 5: Mapa-múndi Mesopotâmio em argila



Fonte: (BRITISHMUSEUM)

De modo similar, Claval relata como os Jônios tiveram a ideia de representar o espaço terrestre e suas regiões geometricamente com polígonos, apoiados nos limites descritos em narrativas de viajantes (CLAVAL, 2014, p. 56). Estas noções da matemática foram somadas as observações astronômicas do formato da Terra por Eratóstenes no século III a.C. O diretor da biblioteca de Alexandria, que tomou nota da diferença dos ângulos da incidência solar em duas diferentes latitudes, confirmando a esfericidade da terra, também estimou a extensão da circunferência terrestre com apenas 310 km a menos do que os 40 mil km de extensão. Assim, possibilitou se determinar a latitude e posteriormente resolveu (parcialmente) o problema da longitude através dos relatos de viajantes e textos jurídicos. (ibid., p. 56-57)

O método da latitude e longitude foi então aprimorado por Hiparco no século II d.C. Se trata de localizar a latitude em relação ao paralelo de origem, o equador; e a longitude através da avaliação do intervalo entre a hora local onde o observador está e aquele da referência do qual se partiu, pois se sabe que o sol descreve uma

trajetória de 15 graus em uma hora. No século II d.C., Cláudio Ptolomeu sintetiza os conjuntos de métodos e conhecimentos. (ibid., p. 56-58) Na frase citada por la Blache do texto de Ptolomeu que compara a geografia (geral) e a corografia (regionalização), ele afirma que a geografia, através de matemática pode ser usada para mapear a terra assim como se faz com o céu. (PTOLEMY et al., 1991, p. 26)

Por outro lado, o georreferenciamento pelas coordenadas continuou limitado até o século XV, quando se soube da possibilidade de determinar a longitude pelas fases de Vênus ou após a Luneta de Galileu que possibilitava a observação das luas de Júpiter utilizando tabelas que precisavam ser calculadas, um procedimento lento. Enquanto o procedimento ou técnica mais simples, já considerado por Hiparco, da comparação, das horas locais esbarrava na falta de um relógio preciso que pudesse transportar as horas. Tarefa impossível até 1745, quando os relojoeiros ingleses produziram um cronômetro marítimo confiável. (CLAVAL, 2014, p. 59)

Perante as dificuldades com relação a forma de se projetar uma esfera em um plano, discorre Claval, que apesar da aparência de cientificidade consagrada que se estabelece com a cartografia embasada pela matemática, a cartografia não dá conta de representar ao mesmo tempo, a acuracidade dos comprimentos, das superfícies e dos ângulos, privilegia-se dois dele, de acordo com as necessidades. (ibid., p.60) Podemos lembrar da projeção mais famosa, Mercator, que por ser conforme, preserva a forma e os ângulos, serve bem aos propósitos da navegação, mas aumenta as áreas das altas latitudes, distorcendo a percepção sobre essas extensões de terras.

Outro ponto que Claval reporta é com relação a forma de conseguir os dados. Além de buscar informação com as pessoas, o geógrafo lê a paisagem na horizontal e na vertical. A leitura da paisagem na horizontal, leva os a perceber objetos em escalas distintas (ibid., p. 65), mas é ao buscar a visão em conjunto, especialmente de grandes dimensões, que se privilegia a leitura da paisagem na vertical. O que ocorre quando se para sobre um ponto alto; o olhar de Ícaro, sonho dos geógrafos desde a antiguidade, que se torna possível com o advento do balão e avião, que permite pensar a superfície como o encontro de várias esferas. (ibid., p.66)

Isto os leva a necessidade de pensar em escala. "Os limites da escala própria aos estudos geográficos não são rigidamente fixados." (ibid., p. 67) Já estiveram

limitados às construções, especialmente do meio rural, até a primeira metade do século XIX. (ibid., p. 67) Tem-se que o limite inferior da escala é dado pela pertinência da vida do observador comum. Mas se há necessidade, o geógrafo irá ainda mais longe, por exemplo, para estudar o rural, pode usar a análise química e/ou biológica. (ibid., p. 67-68)

Os dados dos geógrafos são sempre espacializados, georreferenciados e passam por uma ginástica mental de terem sua distribuição analisada em diferentes escalas. A representação destes dados pode ocorrer em escala diversa de sua leitura através da cartografia temática: mapas simplificados que só conservam "os elementos que poderão esclarecer os fatos que se procura esclarecer". (ibid., p. 75) Se distanciando e extraindo os conjuntos através de pontos, revelando dispersão aleatória ou ordenada; os fluxos são representados através de linhas, que mostram hierarquização de pontos ao ordenar deslocamentos; e revelam em polígonos, revelam distribuição aleatória ou por setor, possibilitam a regionalização destacando homogeneidade de característica observada. (ibid., p. 75-76) Através da estatística se pode ainda medir a correlação entre duas séries ou mais, utilizando análises fatoriais. (ibid., p. 77)

Claval explica o impacto dos sistemas de informação geográfica produzidos com o uso da informática. Eles são muito relevantes, mas a possibilidade de coleta e transmissão de informações especializadas não significa uma apreensão fácil destes dados. A cartografia o favorece, mas mediante um processo difícil. (ibid., p. 77) Assim, explica que a popularização da informática e dos dados que possibilita o uso de sistemas de informação geográfica, que resulta em uma cartografia automática podendo ser usada para confeccionar em alguns minutos, o que levaria meses. (ibid., p. 82)

As informações geográficas possibilitam estratégias espaciais: escolhas de itinerários a partir das vantagens, como rapidez, conforto, ausência ou presença de riscos etc. São amplamente usados pelas formas centralizadas de poder. Assim como as vantagens de poder representar não só o que já existe, mas o que se planeja fazer. Desde a renascença, mapas são usados com esta finalidade, para se planejar regiões, lançar operações militares. (ibid., p. 79)

Estas cartas e mapas que permitem o controle e os raciocínios geográficos se apóiam na lógica do quadro. O ordenamento das naturezas simples pela mathesis cartesiana, que em conjunto com o ordenamento de naturezas complexas das representações em geral e um sistema de signos constituem um quadro, como explica Foucault, o centro da episteme clássica do saber nos séculos XVII e XVIII é o quadro. (FOUCAULT, 2000, p. 99–103).

Cabe retornar aos argumentos de Gomes, que explica que "

o mapa tem sido frequentemente apontado como um instrumento de base da ação de pensar geograficamente. (...) indica que há conexões entre os diversos elementos ali presentes, mas não exaure as possibilidades da compreensão. (...) Se nos for permitido assim afirmar, então o instrumento básico do pensar geográfico é o quadro. O mapa é um tipo de quadro dentre outros: desenhos, croquis, cartogramas, blocos-diagramas, fotos, esquemas, pinturas, descrições etc. (GOMES, 2017, p. 36)

Este arranjo permanece em muitas das ciências. Como na Geografia, o argumento de Gomes da forma de pensar através de conjuntos de informações espacializados, que podem ser representados visualmente ou textualmente; representações que podem tanto descrever as (co)relações dos objetos quanto imaginá-los. (GOMES, 2017, p. 103–104)

Estes quadros geográficos permitiram grandes saltos no raciocínio geográfico. Na capa de seu livro sobre os quadros geográficos, Gomes homenageia Alexander Humboldt, cuja visualização simultânea de dados sugere a correlação entre biota, clima e altitude no esquema onde representa o vulcão Chimborazo (México) junto a uma espécie de quadro, que equipara as características de outros lugares com as mesmas altitudes no vulcão.

Por outro lado, Claval afirma que o quadro geográfico corre o risco de ser repetitivo e monótono. Por isso, a narrativa é especialmente útil para acrescentar tensão dramática neste gênero. (CLAVAL, 2014, p. 95) Esta tensão não virá, contudo, das mudanças do itinerário, como é o caso no gênero literário homônimo, mas da tentativa de fazer o leitor participar da descoberta do mundo de forma viva. (ibid., p. 86) Deste modo, além de reproduzir o mundo em instrumento cartográfico ou quadros, outra forma geográfica de expressão é a narrativa.

A narrativa servirá de solução para articular os argumentos no vôo que se faz pendurado no pescoço do Ganso. Recurso em que Selma Lagerlöf descreve as paisagens da Suécia. (ibid., p. 95-96) Será encontrada de duas maneiras nos trabalhos de Vidal de la Blache, levando o leitor a participa da exploração visual da paisagem no enfoque de conjuntos regionais de nível. " A narrativa se encarrega da tensão dramática cada vez que ela relata uma progressão que leva à descoberta." (ibid., p. 99). e a outra forma é ao destacar as "mil maneiras pelas quais o jogo das relações geográficas (...) subsolo, clima, atividades agrícolas, formas de hábitat e tipos de sociabilidade (...) conduz à definição de uma multiplicidade de combinações diferentes." (ibid., p. 101). Quadros geográficos, tal qual os vidalinos perdurarão ainda em guias de viagem, a despeito da supressão de aspectos da geografia física. (ibid., p. 104)

O geógrafo francês explica que a narrativa dos geógrafos é produzida também como epopeia, com dois grandes temas presentes: o primeiro é a geografia como história da geografia ocidental, que começa com os gregos, que após desenvolverem uma grade de coordenadas universal, seus herdeiros culturais foram integrando nela as terras "descobertas" na América, África e Ásia; (ibid., p. 88-90); e o segundo, é o da conquista da Terra pela espécie humana. A conquista da Terra tem uma vertente de tradição epopéia cristã, cuja geografia é "uma ilustração do Gênesis (...) (com o) objetivo de mostrar como a palavra divina foi realizada." (ibid., p. 91-92), que vai inspirar geógrafos como Deffontaines em 1960 que afirma que a criação sobre a Terra foi entregue aos homens. (ibid., p. 91)

Relata também que outra vertente que fará uso da narrativa da conquista é aquela que exalta o papel das tecnologias na superação progressiva das dificuldades enfrentadas, dos coletores ao domínio das sementes e pecuária, da fronteira de expansão dos povoamentos e produção agrícola. (ibid., p. 92-93) Neste tema, os marxistas são apontados como os intérpretes mais convictos, George com críticas aos projetos que implicavam o sucesso à priori, Glacken descrevendo o clima mais favorável no mediterrâneo anteriormente e Clark denunciando o desaparecimento de fauna e flora na Nova Zelândia. (ibid., p. 93-94)

O último tipo de narrativa descrita por Claval é aquele que se aproxima dos ensaios que colocam em evidência características das localidades. Comumente encontrados em guias de viagem, para abrir os capítulos ou digressões para

interromper a monotonia. Nos trabalhos contemporâneos, são "representações geográficas que os turistas, e mais geralmente as opiniões públicas, fazem das cidades, das regiões ou dos países" (ibid., p. 108). Estas inspirações remontam a tradição francesa de ensaios sobre as construções territoriais, como os de Bodin e Montesquieu, sobre aspectos morais e psicológicos. Exemplificados com os trabalhos de Madame de Stäel na Alemanha e Tocqueville sobre as novas instituições democráticas estadunidenses. (ibid., p. 109-110)

Interessa para o contexto de nosso estudo, que no desenvolvimento das formas da representação geográfica, a narrativa da forma que a geografia é contada como história, na epopeia de como a ciência geográfica da grade de coordenadas universal se constituiu e foi povoada com as novas "descobertas" da América, Ásia, África, Oceania etc. (ibid., p. 88-90) Os autores citados acabam fazendo esta narrativa, mas com ressalvas, especialmente valorizando o conhecimento dos diversos povos que contribuíram ao desenvolvimento da ciência geográfica.

Pois, assim como as narrativas dos ensaios podem reforçar preconceitos, a geografia como história já se prestou a isso, já foi a narrativa da superioridade etnocêntrica, de que somente esses saberes-fazeres da cultura europeia constituem uma forma elevada de conhecimento, como afirma Harley (1991), na valorização de alguns e não outros saberes. "Os mapas eram considerados marcos significativos da evolução da humanidade; por conseguinte, aqueles que não indicassem algum progresso rumo à objetividade deixavam de ser seriamente estudados." (HARLEY, 1991, p. 5) O entendimento do autor é de que os mapas são imagens mentais, formas de ver que não são espelho do mundo, mas seu simulacro, que muitas vezes se tornam mais importante do que o território representado. (ibid., p. 7)

Entenda-se por objetividade a matriz cartesiana, a *mathesis* do quadro relatada por Foucault (op. Cit.). Podemos estender o entendimento de "quadro" ao senso comum, e usar o verbo correspondente "enquadrar" como sinônimo de classificar, o que pressupõe categorias, conceitos; formas de mediação e de representação. Nos interessa lembrar que a geografia visualmente ou textualmente representa o mundo e isso tem relação com a teoria que se tem em pensamento quando isto se realiza.

Ruy Moreira (2011) aborda a questão da forma e do conteúdo da geografia. A forma são os pressupostos lógicos, "localização, distribuição, extensão, distância,

posição e escala" (MOREIRA, 2011, p. 115), também evidenciadas no trecho citado de Martins acima, e o conteúdo são os conceitos e categorias, que dependem, como implicado no título de Martins, da *Geografia em pensamento*.

Moreira digressa sobre a questão ao explicar a diferença entre o real e a ideia. Este último formado no campo intelectual, oriundo do campo sensível; que são as sensações (visão, tato, audição etc.) reunidas em nossas mentes que sintetizamos como imagem e vão dar lugar ao pensamento que interpreta unindo ou separando, buscando encontrar relações entre fenômenos, expressando essas ideias na forma de conceitos, que por sua vez, orientam o pensamento. (ibid., p. 105). Explica que a representação do mundo se dará com estes conceitos. Inclusive, a representação científica. (ibid., p. 107)

A ciência geográfica, uma forma de representação científica, tem um caminho para o conhecimento, um método, como afirma (MOREIRA, 2011, p. 107) "A chave do método é a categoria (...) o conceito em ação". Assim, explica que a **paisagem**, que é visível permite relacionar a imagem e fala, mas para representar o mundo, o concebemos como **espaço**, mobilizando para isso "a categoria intermediária do **território**" (ibid., p. 108) (grifos nosso). A chave do método está nesse "vaivém da retransfiguração da imagem e fala (...) a imagem vira fala e esta vira imagem que volta a ser fala" (op. Cit.). Assim, se buscam os padrões que levam a evidenciação da organização do espaço pelo método da geografia, que o autor resume da seguinte maneira:

consiste em passar da descrição do visível da paisagem (o plano do sensível na geografia) à compreensão da estrutura invisível do espaço (o plano do inteligível), o que só vem com a intervenção estruturadora do conceito (MOREIRA, 1982, apud MOREIRA, 2011, p. 108)

O modo que estruturamos nosso pensamento, tem relação também com o entendimento de como estas categorias são concebidas. Moreira reporta que até os anos 1970, que reinou a geografia como estudo da relação homem-meio, e cujo espaço, euclidiano é a única métrica, dicotomizando os dois termos da relação: homem, como objeto da geografia humana e natureza como objeto da geografia física. (ibid., p. 110) Assim, explica que neste arranjo, o homem é atópico, meramente população; a natureza é reduzida aos fenômenos naturais; e a relação de homem e da natureza é de externalidade. Resulta disso o entendimento de que há uma estrutura invariável para todas as sociedades, sintetizada como estrutura N-

H-E (natureza, homem, economia). A categoria fazendo a relação, em um discurso catalográfico que aglutina os cacos das categorias e não faz a análise geográfica das interrelações dos dados. (ibid., p. 111)

Que o autor contrasta com o entendimento da geografia crítica que surge após os anos 1970, um esquema de orientação marxista apoiado em pares dialéticos, onde cada sociedade tem sua maneira própria de organizar o espaço. Ao explicar o invisível pelo visível e o visível pelo invisível, como Pierre George (1978), o geógrafo se vê obrigado a mobilizar outras ciências. Por isso, sua análise corre o perigo de ter o aspecto de economia política do espaço, caso não se tenha o caráter triádico da análise geográfica em pensamento, da paisagem, espaço e território. (op. Cit.) No movimento de mão dupla que descreve, se parte da paisagem, analisado os objetos espaciais pelos pressupostos lógicos, buscando correlações que elucidem a estrutura e se retorna a paisagem esclarecendo o caráter dos objetos localizados inicialmente. (ibid., 114)

No seu exemplo, quando usa o conceito de trabalho, como ponto de partida, que permite observar o intercâmbio das relações na força de trabalho, objeto de trabalho e meios de trabalho que busca " transformar a natureza de valor-de-uso em meios de produção e mercadoria." (ibid., p.113) Revelando os antagonismos da divisão da sociedade em esfera da produção e outra da circulação, observando o processo dos movimentos no ciclo do capital. (ibid., 114)

Apontaremos também para as contribuições de Milton Santos, que elabora sua abordagem sobre o *espaço geográfico*, a diferenciando da *configuração territorial* e da *paisagem*. A respeito do *espaço geográfico*, afirma que este é "um conjunto indissociável de objetos e sistema de ações" (SANTOS, 2002, p. 21), explicará que esta categoria é " muito mais do que a simples oferta de caminhos". (ibid., p. 92) Com relação à *paisagem*, esclarece o autor, é frequentemente usada no lugar de configuração territorial, explica que em algumas línguas são a mesma coisa, mas na sua abordagem, ela é apenas a parte visível, da *configuração territorial*, expressão das "heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza" (ibid., p. 103), que engloba os "sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esses sistemas naturais." (ibid., p. 62) Deste modo, o espaço geográfico é a configuração territorial, com sua materialidade, além da vida que a anima. (op. Cit.)

Santos apontará para a diacronia e sincronia no estudo da geográfico, afirmando que por muito tempo a sucessão foi considerada "como uma base do estudo geográfico (ibid., p. 159), ao que sugere que do estudo geográfico é muito mais um estudo de "simultaneidade das diversas temporalidades sobre um pedaço da crosta da Terra" (ibid., p. 160). Portanto no tempo concreto da simultaneidade, o espaço reúne as múltiplas possibilidades do seu uso, bem como, as diversas possibilidades do uso do tempo. (op. Cit.)

Deste modo, ao entender o planeta como uma totalidade formada pela entidade material e humana; assim como a totalidade da história, se visualiza o acontecer solidário do processo espacial. (ibid., p. 165) Explicando a energia deste movimento na divisão internacional do trabalho, em que os subespaços, como região e lugar são uma parte da totalidade, que recebem a distribuição dos recursos de formas diferentes, se combinando localmente e resultando em diferenciações dentro do espaço total. São as condições de possibilidades e de oportunidades, relativas ao tempo empiricizado. (ibid., p. 165-166)

Assim, a geografia entendida como simultaneidade, no acontecer solidário das ações é expressão da totalidade-mundo e permite uma compreensão da realidade, o que nos leva a retomar a um argumento de Martins, que reservamos para este momento, após discutir um caminho de desenvolvimento de epistemologia da geografia; aquele de que estudamos geografia para ter uma consciência geográfica. (MARTINS, 2016, p. 65) Gostaríamos de finalizar este capítulo com a noção de que as representações/formas de expressão tanto em texto ou gráfica, prescindem da educação em Geografia para poderem ser lidas e entendidas.

Pois, existem muitas pessoas que não têm o hábito de consultar mapas, algumas por falta de conhecimento sobre a técnica de representação. Por isso, podemos apontar para o conceito de alfabetização cartográfica, proposto por Maria Elena Ramos Simielli, no ensino de geografia do nível fundamental. dos "processos necessários para a realização das representações gráficas, (...) educar o aluno para a visão cartográfica". (SIMIELLI, 2021, p. 97) Nesta abordagem, trabalhando com o espaço concreto, observando as diferenças das representações em visão oblíqua ou visão vertical, bidimensionalidade, tridimensionalidade, pontos, linhas e áreas, legendas, proporção, escala, lateralidade, referências e orientação. (ibid., p. 98) A segunda fase da educação cartográfica, a partir da 5ª série visando produzir um leitor

crítico e um mapeador consciente. (ibid., p.99) Este mapeador consciente deve ser capaz, além de localizar, correlacionar 2 ou 3 fenômenos e ter como objetivo, a produção de uma síntese de tudo. (op. Cit.) A perspectiva de diversos mapeadores, é a perspectiva de diversos consumidores de mapas, pois é pouco provável que alguém que saiba fazer mapas, não os saiba ler.

Além da linguagem visual, as categorias e conceitos referidos acima, como espaço, território e paisagem, entre outros, junto aos princípios lógicos não podem ser apreendidos como uma geografia pronta, que é assimilada imediatamente pelos alunos. Um aprendizado satisfatório de geografia precisa dar conta de que esses não sejam palavras e sim conceitos, como aponta Lana de Souza Cavalcanti (2019), apoiada em Vygotsky, que deste modo as crianças ficam impotentes ao tentar usar o conhecimento assimilado. Por isso, defende que o processo de construção pelos alunos destes conceitos na mediação de instrumentos e em sua internalização, sendo esta última.

um processo de reconstrução interna de uma operação externa com objetos, de um movimento que ocorre do interpessoal para o intrapessoal. Tem início, pois, em processos sociais e se transforma em processos interiores do sujeito, sendo ele próprio criador da consciência. (CAVALCANTI, 2019, p. 157)

Com objetivos pertinentes ao conhecimento geográfico, feitas pela mediação didática do professor em relação ao conhecimento esperado do aluno. Professores mediam cognitivamente na forma em que projetam o desenvolvimento próximo, estimulam e auxiliam os alunos, bem como permitem que junto aos seus colegas se ajudem. Assim, deve-se buscar que os estudantes consigam se apropriar dos conceitos e categorias, que são instrumentos simbólicos, da mediação semiótica do mundo. (ibid., p.161)

Acima, esperamos ter traçado um panorama de como desde o ato de percorrer um trajeto e referi-lo a alguém, ou o ato de pensar nas características espaciais para sobreviver, remetem ao fundamento da realidade ou saber-fazer geográfico de se localizar, se orientar, de se saber quais os atributos mais vantajosos de determinado local. Estes são conhecidos quando se possui uma grade de localizações e esta é povoada com as características de determinado trajeto, que envolvem os objetos, os sujeitos e os sistemas de ações. Uma grade de localizações contida na forma que construímos os quadros geográficos vernaculares ou científicos. Nos comunicamos

sobre os lugares e afirmamos a própria identidade com relação a eles. Criando mapas, globos e narrativas com teorias associados a essas grades, que surgem da vontade do homem de balizar o espaço. Isto depende dos raciocínios realizados com os pressupostos lógicos, conceitos e categorias na sua leitura e na produção intelectual com que representam os fenômenos geográficos/espacializados. E para comunicar, tanto do ponto de vista de quem enuncia quanto de quem recebe o enunciado, importa que o código seja conhecido, eis aí a necessidade da educação em geografia, mas não só isso, para poder tomar decisões de maneira consciente sobre as questões pertinentes à vida. E quase todas as coisas envolvem o geográfico.

Crusoé e Gulliver nos permitem questionar qual é a geografia que está em seus pensamentos, o que existe ao seu dispor deste tipo de saber-fazer. E este é o tema central do segundo capítulo adiante.

2. A geografia no tempo dos autores

Os autores de Robinson Crusoé e de Gulliver, publicados respectivamente em 1719 e 1726, possuem acesso aos conhecimentos da geografia científica do Renascimento cultural. Uma confluência de povos e suas ideias que ocorre na Europa no século XV. Mas também se encontram no meio da revolução científica, o que confere uma precisão muito maior a leitura dos fenômenos e as suas representações no alvorecer do iluminismo.

Questionamos que conhecimentos geográficos estariam disponíveis às personagens? Quem produzia estes recursos, como e para o quê? Correndo o risco de parecer como mais do mesmo, pois retomamos a história da cartografia. Mas não é isso, se trata de apontar que geografia existia na época dos livros e para isso, voltaremos alguns séculos antes do renascimento cultural.

O período histórico que a historiografia oficial denomina "renascimento", tem relação com o Humanismo (retomada dos estudos da antiguidade clássica) e as reformas religiosas. O termo que marca o período era usado inicialmente para se referir "a revitalização da alma pelos sacramentos"(SILVA; SILVA, 2010, p. 359), foi mais tarde usado para denotar "as mudanças de consciência e nas formas de expressão artística do período" (op. Cit.). O verbete citado explica que o período já foi visto como ruptura da Idade média, mas pode ser considerado continuidade, como consequência da revitalização urbana a partir do século XII, na eminência do fim do feudalismo e do surgimento o do Capitalismo. Henry Durant (apud. SILVA, SILVA, 2010) explica que a nova concepção de mundo burguesa e urbana teve seu berço no Norte da Itália, pela permanência de forte influência do Império Romano, forte urbanização, intercâmbio comercial, ao que atribui a ausência de dogmas muito rígidos. A presença de dinheiro e a necessidade de diplomacia corroboraram os altos investimentos em ostentação artística e no desenvolvimento de matemática e outros conhecimentos.

Para o conhecimento geográfico, o renascimento recebe o estímulo da descoberta de Ptolomeu, trazida do império Bizantino, mediante a tomada de Constantinopla pelos otomanos, que é traduzida em Florença por Jacob d'Angelo em 1406. (CLAVAL, 2006, p. 36) E cujo sistema de coordenadas passou a ser usado na construção de mapas empregados na busca de um caminho para as Índias, pelo

oriente como Vasco da Gama em 1498 e pelo ocidente como a tentativa de Cristóvão Colombo em 1492, que resulta na descoberta do continente americano. (op. Cit.)

A geografia do renascimento não é só dos conhecimentos da antiguidade clássica que vieram com os refugiados do império Bizantino de Constantinopla (atual Istambul) sucedendo a tomada pelos turcos no século XV. Thrower ressaltará que havia noções da geografia clássica que perduraram nos dois mapas mais conhecidos da Idade Média. no mapa T-O (*orbis terrarum*), cujo oriente no topo é separado da Europa na parte esquerda e da África na direita por um "T" que representa o rio Nilo e o rio Don (Rússia). Nele constam os 3 continentes conhecidos na sua posição relativa correta, ocupando a maior parte do disco. É deste mapa que vem o termo "orientação". O outro mapa célebre do período é o zonal, que reflete a ideia do ecúmeno, da Terra habitada, de acordo com a latitude. (THROWER, 2007, p. 42)

A geografia de então é também fruto da contribuição dos povos muçulmanos, para quem a idade média não significou de forma alguma, a idade das trevas, dado o desenvolvimento que ocorreu na expansão islâmica. Thrower explica que tiveram acesso ao *Almagesto* (Astronomia) e *Geographia* de Ptolomeu no século IX (ibid., p. 45) e o melhoraram: diminuíram o mediterrâneo em 20 graus de longitude, para os 42° corretos, coisa que os europeus só fariam séculos depois. Além de trazerem os conhecimentos de outros povos com quem faziam trocas, como a ciência persa, a matemática indiana, a bússola chinesa e o astrolábio que fora dos gregos. Apesar do conflito entre árabes e cristãos, os mais de 700 anos de domínio na península ibérica propiciaram um grande intercâmbio de ideias, como os números indo-árabicos e a vela triangular. (ibid., p. 63)

Após a reconquista da península ibérica, o intercâmbio dos povos continuou a dar frutos, com os portulanos que já vinham sendo feitos em Genova, tal qual a *Carte Pisane* (Figura 6), produzida por volta de 1290 (Ibid., p. 53) Estas cartas continuaram a ser produzidas pelos judeus em Barcelona e Maiorca à serviço dos reis de Aragão. Os judeus que permaneceram na península ibérica, receberam contribuições significativas dos muçulmanos e cristãos. (ibid., p. 57) As características destas cartas são: linhas costeiras bem detalhadas, e uma rede de linhas de rumo, um tracejado que atravessa todos os meridianos de longitude no mesmo ângulo, indicando as direções da incidência dos pontos cardinais principais. (CARTWRIGHT; GARTNER; LEHN, 2009, p. 150) Estas cartas eram

Concebidos por e para marinheiros, baseados na utilização do navio como instrumento de levantamento de informação, os portulanos melhoram de forma evidente o conhecimento dos litorais. (CLAVAL, 2006, p. 35)

Thrower (2007, p. 64) relata que a produção de cartas portulano ocorre durante a exploração das áreas pouco conhecidas ou desconhecidas. É a época das grandes navegações, que se inicia após a "descoberta" de Algarve pelo rei de Portugal, Henrique o Navegador, Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio e seu sobrinho Juan Vespúcio e muitos outros navegadores eram também cartógrafos à serviço dos países da Europa, como Portugal, Espanha, Itália, Holanda, França e Inglaterra. Se dizia que um lugar não tinha sido verdadeiramente descoberto, até que fosse mapeado para ser alcançado novamente.

Figura 6: Carte Pisane



Fonte: (WIKIPEDIA)

A "descoberta" de Colombo pode ter resultado da vontade de buscar um caminho para a Ásia pelo ocidente após entrar em contato com o protótipo do globo mais antigo que se tem conhecimento, o *erdapfel* de Martin Behaim de Nuremberg, finalizado em 1492, que era um globo cortado em gomos que incorporava os conhecimentos obtidos por Marco Polo aos mapas ptolomaicos, cuja distância entre Europa e o leste da Ásia é relativamente estreita. (Ibid., p. 65) Thrower explica que apesar de o globo ser a forma mais eficiente de representação da Terra, ele não se presta tão bem a todos os propósitos, como a navegação, nele não é possível ver o

mundo todo em uma olhada, neste caso dos gomos do *erdapfel*, os cortes nos meridianos causam problemas de leitura. (op. Cit.)

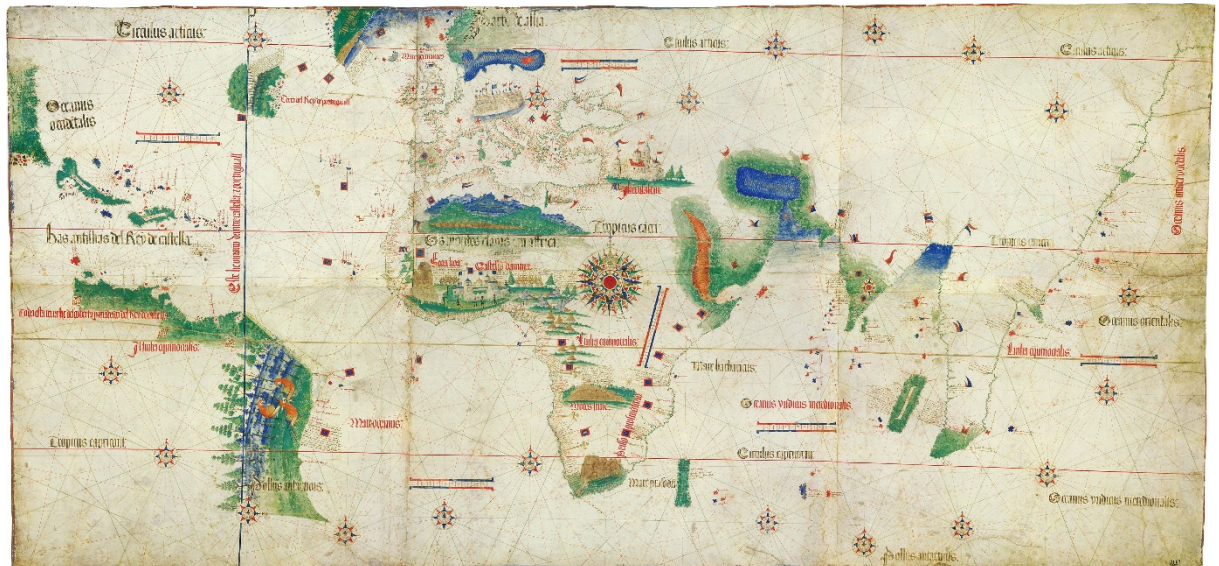
Além da recuperação dos textos de Ptolomeu e das grandes navegações, um outro grande desenvolvimento favoreceu a difusão dos conhecimentos geográficos, especialmente ao norte dos Alpes: a prensa. A tecnologia, que mais do que baratear a impressão, favorecia uma reprodução mais fiel, especialmente importante nos mapas. (ibid., p. 59) A impressão em placas de madeira (xilografia) permitia inclusive imprimir em 2 ou 3 cores. Mas a impressão com placas de cobre (calcografia) não a favorecia, resultando na pintura à mão de suas cartas. Thrower explica que por muito tempo mapas impressos e manuscritos conviveram lado a lado, às vezes sendo produzidas pelos mesmos cartógrafos. (Ibid., p. 66)

Havia além da prensa, uma cultura visual ao norte dos Alpes. Gomes (op. Cit.) esclarece que as pinturas do norte já não expressavam somente os feitos heróicos do homem realizador, elas eram centradas no homem comum e a imagem era então produzida como cartografia. (GOMES, 2017, p. 29) Tanto pinturas, como cartografia são instrumentos de conhecimento que não necessariamente prescindem da mediação de um texto; onde tudo o que existe merece atenção. Este traço cultural propiciou um mercado de pinturas e cartografia estimulando ainda mais o advento da representação do mundo, junto a invenção de lentes e aparelhos ópticos dos Países Baixos. (GOMES, 2017, p. 30–31)

Os incrementos progressivos na representação do mundo são notados na cronologia de diversas produções cartográficas da época. Thrower, no livro citado, analisa diversas produções cartográficas com a preocupação de explicar suas motivações, seus atributos e suas respectivas projeções. Um destes é o mapa ptolomaico de 1486, impresso em Ulm (Alemanha), que incorpora o trabalho feito por Claudius Clavus em 1427 melhorando a representação da Escandinávia. A Terra é representada em uma projeção cônica que traz paralelos e meridianos, exagerado na extensão longitudinal, assim como o trabalho do diretor da biblioteca de Alexandria no qual é inspirado, a Europa ultrapassa 180° de longitude, mas traz uma inovação: suas latitudes apresentam as horas do dia mais cumprido do ano, incorpora também 12 rumos dos ventos, dos 4 que os gregos tinham pensado que mais tarde serão ampliados para 32. (ibid., p. 60)

No manuscrito do planisfério Cantino (1502) (Figura 7), de autoria desconhecida e contrabandeada de Portugal para o a Inglaterra por Cantino. Em estilo portulano, está representada a delimitação do tratado de Tordesilhas de 1494, a 900 milhas náuticas para o oeste de Cabo Verde. (ibid., p. 69)

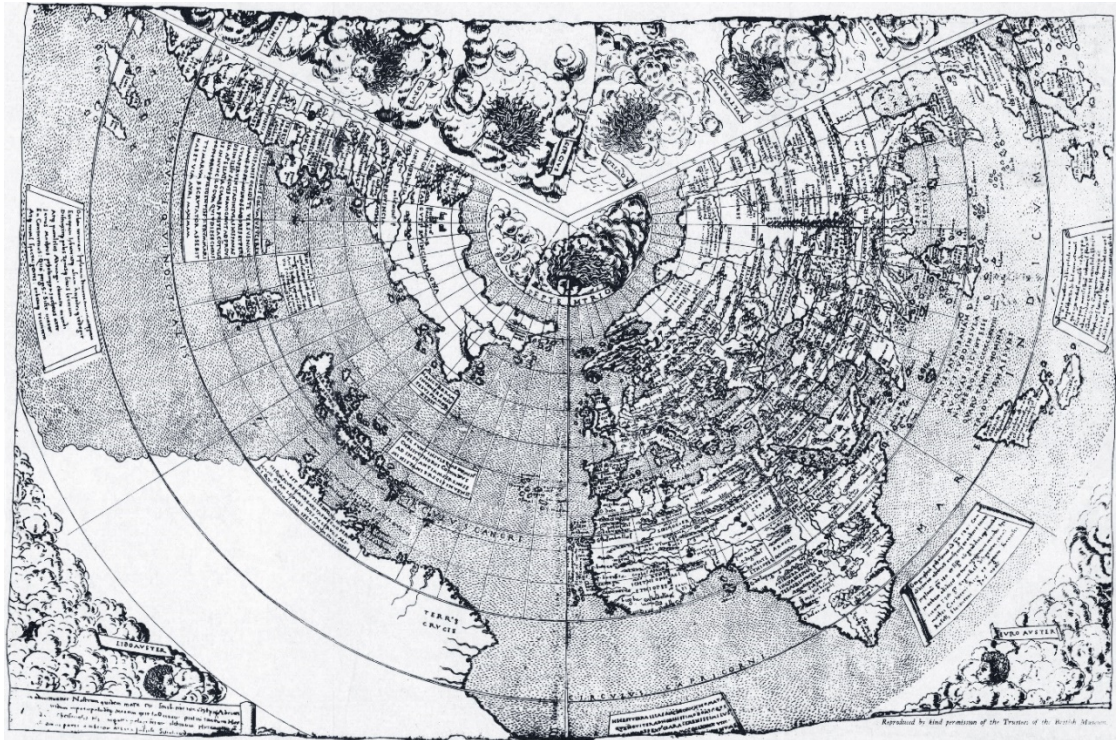
Figura 7: Planisfério Cantino



Fonte:(WIKIPEDIA)

Na projeção azimutal do mapa de Contarini-Roselli (1506) (Figura 8), centrada no círculo polar ártico, o Japão está logo à oeste de Cuba, refletindo as ideias geográficas de então. (ibid., p. 71)

Figura 8: Planisfério em projeção azimutal de Contarini-Roselli (1506)



(CONTARINI, ROSELLI, 1506) Fonte: (BRITANNICA)

Relata o mapa-múndi em projeção cordiforme de Waldseemüller de 1508 (Figura 9), que é considerado o responsável pela fixação do nome do continente "descoberto", pois foi o primeiro a descrever o novo continente com o nome de América, em homenagem a Américo Vespúcio, o primeiro navegador a reconhecer que se tratava de terras distintas às das Índias; o navegador também está representado na parte superior do mapa, acima do continente e, do seu lado direito, a figura de Ptolomeu. (ibid., p. 71-74)

Figura 9: Mapa de Waldseemüller (1508)



(WALSEEMÜLLER, 1508) Fonte: (WIKIPEDIA)

A carta de Diego Ribeiro de 1529 (Figura 10), com a costa leste da América bem delineada, mas não a oeste, por falta de exploração desta. Seria muito similar ao do *Padron general*, mapa mestre que hoje está perdido, sobre responsabilidade de Américo Vespúcio, que em 1508 se tornou supervisor dos mapas e cartas da *Casa de la Contractación de las Indias* em Sevilha. Um dos propósitos do mapa era revisar o tratado de Tordesilhas. (ibid., p. 75)

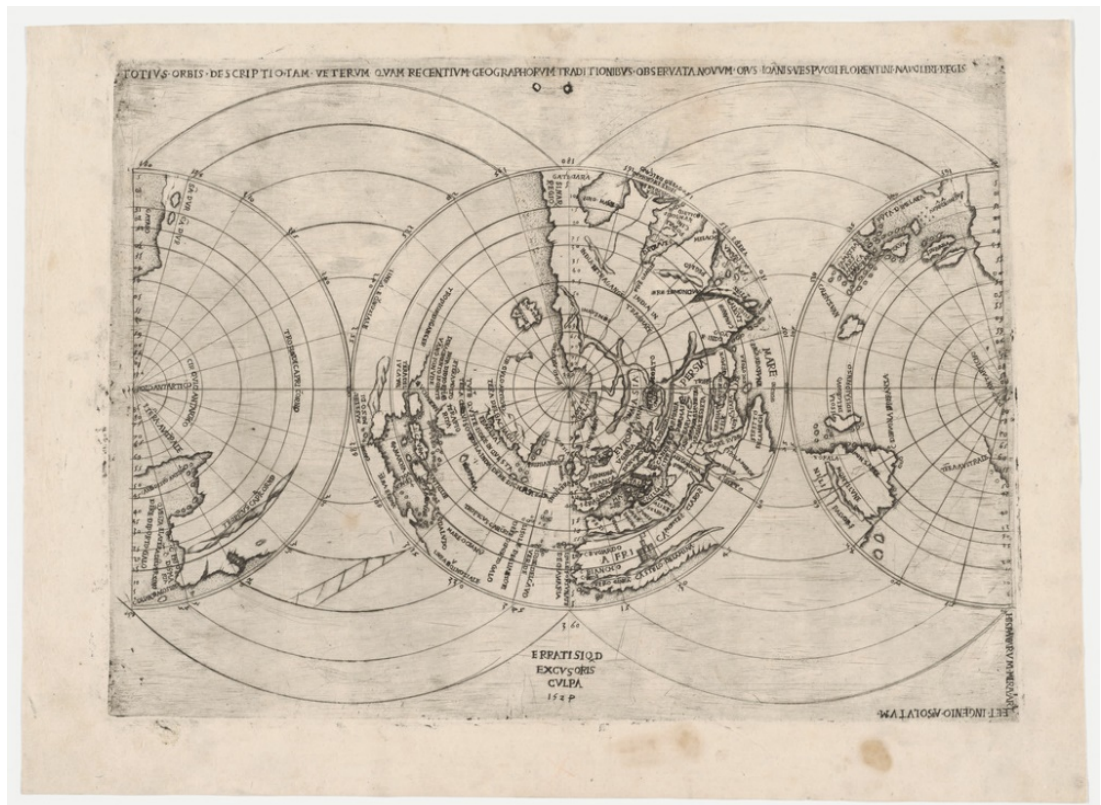
Figura 10: Carta universal en que se contiene todo lo que del mundo se ha descubierto fasta agora (1529)



(RIBEIRO, 1529) Fonte: (MAPASHISTORICOS)

Outra carta que vinha tentar resolver disputas territoriais, mas nas ilhas Molucas, das Índias do leste, foi confeccionado após a circum-navegação de Fernão de Magalhães, é o da dupla projeção hemisférica de Juan Vespucci de 1524 (Figura 11), que é inspirada na projeção azimutal de Maggioli de 1511. O sobrinho de Américo marca e nomeia a linha equatorial, os trópicos, o círculo ártico e antártico. (ibid., p. 75)

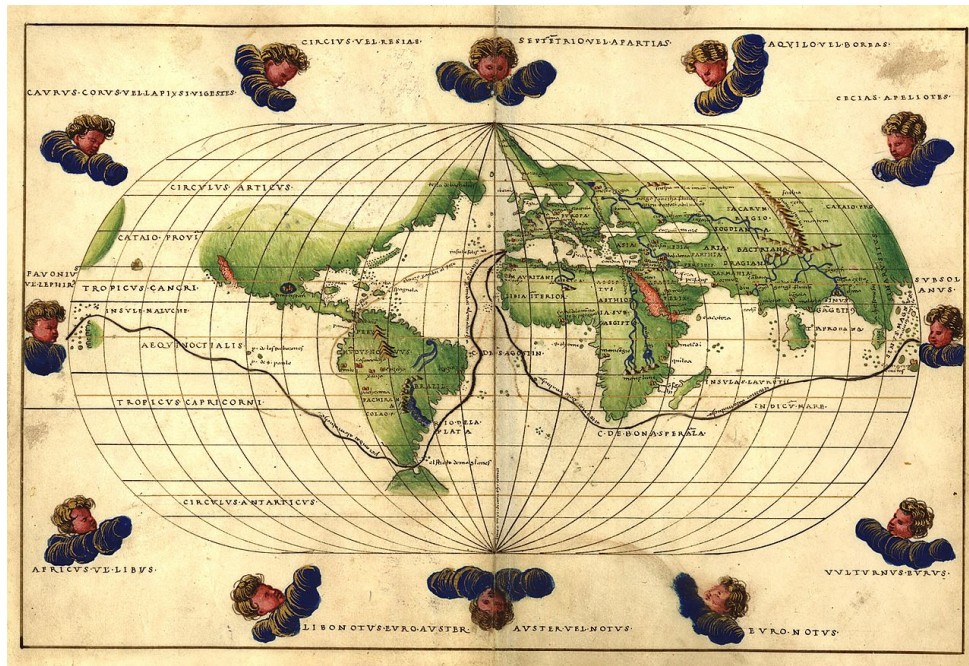
Figura 11: Mapa-múndi de Juan Vespucci (1524)



(VESPUCCI, 1524) Fonte:(HARVARD)

O planisfério do veneziano Battista Agnese de 1544 (Figura 12), comissionado por Carlos V, traça o caminho de circum-navegação de Magalhães e de Elcano em uma projeção ovóide, onde apresenta o estreito de Magalhães, o rio Colorado e a Baja Califórnia. O trabalho conta com contribuições de Hernán Cortés e seus oficiais. (ibid., p. 76)

Figura 12: Mapa Planisfério de Agnese Battista (1524)



(BATTISTA, 1524) Fonte: (WIKIPEDIA)

Contudo, um dos marcos mais importantes é o mapa produzido por Gerardus Mercator em 1569 (Figura 13), a projeção conforme que leva seu nome resolve um grande problema enfrentado por fabricantes de portulanos ao representar linhas dos ângulos que devem ser seguidos nas bússolas, os azimutes nos mapas. Inspirado no trabalho de Erhard Etzlaub (Figura 14), fabricante de instrumentos de Nuremberg que produziu duas tampas de bússolas, em 1511 e 1513, representando a área que vai do norte da África ao norte da Europa. Orientados para o sul, seus paralelos do 0 ao 64° N são representados com gradação incremental. Através deste mapa, é possível seguir os ângulos da bússola. A carta de Mercator era verdadeiramente uma carta marítima, que na ausência de explicação por seu autor precisou ser explicada pelo matemático inglês Edward Wright em 1599. (ibid., p. 77) A carta de Mercator de 1569, mostra com mais detalhes a costa oeste da América. Representa as costas da Ásia com muito maior precisão, graças as explorações dos portugueses, e mostra ainda o território que seria a *Terra Australis* que remonta a Crato, que perdura até as "descobertas" por James Cook no final do século XVIII. (ibid., p. 80)

Figura 13: Mapa *Nova et aucta orbis terrae descriptio ad usum navigantium emendate accomodata* (Um novo e ampliado mapa do mundo adaptado às necessidades dos marinheiros)



(MERCATOR, 1569) Fonte: (MEDEA)

Figura 14: Ilustração da tampa de bússola de Erhard Etzlaub



Fonte: (WIKIPEDIA)

Além das cartas em folhas, um outro instrumento cartográfico era produzido e consumido. É a idade dos Atlas, que inicia com o amigo e rival de Mercator, Abraham Ortelius (1527-1598), da Antuérpia, que produz e lança o *Theatrum orbis Terarum* em 1570. O gênero cartográfico que reúne mapas já vinha sendo feita desde Ptolomeu, ele recebe o nome graças ao uso de uma imagem da figura mítica de Atlas com o mundo em suas costas na obra do francês Pêrac Lafréry em meados do século XVI, mas é consolidado pelo uso do nome com Mercator posteriormente. O *Theatrum*

era uma compilação de muitos cartógrafos que dava os devidos créditos a estes e apresentava os mapas em um formato uniforme. (ibid., p. 81) O *Theatrum* foi publicado em diversas línguas e inspirou muitos outros.

Um Atlas que teve grande sucesso é *De Spiegel der Zeevaedt* de 1584, criado por Lucas Janszoon Waghenauer (c. 1534-c.1606), que incorporava diversos manuscritos dos italianos e holandeses, e cujo autor se tornou sinônimo de carta marítima, os *Waggoners*, como o gênero é referido em inglês, demonstrando a tradição das cartas náuticas dos holandeses. (ibid., p. 85) Um destes Atlas era o *Arcano* de Robert Dudley, publicado na Itália em 1664, que usava a projeção de Mercator em todas as cartas. (ibid., p. 84-85)

A revolução científica que ocorre a partir do século XVII, confere ainda mais precisão à cartografia, como explica Thrower (ibid., p. 92-101.) Nicolas Copérnico (1473 -1543) afirma que a Terra é um planeta esférico, em 1543; o que revive a teoria heliocêntrica proposta séculos antes por Aristarco. São contribuições como os dos trabalhos de Gemma Frisius (1508-1555) (mestre de Mercator), em 1533, sobre triangulação para localizar um lugar, com raios que se interseccionam; da prancheta relatada por Leonard Diggs (c.1515 – c.1559) em 1571, servindo para traçar mapas enquanto se navegava; das diversas, tabelas que foram compiladas, como a Tábula Rudolphina de Johannes Kepler (1571-1630) em 1627, que permite calcular a longitude pela observação da posição da órbita da lua em relação a uma estrela conhecida; do relógio de pêndulo construído em 1657 por Christian Huygens (1629-1695), que encontra a teoria proposta por Galileo Galilei (1564-1642), sobre determinação da longitude pela observação em pontos fixos; além de bússolas e hodômetros melhores; no final do século XV, o teodolito, que permite a medição dos ângulos horizontais e verticais simultaneamente. Além de instituições como *Royal Society of London* ou a *Academie Royal des Science* ilustram a importância dada ao desenvolvimento das ciências; assim como a discordância sobre o formato da terra dos dois lados do canal da Mancha. Newton do lado dos ingleses defendendo antes de ser comprovado, se tratar de um geóide com os polos achatados ou uma esfera perfeita.

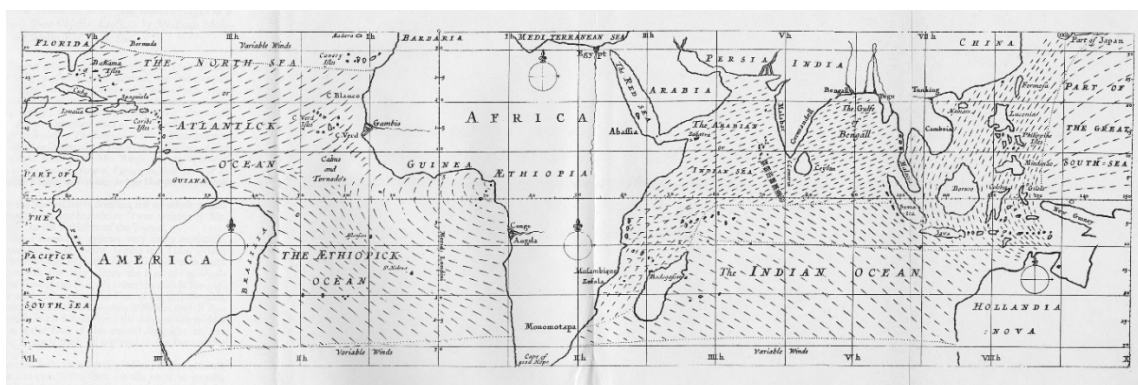
Alguns desenvolvimentos de instrumentos cartográficos que ocorrem nesta revolução científica são os mapas cadastrais, especialmente importantes em uma época de crescente nacionalismo e "plantio" de colônias. (ibid., p. 92-94). Por

exemplo, o célebre estatístico William Petty (1623-1687) que foi responsável por mapear a Irlanda em 1655-1656, cartografando limites de propriedades, florestas, montanhas, precedendo os mapas de uso do solo e dando origem aos mapas de condados, espécie de mapa fundiário.

Outros mapas descritos por Thrower são aqueles de rotas, relacionando as distâncias da capital às cidades maiores, como o *Britannia* (1675) do escocês John Ogilby, mapas temáticos, como os de Halley, hidrográficos, como aqueles produzidos pela *East Índia Company* (Companhia das Índias Orientais inglesa); e topográficos, como os de Cassini.

De particular interesse para nosso estudo, pensando nos livros analisados, são as reflexões e instrumentos cartográficos feitos por Edmond Halley (1656- 1742). Sobre suas cartas, Thrower relata que após ele se tornar editor do jornal *Philosophical Transactions* da Academia Real de Londres, o astrônomo que dá nome ao cometa por prever a regularidade de sua passagem, produz um mapa em 1686 (Figura 15) que é considerado a primeira carta meteorológica. Ela mostra a direção predominante dos ventos sobre o equador: os alísios, que na zona equatorial sopram de leste à oeste. A sua carta representa uma nova tendência, de ser um mapa temático, que serve para ilustrar um fenômeno específico. Ele também protagoniza a primeira viagem puramente científica em 1698, patrocinada pela Sociedade Real, quando estuda a declinação magnética produzindo o mapa de 1701 que representa o fenômeno em isógonos, cujas isolinhas, são pontos conectados que possuem a mesma intensidade do fenômeno. Outra de suas contribuições é a carta de 1702 sobre o Canal da Mancha, que provê um método de calcular a cheias das marés, e melhora a forma de se produzir mapas enquanto se navega ao tomar os ângulos a partir do sol, ao invés da bússola. (ibid., p. 95-101)

Figura 15: Map of Trade Winds (Mapa dos ventos alísios)



(HALLEY, 1686) Fonte: (WIKIPEDIA)

O mapa de Halley de 1701 não é o primeiro a juntar fenômenos de mesma amplitude em linhas. O trabalho de Bruinss em 1584 e outro de Ancelin em 1697 apresentam linhas isóbaras (linhas de igual profundidade da água). (ibid., p. 101) Princípio que será usado posteriormente para traçar as curvas de nível em mapas topográficos. Thrower explica que a técnica da hachura que era a preferida para representar altitudes. (ibid., p. 113) No entanto, mesmo a técnica da hachura só foi sistematizada em 1799 por Johann G. Lehmann (1765-1811), a despeito de ser uma técnica qualitativa, por não possibilitar a leitura da elevação absoluta, sendo meramente um efeito em três dimensões, simulando a iluminação e sombreamento. (op. Cit.) Além disso, o geógrafo nos lembra sobre a dificuldade da representação oblíqua em um plano zenital, como as dos pequenos montes, por esconder aspectos que ficam encobertos. Por isso, as vantagens da representação em curvas de nível. Sendo então o uso mais antigo deste tipo de técnica realizada em 1791 pelo engenheiro francês Jean Louis Dupain-Triel (1722-1805). (ibid., p. 114)

Antes disso, a topografia que se desenvolvia à largos passos na França com Jean Dominique Cassini (1625-1712), que se recusava a acrescentar qualquer lugar as suas cartas que não tivessem sido determinados por meios astronômicos, incorporava a trigonometria nas medições. (ibid., p. 110) Devido aos seus trabalhos, que os europeus finalmente souberam a extensão longitudinal do mediterrâneo, e suas tabelas das revoluções das luas de Jupiter permitiam determinar a longitude. (op. Cit.) A pedido de Colbert, Cassini inicia o mapeamento da França e seus filhos continuam o seu trabalho cartográfico apoiado em triangulações, concluindo as 182 folhas na escala 1:86.400 em 1793. (ibid., p. 111)

Apesar de diversas cartas de marear ou hidrográficas, ainda haveria um problema relativo as técnicas de navegação, a dificuldade de se localizar em mar persiste até a segunda metade do século XVIII. Muitos esforços foram reunidos para que se conseguisse uma maneira rápida de se saber onde se está. Como vimos, a latitude pode ser conhecida por medição angular dos astros que se tem referência e o horário do dia. Mas a longitude poderia ser conhecida quando se utiliza a bússola para manter a trajetória, sabendo o horário do ponto de partida e da velocidade média que se realiza. Sem relógios que pudessem segurar o tempo acuradamente, buscava se a latitude conhecida do destino e navegava se acompanhando o paralelo, uma navegação estimada ou "*dead reckoning*". Tal prática se realizava nos tempos de Colombo, é reportada por Shakespeare. (DASH, 2000, p. 5)

Joan Dash escreve o percurso histórico do desenvolvimento de uma forma eficaz de se saber a longitude em mar em seu livro sobre o prêmio da longitude. (DASH, 2000) Explica que qualquer falha na estimativa poderia levar a se perderem e demorarem semanas ou meses para se localizarem, o resultado era um número enorme de baixas, seja por desidratação, desnutrição na forma de escorbuto ou acidentes. (ibid., p. 7) Entre os muitos relatos sobre acidentes e tragédias, o Litchfield, que se choca com as rochas às 6 horas da manhã em 1758 na Costa do Norte da África, poucos sobrevivem entre os destroços do navio; ou a grande tragédia de 22 de outubro de 1707 em que 21 navios se chocaram contra os recifes perto da ilha Scilly, se estima que até 2000 homens morreram. (op. Cit.)

De modo que as grandes potências navais ofereceram prêmios para quem conseguisse resolver este problema. Assim é o caso do *Royal Observatory* (Observatório Real) em Greenwich, na Inglaterra, fundado em 1675. O parlamento britânico aprovou um ato em 1714 oferecendo 20.000 libras (12 milhões de dólares) a quem inventasse uma forma de determinar a longitude em alto mar de forma prática. E além dos esforços para determinar a longitudes por meios puramente astronômicos, havia aqueles de desenvolver um cronômetro marítimo que pudesse transportar as horas com precisão.

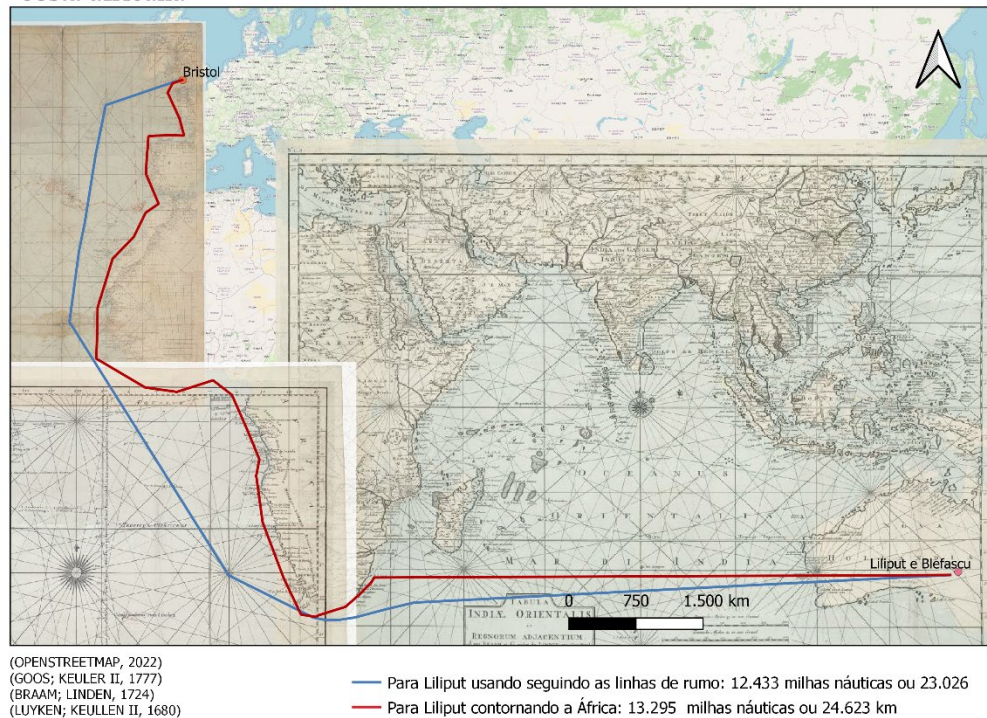
Concorrendo com as tabelas lunares que serviam para calcular a longitude, mas que exigiam vasto conhecimento em astronomia e matemática (ibid., p. 126), o prêmio foi reclamado por John Harrison, um relojoeiro autodidata que dedicou parte de sua vida a desenvolver seus cronômetros marinhos, primeiro em madeira,

posteriormente usando uma mistura de metais para evitar os efeitos da dilatação perante o calor e contração no frio. Seu H-1 foi levado a um teste não oficial em 1736, quando retornavam para a Inglaterra, 3 semanas depois de partir de Portugal, enfrentando uma neblina densa, o horário do equipamento ainda estava certo e diante das discussões de onde estariam, calculando a longitude com o horário do cronômetro, Harrison foi capaz de acertar que estavam na ilha Lizzard. (Ibid., p. 71) O teste mais importante, foi, contudo, na segunda expedição de James Cook, que no início da viagem preferia as tabelas lunares, mas que ao comprovar a eficiência do equipamento, acabou chamando-o de "nosso guia fiel" e botou o à prova quando navegou de maneira direta do Cabo da Boa Esperança para a ilha de Santa Helena ao invés de fazer o caminho usual de achar a latitude da ilha e navegar o paralelo até encontrá-la. (ibid., p. 170-172)

Apesar de ultrapassar o tempo das histórias e até da vida dos autores destas, consideramos estes parágrafos acima necessários para contextualizar a grande dificuldade que existia na época em que as obras literárias analisadas foram escritas, que devido às prioridades dos autores, talvez não fiquem aparentes. Um exemplo disso, pode ser percebido ao contrastar as distâncias para Liliput (da história de Gulliver) seguindo as linhas de rumo ou contornando o litoral. (Figura 21) Ao contornar todas as costas com *dead reckoning*: 13.295 milhas náuticas ou 24.623 km; ou quando se segue as linhas de rumo: 12.433 milhas náuticas ou 23.026 km. Se economiza tempo ao diminuir 1.597 km, mas para isso, se faz necessário determinar a longitude em viagem. O mapa a seguir foi elaborado por sobreposição e georreferenciamento das folhas no software de código aberto QGIS e os respectivos mapas utilizados são mostrados e citados abaixo.

Figura 16: Mapa de comparação da rota para Liliput seguindo as linhas de rumo ou contornando a costa africana

Comparação da rota para Liliput seguindo as linhas de rumo ou contornando a costa africana



(STRAUSS, [s.d.])

Retornando aos meios de entrar em contato com o conhecimento geográfico, além dos mapas, há os textos das narrativas geográficas. Dentre os relatos dos viajantes, citados por Thrower e Claval, estão dois autores, cujos textos temos acesso, e que nos permitem ter uma perspectiva dos gêneros textuais das narrativas de viajantes do Renascimento: aqueles de Frei André Thevet (1502-1590) e do Pregador Richard Hakluyt (1553-1616), cujos trabalhos são datados de 1550 e 1590, respectivamente. Inclusive sabemos de interações entre ambos, como no caso do frontispício do Codex Mendoza citado (Figura 3), que foi vendido por Thevet para Hakluyt, como relatou Thrower. (op. Cit.).

Ambos os religiosos retomam a narrativa do trabalho divino da povoação da terra, mas não se limitam ao religioso. O clássico está presente na forma que Thevet e Hakluyt citam Estrabão, Ptolomeu, Hiparco etc.; inclusive corrigindo os, como a noção de zona tórrida próximo ao equinócio, que seria inabitada, contestada por Thevet, que afirma que todas as áreas são habitadas. (THEVET; PINTO, 2018, p. 137)

Apesar de alegar que "Deus dotou o homem de meios necessários para ocupar qualquer parte do globo" (ibid., p. 21) Quando explica a linha equinocial diz: "As pessoas, oriundas de outras regiões mais bem temperadas, não podem viver muito tempo na Guiné, pois logo adoecem", (ibid., p. 129) pois sendo mal arejada, e tendo as chuvas pestilentas da zona equatorial que fariam adoecer, mas a nota do tradutor esclarece que se tratava, de fato, de escorbuto, falta de vitamina C. (ibid., p. 25)

O frei francês explica diversos conhecimentos usados na navegação, como a noção de linha equinocial, (ibid., p. 133-134) como a correlação entre o calor, chuvas e a vegetação abundante na linha equinocial, além da abundância de peixes nesta latitude. (ibid., p. 135) Algumas noções de instrumentos náuticos são explicadas, como tomar a latitude usando o sol e o astrolábio e também navegar com a bússola. (ibid., p. 399) Quando explica a divisão das Américas em 3, sendo que uma parte de Portugal, outra da Espanha e a terceira não diz de quem é onde explica também o uso do nome Índias, (ibid., p. 389-390)

(...) a América tomou o nome da Índia, isto é, por causa da similitude dos hábitos, ferocidades e barbaria (...) dos nossos selvagens com os de certos povos levantinos. (THEVET; PINTO, 2018, p. 390)

O Francês de fé católica que acompanha as expedições para a *França Antártica, assim chamada América*, mostra no título uma vontade de tomada do território inteiro por parte da França, quando diz que França Antártica "a que outros chamam América", implica que o continente todo é a França, mas que precisa ser efetivado pela conquista. Porém, não se limita as terras do título, relatando também várias peculiaridades sobre outros lugares, como África e Ásia, em suas ponderações. Podemos imaginar como desperta a curiosidade e ganância quando descreve as riquezas dos metais encontrados no Rio da Prata, (ibid., p. 326) sobre as proezas de Magalhães no estreito que leva seu nome, menciona a proeza de Vasco Nunes Balboa no estreito de Darien. (ibid., p. 333) Sobre as diferenças dos nativos do Norte, na terra do Bacalhau (Canadá). São vastas descrições do continente inteiro. Relata e traz desenhos sobre a fauna e flora, a despeito de suas imagens serem muito inferiores aos trabalhos de naturalistas posteriores como os de Van Martius.

Quanto ao trabalho do Inglês Richard Hakluyt, *The principal navigations, voyages, trafiques and discoveries of the English people* hoje apresentados em 16 volumes, mas originalmente em três, foram lançados entre 1590 e 1600, são também motivados por um sentido de conquistas de uma nação. Os livros são organizados por continentes, trazem relatos desde explorações pelo Rei Arthur no volume I, das conquistas históricas da Inglaterra com o rei ao norte, às conquistas dos cristãos em Constantinopla, até a circum-navegação de Drake no volume XVI. Explica os diferentes propósitos da exploração, plantio de colônias cristãs, trocas comerciais. Serve de relato e recuperação de uma moral que incita as descobertas dos ingleses, ao olhar para as conquistas dos portugueses e espanhóis, eles percebem estar menos contemplados; mas ao mostrar os grandes progressos, como a sua circum-navegação com Drake, estimulam a ação.

Aos relatos em latim e inglês nos dois volumes iniciais, se seguem relatos de alguns trechos em espanhol e a maior parte somente em inglês. É interessante observar a forma que Hakluyt se refere a cristandade, como um grupo sem disputas, não confronta católicos e protestantes. E faz parecer que o mundo está ao seu dispor. No primeiro volume dedicado às Américas, Volume 13, Hakluyt revela essa vontade de plantar colônias, que seria mais importante do que as trocas comerciais. (HAKLUYT, 1889, p. 4)

Além das compilações de outros viajantes realizada pelo advogado que tinha muitos amigos, entre eles geógrafos, mercadores e exploradores, como Mercator, Ortelius e Drake, consta que ele é considerado o primeiro professor de geografia moderna na universidade Oxford. (BRITANNICA)

São trabalhos que exemplificam a vontades por partes de um sentimento de utilidade destas descobertas. Além dos títulos religiosos em seus nomes, frei e pregador, nos textos as passagens sobre a fé e sobre a legalidade de fazer negócios com não cristãos. Ambos os textos usam descrições extensas das paisagens dos lugares.

Este gênero de narrativas, dos relatos dos viajantes, continuou a ser produzido nas publicações que mostram os trabalhos de exploradores e trazem descrições sobre as paisagens dos lugares, dos caminhos e adversidades.

Destacam-se os relatos de inglês William Dampier (1652-1715), que é lembrado como aventureiro, navegador, naturalista e ocasionalmente corsário. Publicou livros, ensaios meteorológicos, contribuiu na produção dos mapas de Herman Moll (Figuras 16, 17). *A Voyage to New Holland* de 1699 é um de seus livros, que traça uma rota até a costa oeste da atual Austrália e Indonésia, com o seu retorno para a Inglaterra. Relata vivamente as paisagens, com as plantas animais e comunidades que encontra. Por exemplo, em *A New Voyage Round the World* de 1697, na sua descrição do atual Panama, partindo do Mar do Sul (Caribe) em sua travessia por terra sobre o estreito de Darien, há muitas descrições das paisagens da mata, das cidades, dos modos de se localizar, ao escalar uma árvore na floresta equatorial para poder se orientar e localizar o vilarejo; além das disputas com os espanhóis; bem como infortúnios até que chegam no Mar do Norte, do pacífico à oeste do atual Panama. (DAMPIER, 1999, p. 29–35)

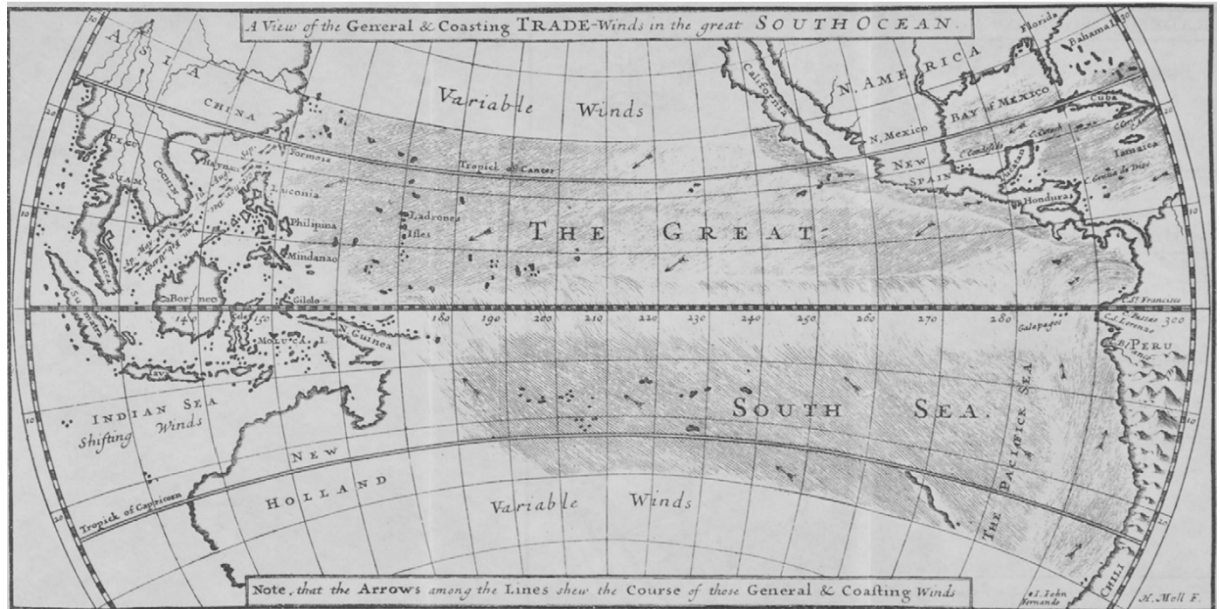
Joseph Shipman (1962) comenta que Dampier é frequentemente redescoberto e citado por meteorologistas e botanistas e zoólogos sobre a pertinência de suas observações para as suas respectivas ciências. (SHIPMAN, 1962, p. 3) Shipman descreve que ele cuidava muito para conservar as suas anotações, inventando uma forma de transportá-las dentro de um bambu, com cera, para que não molhassem, as descrevia como a sua posse mais valiosa. (ibid., p.6)

Shipman explica também (ibid., p. 7) que suas aventuras serviram de inspiração para Daniel Defoe e Jonathan Swift. O primeiro, por ser o capitão do navio que abandonou Alexander Selkirk, o homem que inspirou Robinson Crusoé, e por ser o navegador do navio que o resgatou. Inspirou também a personagem Sexta-Feira, por ter levado dois nativos para a Inglaterra, um indígena da terra dos Mosquitos e outros, nativo tatuado. E a história de Gulliver, o que é evidenciado quando este é citado logo no início do livro.

O historiador estadunidense comenta também que o ensaio de Dampier sobre os ventos, aparece no mesmo período que os de Edmond Halley. Seu mapa dos ventos alísios, que foi talhado por Herman Moll (Figura 16), é superior ao de Halley, utilizando setas para mostrar a direção, mostrando os meses que estes ventos sopram e dando mais atenção aos ventos costeiros do que Halley. (ibid., p. 9) Também mostra a reversão das monções no mar da Arabia e na baía de Bengala, o que não aparece no mapa de Halley, apesar de discuti-lo em seu texto. (Ibid., p. 10)

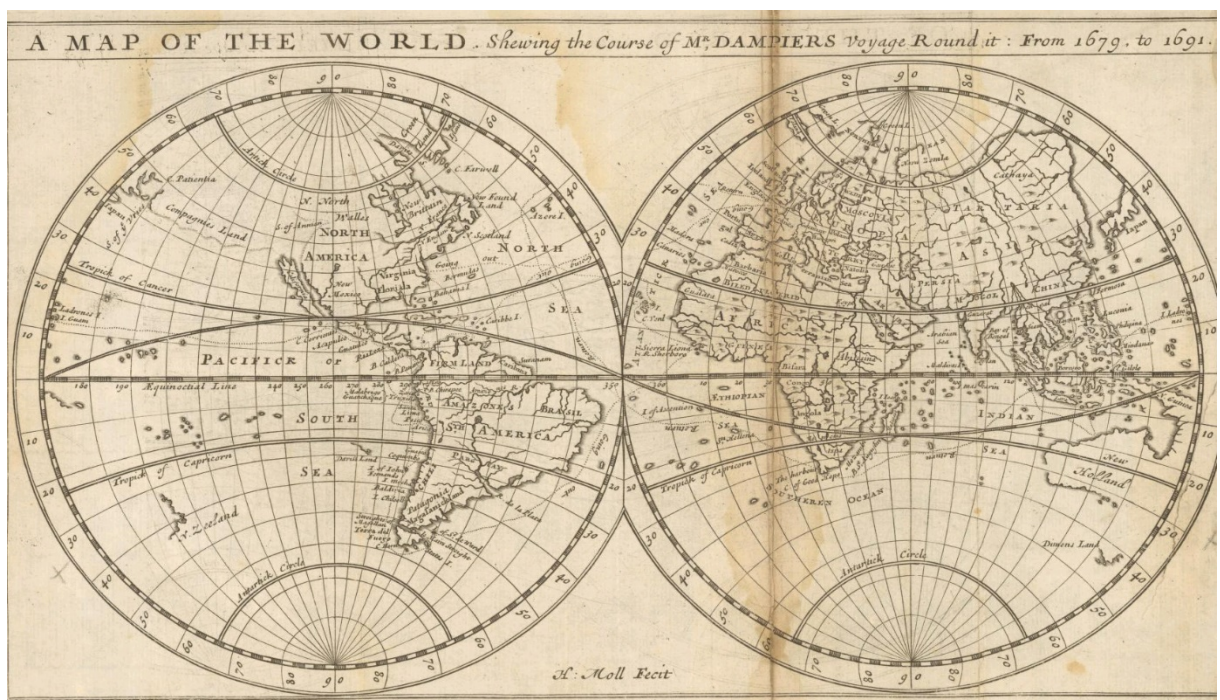
Ao que acrescenta que os livros e mapas de Dampier foram muito mais consumidos do que os trabalhos de Halley. Dampier era conhecido e próximo a vários membros importantes no *Royal Society of London*. (ibid., p.3)

Figura 17: Mapa *A view of the General & Coasting Trade-Winds in the great SOUTH OCEAN* (Uma visão dos ventos alísios principais e costeiros no grande oceano do Sul)



(MOLL, 1705) Fonte: (SEMANTICSCHOLAR)

Figura 18: A map of the world shewing the course of Mr. Dampiers voyage round it from 1679 to 1691 (Um mapa do mundo demonstrando o trajeto da viagem ao redor do mundo do Sr. Dampier de 1679-1691)



(MOLL, 1691) Fonte: (WIKIPEDIA)

Outras contribuições valiosas de Dampier incluem descrições das brisas marítimas e continentais, com os horários destes. (ibid., p. 12-13) Se somam aos seus relatos precisos sobre as tempestades, que equiparam as tempestades tropicais no Atlântico aos tufões na Ásia, os quais descreve vividamente. Associando os tufões aos meses de julho a agosto geralmente perto de ou na lua cheia. Dampier explica que os ventos mudam da característica, da direção de S.W para N. e N.E. e surgem nuvens escuras no N.E. durando aproximadamente 12 horas em que raios e trovões acompanham as chuvas pesadas. O vento se acalmando, e o mar tornando-se plano por uma hora até que o vento sopra de SW quando chove e venta tão fortemente quanto antes. (ibid., p. 17)

Na difusão do conhecimento das descobertas de novas terras, houve um processo circular em que a mudança de percepção criava demanda por novos textos e imagens, como advocal Buckhardt. (apud Mayhew, 2002, p. 352) A informação que era coletada pelos exploradores ia se acumulando, não necessariamente modificando a estrutura. Em meados do século XVI, estimulava uma transformação maior nos livros do que nos mapas explica Robert Mayhew (MAYHEW, 2002, p. 355), cujo impulso o autor explicará pela pedagogia humanista. Perante o estímulo da educação, a produção de textos de conhecimentos geográficos coerentes e ordenados que incorporassem os novos achados resultava em textos que mantinham os antigos (gregos), mas diminuía a sua importância. As informações em prosa como nos textos de Hakluyt não eram consistentes entre si, havia um desejo de escrever de acordo com um método, que se traduzia por seguir uma ordem rígida para a apresentação de seus materiais. (ibid., p. 357) As nações sendo apresentadas em termos de suas divisões físicas, dos reinos antigos que compunham estes territórios, da religião e história, além de curiosidades das nações. Assim eventualmente a geografia foi se liberando da religião. Descreve o autor que, disso resultaram os dicionários geográficos; pela maneira de organizar a informação disponível. Assim criaram estes dicionários geográficos, *gazetters* ou índice de topônimos, posteriormente chamados de gramáticas geográficas, no século XIX (ibid., p. 363) Essas formas permitiam acrescentar informação facilmente quando era produzida sem perturbar o restante do livro. (ibid., p. 367)

Estes dicionários geográficos, índices de topônimos ou quadros geográficos seriam a fundamentação de uma geografia escolar que repete os mesmos aspectos

para cada lugar, que concordamos com Claval, se torna enfadonha por ser repetitiva e carecer de tensão dramática. (CLAVAL, 2014, p. 95) De modo que seria possível, fazer um paralelo com o seminal trabalho de Yves Lacoste (LACOSTE, 2005), onde explicita como a geografia em sala de aula, repetitiva e maçante e que mascara um dos propósitos mais importantes desta ciência. *A geografia, isto serve em primeiro lugar para fazer a guerra.*

Por isso, se já não havia ficado óbvio nos textos de Claval e de Trower aqui citados, além da menção do argumento de Lacoste, podemos aprender de um dos estudiosos da história da geografia e cartografia mais críticos à forma que a narrativa da conquista do mundo foi naturalizada pela cartografia. John Brian Harley aborda aspectos importantíssimos a respeito dessa linguagem. Que os mapas como produções culturais, precisam ser estudados no seu contexto de produção, quem são seus parentes e seus leitores. (HARLEY; ANDREWS, 2002, p. 53) Pois, os mapas são instrumentos do poder dos Estados-nação; que estes criam os mapas antes, durante e depois de suas conquistas, como ocorre na condução tática da guerra. (ibid., p. 57) Os mapas aliviam o sentimento de culpa pelas linhas silenciosas da paisagem; são o instrumento que separa as propriedades dos homens livres e dos escravos. (ibid., p. 60) Que mapas criam distorções deliberadas ou por ação inconsciente; no primeiro caso, por ação burocrática, pelo mercado, pelo modo da representação, pela projeção escolhida, pelas cores que evidenciam e omitem, pela visão geopolítica unilateral ou por censura cartográfica. Dentro das supressões e pelas escolhas, privilegiando as línguas, "raças" e religiões dominantes que são representadas enquanto ignoram as outras, incluindo os seus topônimos. (ibid., p. 63-65) Quanto as distorções inconscientes, é exemplificado pela visão etnocêntrica do "umbigo do mundo"; por exemplo, a posição no centro do mundo e a área da Europa muito maior do que é em relação aos países nas baixas latitudes por ela colonizados, como costumamos ver na carta de Mercator, ao que Harley acredita que Mercator não estava ciente do efeito provocado. (ibid., p. 66-67) Ou seja, o discurso cartográfico é reificador do poder constituído. (ibid., p. 79)

Um bom exemplo, desta reificação das fronteiras constituídas pode ser encontrado no mapa também mostrado por Harley, da Federação Imperial da Grã-Bretanha que mostra os seus territórios em 1886 (Figura 18), pelos emblemas decorativos que mostram todos os povos, feras, plantas. Todas as pessoas olhando

para a Grã-Bretanha na forma de uma monarca mulher que segura um escudo com sua bandeira em um braço e um tridente em outro, enquanto está sentada sobre um globo terrestre, mostrando quem é a dona deste, a nação britânica.

Figura 19: mapa Imperial Federation — Map of the World Showing the Extent of the British Empire in 1886 (Mapa do mundo mostrando a extensão do Império Britânico em 1886)



(CRANE, 1886) Fonte: (CORNELL)

Quando Harley elabora melhor a questão dos silêncios dos mapas, explica que as cartas falam pelo que enunciam, mas também pelo que silenciam. Pois o silêncio é um fenômeno culturalmente motivado que deve ser visto como uma afirmação. (HARLEY; ANDREWS, 2002, p. 85) Apoiado sobre a noção de *episteme* foucaultiana, do intencional e não intencional, da interdição de quem tem acesso ao conhecimento, entende o silêncio como um *a priori* histórico, assim como os aspectos da paisagem ou da vida que são excluídos por determinada *episteme*. (ibid., p. 86-87) E atribui como motivações para os silêncios, aspectos militares, comerciais ou religiosos que refletem as maneiras que a divisão do poder ocorreu no século XVI e XVII na Europa; limitando as operações militares rivais ofensivas e defensivas, ou a oposição interna, por exemplo, ao esconder fortificações. (ibid., p. 89)

Diante da expansão marítima da Renascença, afirma que a essência do império é o controle ou monopólio do conhecimento que possibilita chegar em novas terras e mapeá-las. (ibid., p. 91) Comparando as formas de censura nos países desejosos de formar colônias ou postos comerciais, explica que na Inglaterra, algumas poucas mãos controlam o acesso à informação, assim os textos de Drake foram proibidos até 1588; enquanto Portugal e Espanha penalizavam com a morte e buscavam expulsar genoveses e florentinos de seus territórios. (ibid., p. 91-93) Cita especificamente o *Padrón Real*, da Espanha, que era acrescido de novas informações pelos cartógrafos sempre que os navegadores e pilotos retornavam de suas viagens. (ibid., p. 93)

Igualmente, as companhias mercantis, tal qual a neerlandesa VOC: *Vereenigde Oost Indische Compagnie* (Companhia das Índias Orientais) copiaram as instituições cartográficas espanholas e portuguesas, para satisfazer as necessidades de trânsito e limitavam quem tinha acesso as cartas. Assim também ocorria nas companhias inglesas, como a HBC (*Hudson Bay Company*) que limitou a publicação de suas cartas até o final do século XVIII, eram segredos comerciais cruciais para o sucesso da empreitada. (ibid., p. 94-95)

Os mapas que ajudavam a controlar o espaço, cada vez mais objetivos e sistematizados, ajudavam a preservar e prolongar as verdades estabelecidas, como o autor exemplifica com os pais fundadores dos Estados Unidos. (ibid., p. 99) São também uma promessa de terra sagrada, inspirada em Lutero e Calvino, que combinada com o realismo geográfico, incitam os Europeus do início da modernidade em suas batalhas religiosas/ideológicas. (ibid., p. 100-101)

Por isso, quando afirma que os mapas são perspectivas do mundo na época de sua criação, incita os historiadores e cartógrafos a responderem uma questão que considera crucial: sobre quais os *efeitos de verdade* dos saberes que são expressos nos mapas. (ibid., p. 104)

Deste modo, os responsáveis por estes mapeamentos estavam envolvidos nas empresas que promoveram esse expansionismo, como as companhias das Índias, de Portugal, de Sevilha, da França, da Inglaterra e da Holanda, que foram formadas para levar a cabo a exploração, a ocupação e pilhagem dos recursos disponíveis. São agentes dos Estados europeus que buscavam se estabelecer e

travavam verdadeiras guerras. Não só agentes puramente estatais, mas neste período, é notável o surgimento das empresas apoiados por capitais, assim como as Companhias da Índias EIC, VOC, HBC. Os capitais reunidos que Harvey cita em o *Enigma do Capital* (HARVEY, 2011), na violência que permitiu a acumulação original do capital no fim da idade média:

(...) violência, depredação, furto, fraude e roubo. Por esses meios extra-legais, piratas, padres e comerciantes, complementados pelos usurários, reuniram “poder de dinheiro” inicial suficiente para começar a circular o dinheiro de forma sistemática sob a forma de capital. (HARVEY, 2011, p. 47)

Diante de uma corrida ao ouro, como exemplificado no mito de eldorado, mas também por mercadorias que pudessem trocar, terras que pudessem colonizar. Países europeus aplicavam a máxima atribuída a Maquiavel, de que os fins justificam os meios e defendiam suas conquistas de diversas maneiras. O poder bélico era empregado, mas nem sempre os estados possuíam militares, a ideia de uma força nacional, mantida pelo Estado, integrada por nacionais ainda não havia sido estabelecida no renascimento.

Tampouco a divisão do mundo como conhecemos estava posta. Na formação dos estados nacionais, no estabelecimento de suas fronteiras e seus domínios territoriais, os estados precisaram impor sua autoridade e soberania, nem sempre contaram com seu próprio poder bélico nesta tarefa. Assim como Harley, a cientista política Janice Thomson (1994) aponta que na legitimação de seus domínios, a imposição da força e violência relacionada se realizou com agentes *ad-hoc*, marinhas mercantis, pirataria autorizada até o século XIX, quando passa a ser responsabilidade do Estado ao invés de ser buscada no mercado. (THOMSON, 1994, p. 9)

Na manutenção do poder nos mares e oceanos, uma estratégia usada era o uso dos corsários¹, agentes autorizados pelos Estados a agirem em seus interesses, dividindo o espólio da pilhagem com o Estado e até se tornando uma espécie de marinha. Thomson explica que a prática de permitir que Navios de posse de donos privados agissem em nome do Estado remonta ao século XIII, em 1200 a Inglaterra

¹ Em inglês há diferença entre *privateer*, um agente com autorização dada pelo soberano para operar em seu nome, com *corsair* (corsários), limitados ao Mediterrâneo.

contra a França e contra Portugal em 1295. (ibid., p.22) Relacionado com a falta de recursos de um reino em um primeiro momento, mas que posteriormente foi estendida para incluir retaliação, na forma de *Letters of Marque*, expedida em tempos de paz para buscar equiparação de perdas causadas por estrangeiros em alto mar, pois se entendia que o grupo era responsável pelas ações erradas de seus membros.

Assim, a estadunidense exemplifica como os Estados tiraram vantagem da violência não estatal. A Inglaterra ganhou superioridade sobre a Espanha com seus Cães Marinhos Elizabetanos, que pilharam os espanhóis. Cita especificamente Drake, que recebeu o pagamento de £2.5 milhões como resgate para devolver e não queimar duas cidades tomadas espanholas no Peru, destruindo outras três. Tendo recompensado seus financiadores ao dividir seus espólios com eles, foi também condecorado com a insígnia de cavaleiro real. (ibid., p. 23) Analogamente, explica que para os franceses, tal frota de corsários representava a própria marinha. E tinha como pano de fundo o entusiasmo de Colbert em expandir o comércio de seu país. Eles também saquearam cidades espanholas nas Américas. (ibid., p. 25)

Além de outra importante ferramenta que estimulou o surgimento de marinhas nacionais, que foi o monopólio garantido as companhias mercantis fora da Europa, reunindo o capital privado, e tendo poderes militares, judiciais e diplomáticos. Thomson explica que as companhias mercantis, eram de dois tipos, de comércio e de plantação de colônias. Mas a distinção não era clara, um navio poderia fazer as duas coisas e ainda fazer pilhagem de outro navio em uma viagem. (ibid., p. 32)

Quanto a estrutura destas empresas, havia três modalidades, nacionais, completamente privados e de capitais mistos. As completamente nacionais, como a portuguesa, a espanhola e a francesa, mais interessadas em aumentar o poder do Estado, como a Companhia de Sevilha, que é citada nos exemplos de Thrower e Harley acima. Mas os ingleses começaram a possibilitar o investimento privado através de autorizações, como indicado pelo nome usado em inglês *Chartered Companies*, que tem relação com as permissões que eram pré-requisito para operar e garantiam o monopólio destas Empresas. (op. Cit.) Os ingleses tinham as empresas de comércio como *East Indies Companies* (EIC), operando no oriente e as de plantação de colônias operando no ocidente, como a Companhia de Virginia e o *Hudson Bay Company* (HBC). A Companhia das Índias Orientais neerlandesa (VOC) era de tipo mista, uma estrutura federal, mas que aceitava o investimento de

qualquer interessado, independente de raça, credo, sexo ou nacionalidade. Os neerlandeses priorizaram as trocas comerciais, em sua maior parte estabelecendo sua presença nos portos. Assim, a autora afirma que as empresas como EIC, HBC e VOC são as precursoras das modernas corporações, cujas ações são alienáveis e os acionistas são responsáveis somente por suas ações. (ibid., p. 32)

Estas empresas todas tinham arsenais e marinhas responsáveis pelas suas defesas, travavam verdadeiras guerras contra países e entre si. Além de necessitarem se defender das consequências não intencionais resultantes das atividades dos corsários: que era um grande contingente de piratas, que saqueavam de qualquer um que não fosse de seu país. Pois ao possibilitar estas atividades, os governantes buscavam o melhor de dois mundos; liberdade máxima com responsabilidade mínima, o Estado ganhava uma parte e podia negar que estivesse envolvido. (ibid., p. 43-44) Mas quando acabavam as permissões ou guerras que as autorizavam a pilhagem, muitos permaneciam na atividade sem as permissões.

Outra consequência indesejada, que a autora descreve, é uma explosão de pessoas envolvidas em pirataria que resulta em experiências de *quasi*-estados formados por piratas em Madagascar e Nassau. Que a autora relaciona ao nascimento dos estados nacionais europeus, que usavam o sistema judicial para defender a propriedade privada e disciplinavam quem a desrespeitasse, mas que ao invés da pena capital que se tornava aplicável a qualquer ofensa, perceberam ser mais vantajoso usar esses prisioneiros como mão de obra, com muitos Estados inclusive vendendo seus prisioneiros. (ibid., p. 45) O primeiro exemplo destas irmandades de piratas é aquele que aconteceu em Madagascar após 1693, quando piratas conseguiram capturar 100.000 libras em ouro e prata de um navio mogol, estimulando que outros se juntassem em uma comunidade. Eram mais leais aos seus companheiros do que as nações que se originavam, tinham um forte sentimento antiautoritário, com costumes, língua e bandeiras próprias. A experiência dura até 1702 quando a marinha inglesa é obrigada a combatê-los por pressão do império mogol que alegava que por estarem falando inglês, seriam ingleses. (ibid., p. 48) Este contingente de piratas se realocou para Nassau no Caribe, onde foram combatidos pelos Britânicos até 1718, usando além de ofensivas, estratégias não violentas, como anistiar quem desistisse e permitir que ficasse com seus espólios, ou doavam lotes de terra para os que não tinham tido a mesma sorte. Além disso,

buscaram coibir o comércio das mercadorias roubadas, tomando os navios que fossem pegos com essas cargas. Durante a guerra da Inglaterra e Espanha, muitos se tornaram corsários para a Inglaterra e ao seu término, não encontraram mais abrigo em Nassau, pois o governador Woodes Rogers tinha se aproveitado da ausência deles para reconstruir as defesas da ilha. Em 1718, muitos tentam se estabelecer em Madagascar após o retorno de Nassau, mas sem encontrar um mercado comprador para os espólios, não prosperam. (ibid., p. 53)

No tempo dos livros de Defoe e Swift, podemos supor que a geografia que poderia estar presente em seus pensamentos, nas suas bibliotecas e nas suas vidas, seria mais relacionado aos livros e gêneros textuais, como os de Hakluyt e Dampier, entre outros. Por esta razão, um mapa que teriam em suas posses seria o mapa-múndi duplo hemisférico de Herman Moll, incluso no livro de Dampier (Figura 18), visto que ambos se inspiraram neste navegador. As cartas hidrográficas, mesmo as portulano talvez não fossem tão comuns, mas não seria difícil para dois jornalistas de renome conseguirem tais cartas, a depender de suas vontades.

Pois vimos que essa geografia que serve para fazer a guerra era produzida pelos Estados no processo de construção das Nações, no processo do imperialismo europeu e do colonialismo. Podemos considerar uma relação dialética na forma que as cartas foram fabricadas pelos mesmos que as usavam e conforme as usavam, ampliavam os territórios e os conhecimento sobre estes territórios que precisavam ser defendidos contra outros grupos desejosos de se apropriarem destes que, por sua vez, também fabricavam suas próprias cartas. Na defesa dos territórios, tanto ocultavam conhecimentos estratégicos quanto anunciavam o que lhes pertencia.

Durante o período dos livros de Defoe e Swift analisados, encontramos-nos na transição da primeira para a segunda fase do pensamento geográfico moderno, como explica Moreira (2014). Que seria entre (1) a geografia como saber inventariante e (2) a geografia como veículo de inculcação ideológica. Sendo a terceira fase, a geografia científica, que resulta da industrialização. (MOREIRA, 2014, p. 163)

3. O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO NAS OBRAS

Apesar de Robinson Crusoé não usar o termo "geografia" e Gulliver se referir aos geógrafos, apenas para corrigi-los sobre a posição da Austrália e a distância do Japão até a Califórnia, os conhecimentos geográficos figuram nas explicações de como retornaram, de como sobreviveram. É o fundamento da realidade e a ciência que possibilita se localizar que está contido em diversas de suas reflexões e práticas.

Antes de iniciarmos, um parêntese, com relação às edições trabalhadas dos livros analisados. Diante de histórias tão populares, com tantas versões mais curtas, parece relevante apontar que os livros aqui analisados são edições contendo o texto na íntegra publicadas pelos autores, reeditados pela editora da Universidade de Oxford (OUP).

Em Robinson Crusoé, não há divisão de capítulos e em Gulliver há 4 partes com diversos capítulos. Em nosso estudo, o primeiro livro, tem a sua análise feita junto ao resumo e o segundo livro tem cada resumo das partes seguida pelos respectivos comentários sobre conhecimentos geográficos. No presente exercício se buscou enxergar da perspectiva como se fosse em sua época de produção, mas não excluímos também conhecimentos contemporâneos da ciência geográfica, que receberão maior ênfase no segundo subcapítulo.

3.1. O GEOGRÁFICO NAS OBRAS

As aventuras de Robson Crusoe é o livro que marca o início do realismo inglês. Escrito pelo jornalista Daniel Defoe e publicado em 1719, a história se passa em 1650 apresentando os relatos em primeira pessoa de um inglês, filho de um comerciante de York. O protagonista homônimo ao título que com 18 anos resolve contrariar as expectativas de uma vida cômoda da classe média inglesa e se entrega à sua vontade de explorar o mundo ainda vastamente desconhecido de sua época.

Da maneira que Crusoé descreve o mar, desde o início, tem-se a impressão de um lugar muito arriscado. De um lugar onde não se deve ir se não tiver opção (ter nascido pobre). O lucro que ele busca é financeiro, mas ele tem necessidade de ir se aventurar. Uma pulsão que lhe obriga a continuar em sua aventura. Que irá dizer, um impulso de sua própria destruição. (DEFOE; KEYMER; KELLY, 2007, p. 14)

Quando resolve ir ao mundo seguir a sua vontade, sofre logo em sua primeira viagem para Londres, que dura 14 dias e só chega na metade do percurso, pois o navio naufraga após a segunda tormenta enfrentada. A cidade de Yarmouth, para onde é socorrido, fica só a 105 milhas náuticas/195 km de Hull, para Londres seriam mais 125 milhas náuticas ou 233 km. Temos assim, logo no começo da história uma mostra do que significava viajar naquele tempo: duas semanas para chegar em um lugar que hoje em dia não tomaria algumas horas.

Ao contar ao capitão como foi contra a vontade de seu pai, ouve dele que a destruição do navio foi sua culpa e é amaldiçoado por ele, que afirma que ele só encontraria isso se não retornasse para casa. Mas voltar para casa seria admitir o fracasso e enfrentar a vergonha de seus familiares e amigos. Incerto do que faria, foi por terra para Londres, não reporta o tempo que levou na viagem de aproximadamente 137 milhas (220 km).

Se aventurando para além da Europa, se lamenta por ter ido em sua primeira aventura para a Guiné na condição de cavalheiro, por isso não aprendeu o trabalho no mar. De certa forma, se contradiz ao afirmar que esta viagem o tornou um navegador, pois depois diz que obteve aprendizados em matemática e conhecimentos de navegação do capitão. (ibid., p. 16) Um exemplo destes conhecimentos, mesmo que hoje sabe se errôneo, é similar ao de Thevet (op. Cit.), que vem nas noções de que as baixas latitudes deixariam as pessoas doentes, ao afirmar que isso ocorreu com ele, pelo calor excessivo enfrentado na latitude de 15° N. (ibid., p. 17)

Em sua segunda viagem ele é capturado por piratas em Salé (atual Marrocos), quando tentou repetir sua proeza mercantil de trocar 40 inutilidades por coisas de valor, obtendo 6.9 onças / 167 gramas de ouro. (ibid., p. 17) No que considera a viagem mais infeliz que um homem já fez, pois após a perseguição do navio por piratas turcos na costa do Marrocos, da morte de seus companheiros de viagem e da captura do navio se encontra na condição de escravidão que dura mais de 2 anos. (ibid., p. 18)

Se aproveitando das suas atribuições de ir pescar no mar, elabora planos para a sua fuga e os põe em prática em um momento oportuno, quando sai para pescar para o seu mestre, por isso busca estocar suprimentos suficientes. (ibid., p. 20)

Durante a expedição da pescaria arremessa um mouro ao mar, convence o outro mais novo a ser seu aliado, que torna-se um servo, ou se preferir, um escravizado. O vento soprando de norte e nordeste o impede de tentar ir em direção à Europa (ibid., p. 21), o medo dos selvagens, das bestas e dos homens destas nações o compele e ir bem mais ao sul. Durante os 16 dias velejando próximo a costa, suas necessidades os forçam a se aventurarem em terra firme e com os seus habitantes para conseguir alimento e água fresca.

É sua memória da outra navegação que o estimula a buscar um caminho para onde os navios dos europeus aportam, como é o caso das ilhas Canárias e do Cabo Verde, que Crusoé erroneamente chama de *Cape de Verd*. (ibid., p. 24) Para chegar lá, lamenta não saber nem a latitude que está nem a que precisa chegar, mas lembra da proximidade destas ilhas com as fozes dos rios Gâmbia e Senegal, então busca os para usá-los como referencial. (ibid., p. 26) Ao partir de Salé, em direção ao sul, a distância entre as Canárias e a costa da África é de 97 km, o que torna plausível não ter visto o arquipélago ao passar à leste dele.

Sua aventura de navegador marinho mercantil que foi escravizado toma outro rumo ao ser resgatado para os "Brasis" por um capitão português nas proximidades de uma ilha que acredita ser Cabo Verde. (ibid., p. 29) No território português das Américas, contempla uma vida de senhor de engenho. Para isso, usa o dinheiro que consegue ao vender o barco, as peles e o menino Xury. Ele se instala próximo à Salvador, capital dos Brasis e se dedica por mais de 3 anos a plantar tabaco e cana-de-açúcar.

Em sua vida de senhor do engenho, lamenta-se por ter vendido o menino Xury, devido ao grande volume de trabalho braçal que ele precisa fazer para desenvolver sua plantação. (ibid., p. 31) Por isso, após receber 100 libras que manda buscar na Inglaterra, vende-seus pertences ingleses que relata ter grande apreço e elevado valor, simplesmente pela sua qualidade de serem da Inglaterra. (ibid., p. 33) Com os recursos financeiros adquire um negro e um servo europeu. E após contar para seus vizinhos senhores de engenho sobre as suas viagens à Guiné, das coisas que poderiam ser conseguidas por lá, como ouro e mão de obra escrava, desperta o desejo destes que lhe propõe realizar uma expedição similar; buscariam escravizados para suas plantações ilegalmente, pois as leis não lhes permitiam, e

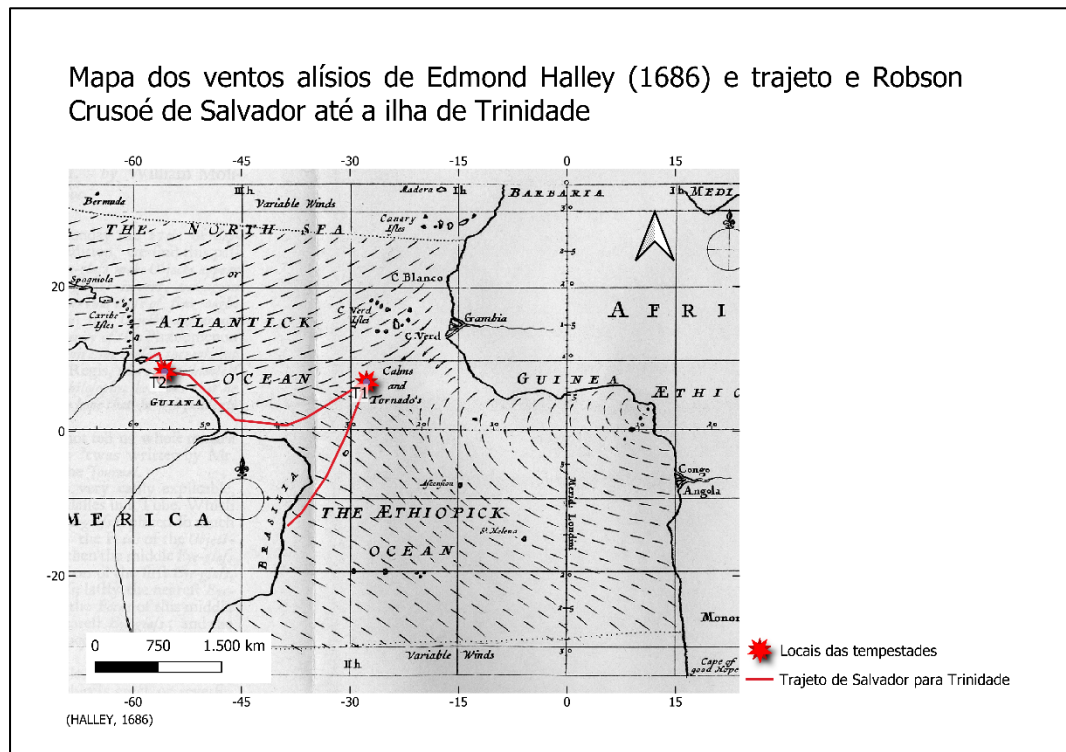
que Crusoé não precisaria nem entrar com uma parte (em capitais) na empreitada, bastaria acompanhá-los. (ibid., p. 33-34)

Esta é a viagem que o leva a sua ilha, no canto oposto do oceano atlântico a que queria chegar, em sua rota inicial passam a oeste de Fernando de Noronha e tomam a direção N-NE, para as ilhas canárias e ao Cabo Verde, mas são interceptados por uma tempestade que os faz divagar para oeste por 12 dias e ceifa a vida de três marinheiros, um pelo calor e dois caem no mar. Os cálculos e estimativas dos companheiros de Crusoé os localizam a 11 ° de latitude norte e 22 ° de longitude a oeste do cabo de Santo Augustino. Consideram que estão entre o rio Amazonas e o rio Orenoco e após estudarem as cartas hidrográficas da costa marinha americana contemplam que seria melhor chegar à ilha inglesa de Barbados, do que tentar retornar ao Brasil com o navio em tão lastimável situação. (ibid., p. 37) Porém ao serem surpreendidos por outra tempestade, quando navegam por entre ela, chamando o mar de selvagem, "*Den wild Zee*", como fazem os neerlandeses, são empurrados para oeste, terra dos temíveis canibais, onde seu navio encalha. (ibid., p. 38) Sua tentativa de chegar com os botes a terra avistada é fracassada pelas ondas que pela violência os faz naufragar. Todos mortos, com exceção de Crusoé que foi um muito castigado mas conseguiu sobreviver, ao tentar múltiplas vezes chegar nadando à areia. (ibid., p. 40-41)

Neste trajeto, pode se intuir o trabalho de pesquisa de Defoe, seja na consulta aos alísios, representados na carta de Halley (1687), (Figura 15), em nossa montagem, seguindo seu itinerário usando a mesma carta (Figura 20) ou aos relatos de William Dampier sobre os ventos alísios ou carta de Moll (Figura 17), que nas baixas latitudes do Oceano Atlântico são o predomínio de ventos sudeste no hemisfério sul, leste próximo ao equador e nordeste no hemisfério norte estes últimos parecem ventos de leste na carta referida, que enuncia no exato ponto da tormenta, "tornados". Ventos que influenciam muito a navegação nas baixas latitudes, especialmente diante do paradigma técnico de então, equipamentos dependentes das forças da natureza, o que L. Mumford chamaria "técnicas intuitivas que utilizam a água e o vento, vigente até cerca de 1750" (apud SANTOS, 2002, p. 172). O esforço dos senhores de engenho/marinheiros no sentido de ir transversalmente com relação aos ventos, ao invés de diretamente enfrentá-los. Um procedimento necessário com a navegação à vela. Em oposição aos motores à vapor que

começam a se popularizar no final do século XVIII. Além da carta de Halley, possivelmente, seria possível inferir a leitura de Richard Hakluyt, da forma que descreve os grandes rios, no volume 15, na terceira parte dedicada às Américas, ele descreve o rio Orenoco em diversas passagens.

Figura 20: Mapa dos ventos alísios de Edmond Halley (1686) e trajeto de Robson Crusóe de Salvador até a ilha de Trinidad



(HALLEY, 1687), (STRAUSS, [s.d.])

Eis que começa a parte da história mais comumente lembrada. Na ilha que Robson Crusóe afirma ser Trinidad (ibid., p. 181) pela proximidade do Orenoco, mas que pelo trajeto descrito poderia ser outra também, ele irá sobreviver ao longo dos 28 anos seguintes. Diante de vários desafios, emprega várias estratégias, muitas delas geográficas.

Com o navio ainda encalhado no mar, e em sua maior parte inteiro, Crusóe busca objetos para poder sobreviver naquele lugar remoto, conseguindo ferramentas e suprimentos, como alimentos, armas e pólvora, bebida e até umas moedas que sabe serem inúteis, mas de qualquer modo, os leva em jangadas improvisadas. (ibid., p. 42) Assim como fez na costa Africana, para poder acessar a terra, sabe que é o rio que o permite chegar sem tanta turbulência do mar. (ibid., p. 44) Então acessando a ilha pelo rio nas pequenas jangadas que constrói, das madeiras e velas que acha no navio, para carregar os objetos que julga útil e que consegue transportar

em 12 dias, dependendo da maré cheia para poder voltar. Até que uma tempestade leva embora o navio para mais tarde ressurgir destruído, provendo Crusoé com mais madeira em pranchas.

Confrontado com um espaço desconhecido, sente medo de ser devorado por animais ou por homens e busca entender a sua situação geográfica. Ao perceber que há uma colina ao Nordeste, sobe nela para fazer a leitura da paisagem na vertical. (ibid., p. 46) O que descreve com aflição em um primeiro momento é a constatação que está distante do continente, próximo a duas pequenas ilhas à três léguas para o oeste. (ibid., p. 93) Porém, em outro momento do texto quando sobe em uma colina no lado leste da ilha, sabe que está próximo ao continente. (ibid., p. 181)

De modo análogo, pensa nos atributos dos lugares, como faz ao montar sua casa em uma planície de área de 100 por 200 jardas (90x180 metros), que tem como vista um declive em direção ao mar no lado norte-nordeste da colina. Diz que está protegido pela copa das árvores do sol do meio-dia, ainda recebe a luz do sol que vem de sudoeste ao pôr do sol naquela latitude. (ibid., p. 51) Ao fundo tem uma rocha grande de arenito que forma uma pequena gruta, que ele amplia para servir de armazenamento. (ibid., p. 54) Sua pequena fortificação feita de uma cerca com troncos de árvores e galhos atravessados que se entra por uma escada eventualmente ampliada é tão cheia de plantas que fica imperceptível. (ibid. p. 67)

Na escolha dos lugares, contempla os atributos geográficos como o relevo e clima, bem como a posição de suas posses e em relação aos recursos, entre eles os caminhos disponíveis. Além de buscar não se distanciar da área próxima ao mar com a pretensão de poder enxergar sua saída da ilha e o seu retorno à Europa. (ibid., p. 87) Quando relata uma latitude tão precisa como 9° norte 22' (ibid., p. 55), ele não explicita como o faz, mas afirma ter vários instrumentos e cartas hidrográficas que resgatou do navio em que veio. (ibid., p. 56) Quando sofre em um terremoto seguido de um furacão resolve que não é uma ideia tão boa ficar em uma caverna de arenito e considera outros lugares para habitar. (ibid., p. 70)

Deste modo, Crusoé localiza os lugares que têm os recursos necessários para satisfazer suas necessidades, ou pelo menos tenta fazê-lo. Mapeia o espaço mentalmente quando, para obter alimentos, faz seus passeios diariamente. (ibid., p.

53) A montante do rio que aportou, há água doce. Mais acima do rio, há uma savana, poderíamos imaginar pastagens, que ao final levam a uma mata mais fechada onde há várias frutas, como melões, limões e uvas. (ibid., p. 84-85) Neste lugar, ele tem uma vista melhor do mar para leste e constrói uma segunda habitação (ibid., p. 87), além de descobrir uma espécie de salgueiro que usa para fortalecer seus muros, e depois construir cestos de vime (ibid., p. 90-91). Podemos reparar que ele transforma este espaço em seu território, por se apropriar com os olhos da paisagem, ele sabe onde as coisas estão, para pegá-los, então, com suas mãos.

Além disso, sabe bem as noções do clima em relação da latitude, bem como o ângulo que o sol descreve ao longo do ano, pois marca a passagem do tempo relatando os solstícios, equinócios e a mudança de estação e do ângulo de incidência do sol: próximo ou em cima da linha do equador nos meses de fevereiro a abril e agosto a outubro; sol ao norte da linha, de abril a agosto; e ao sul da linha de outubro a fevereiro. (ibid., p. 91) Faz também comentários sobre como não era possível dividir as estações em verão e inverno, como na Europa, mas em estação seca e chuvosa (op. Cit.), o que lembra muito a descrição de Dampier sobre estas latitudes na América.

Quando decide conhecer melhor o espaço da ilha, realiza uma expedição para a costa oeste por terra, onde consegue ver uma extensão de terra que não sabe precisar se é uma outra ilha ou o continente, comenta que apenas sabe que está na América próximo aos domínios espanhóis. (ibid., p. 92) Nesta aventura encontra os lugares mais abundantes em animais, conseguindo um papagaio, que leva para criar, relatando uma abundância de raposas, lebres e tartarugas, dos quais se alimenta. (ibid., p. 93) Na costa oeste, observa que há maior volume de tartarugas, pondera se deve se mudar para lá, mas habituado à sua moradia, resolve retornar, deixando uma estaca como marco. (ibid., p. 94) Ao retornar por outro caminho se perde em um vale profundo, pois explica que não conseguia ver o sol, por isso e se vê obrigado a retornar pelo trajeto que veio. (ibid., p. 95) Considerando as extensões de Trinidad conhecidas hoje em dia, parece pouco provável que ele conseguisse chegar no lado oeste tão rapidamente em 12 dias (ibid., p. 94), pois a extensão Leste-Oeste tem cerca de 50 km e ele estima ter percorrido só 19 km.

Em outra expedição por mar, vai com uma canoa à vela que fabricou para a costa oeste e ao chegar lá, percebe que as rochas o forçam a ir bem mais longe no

mar e a correnteza que corre do Leste não parece diminuir. (ibid., p. 116-117) Após o terceiro dia esperando, com medo de que a correnteza lhe carregue mar adentro, sem bússola e com medo de não conseguir voltar consegue aproveitar uma corrente circular para chegar à terra firme, lá se emocionando e agradecendo pelo livramento. Tendo encontrado o marco que deixou quando foi para lá andando, resolve retornar por terra. (ibid., p. 120) Atribuirá esta correnteza forte ao rio Orenoco, cuja foz está à 200 km ao sudeste da ilha.

Ao descobrir onde as coisas estão, pode se organizar, e fazer as melhorias que o ajudam a ter uma vida menos difícil, não depende tanto do acaso da caça e da necessidade de pólvora e munição que uma hora se extinguirá. Quando nos relata sua produção de uvas passas, que é farta e o ajuda a enfrentar o inverno (estação chuvosa). (ibid., p. 130) Assim como as suas colheitas de cevada e arroz, que tornam-se fartas, após cercar sua plantação, protegendo-a das lebres e depois do incidente que mata 3 pássaros que comiam seu centeio, os ergue para o alto em suas mãos afugentando o restante. (ibid., p. 99) Consegue também domesticar as cabras depois de 11 anos tentando, terá alimento mesmo quando estiver fraco para trabalhar. (ibid., p. 125)

Isolado do "mundo civilizado" tenta manter, o máximo possível, o estilo de vida inglês. Na satisfação possível de suas necessidades, ele faz o seu melhor para produzir algumas das coisas que precisa, sem as ferramentas para tal. (ibid., p. 56-57). Para tanto, percebe as propriedades e características dos materiais disponíveis e experimenta com eles, sempre usando o argumento de que mesmo que algo tome trabalho infinito, o tempo é algo que não lhe falta, como quando ele consegue fabricar uma mesa e uma cadeira com as madeiras que recuperou do navio. (ibid., p. 59) Inventava velas de gordura de cabra e as aprimora. (ibid., p. 67) Para a prateleira, precisou de uma árvore inteira e levou 45 dias para produzi-la. Acredita que está melhorando nas artes mecânicas, acha até que poderia ser um carpinteiro e consegue também produzir alguns artefatos de cerâmica, como uma panela e um cachimbo após várias tentativas. (ibid., p. 122) Elabora uma maneira de fazer pão de cevada e arroz. (ibid., p. 105)

Aplicando esse trabalho infinito nas melhorias, em alguns meses, produz um barco que é grande demais para transportar para a água ao longo dos 45 *fantoms* (82 metros), por estar muito longe, acaba o abandonando. (ibid., p. 108) Resolve

fazer um segundo barco, que ele toma o cuidado de produzir menor. (ibid., p. 115) Posteriormente, para chegar no continente, precisa de um barco maior e o primeiro estando podre, produz um terceiro exemplar. (ibid., p. 192)

Poderíamos relacionar a condição de trabalho infinito com vontade e dedicação às motivações morais e religiosas. Pois, como afirma Robinson Crusoé e não Daniel Defoe, no prefácio original do livro que a fábula é sempre feita para a moral e não o oposto. (ibid., p. 265) Consideremos este aspecto da história, que a princípio não tem tanta importância para o conhecimento geográfico.

Estando doente por mais de uma semana após se expor as chuvas, tem um pesadelo onde uma criatura apavorante desce do céu e lhe diz que por ter visto o que viu e não ter se arrependido iria morrer. (ibid., p. 75) Lembra de todas as vezes que foi posto à prova e teve livramentos e resolve que se distanciou dos ensinamentos de seu pai; ele tinha agido assim como todos os marinheiros, que agradecem depois do livramento e voltam a vida profana. (ibid., p. 76) Considera as bênçãos nas providências que deus não deixou faltar, proveu até as plantas que brotaram dos grãos que caíram do saco que balançou para limpar aproveitando-o para guardar outras coisas, onde restavam apenas uns poucos grãos; até do terremoto o livrou. (ibid., p. 77) Chora com a passagem da bíblia que encontra quando abre o livro, que diz que no momento de dificuldades, se chamares, deus iria prover. (ibid., p. 78) E diz que se tornou consciente pela febre, ora suplicando por ajuda divina, acredita que deus o tenha iluminado com os pensamentos, pois lembra do remédio dos brasileiros, o tabaco e o consome mergulhado em rum. (ibid., p. 80-82)

O que interessa aqui é que o livramento foi uma revelação da providência, uma experiência que muda o entendimento da personagem sobre os seus propósitos. O relato da experiência e suas consequências revelam o caráter moralizante do trabalho de Defoe, na maneira em que Crusoé passa a ser cristão protestante, que lê a bíblia diariamente, faz orações e reserva o domingo para o descanso. (ibid., p. 82) Assim, sua vida se torna mais palatável, obtém certa prosperidade nas suas condições. Considera que deus o proveu em diversas ocasiões.

Sua adesão a religião protestante também se mostra nos diversos momentos em que ele mostra sua aversão a fé católica: quando reluta em voltar ao Brasil, por

ser um país papista, ou quando descreve seus súditos: não os separa em cristãos e pagãos, mas em protestantes, papistas e pagãos: Sexta-Feira é protestante, o pai dele é pagão, o espanhol é papista. Lutero, considerado o fundador, com a sua reforma protestante com 95 teses, teria dito que "ele e os que compartilhavam das suas, convicções prefeririam lutar ou sofrer até a morte a submeter-se à tirania do papa ou a um poder secular papista" (HILL, 1987, p. 161).

Os protestantes diferem dos católicos em algumas maneiras fundamentais: pela interiorização do pecado, que significa que cada fiel tem um sacerdote em sua consciência, deus fala diretamente sem precisar de mediação. (ibid., 1987, p. 157) Acreditam que há os escolhidos que pela intimidade com deus, podem prosperar nesse mundo e conquistar o reino dos céus, por isso possuem uma determinação para poder enfrentar as provações. (ibid., p. 158) Perante a experiência espiritual da conversão, podem aceder à nova vida, marcada pela liberdade. (ibid., p.159) Contudo, enquanto os calvinistas defendiam ser apenas os escolhidos capazes de conquistar estas realizações, os puritanos, afirmavam que bastaria mostrar a intenção de se converter para ser aceito por deus. (ibid., p. 165) E no clima fervoroso da Inglaterra do século XVI, para Bacon "o trabalho, maldição lançada sobre o homem decaído, poderia ser o meio de sua regeneração" (ibid., p.170) Em determinado momento Crusoe afirma que está na ilha pagando pelo seu pecado original, de não ter escutado o seu pai e não viver a vida que era esperada dele. (DEFOE; KEYMER; KELLY, 2007, p. 164)

Toda essa confiança e entusiasmo na transformação do mundo é interrompida após o décimo sexto ano, quando uma pegada na praia o deixa aflito, a ponto de não conseguir dormir. (ibid., p. 131) Pensa que é o diabo, imagina que é algum selvagem do continente. Depois pensa que é sua própria pegada, que se confundiu. Mas ao medi-la, comprova que seu pé é menor. Sabe que há outros, não está mais sozinho. Além do medo de ser capturado vivo, também sofre ao pensar que se seus pertences forem descobertos, serão arruinados e ele ficará miserável.

Agora chamando sua casa de castelo e tratando de fortificá-la, não espera ser encontrado e capturado. Ativamente se prepara para o confronto ou pelo menos, prefere tomar as rédeas do seu destino. Então planeja e gerencia o território produzindo o espaço para preparar se para o pior. Fortifica também sua segunda habitação, planta árvores para aumentar a cerca e escondê-las. Arruma as armas de

uma forma que consiga disparar todas ao mesmo tempo caso venham muitos selvagens e guarda as suas cabras em dois lugares diferentes, caso ele perca um grupo delas, ainda terá o outro. (ibid., p. 137)

Após dois anos diante deste medo, seu horror se amplia ainda mais diante da evidência de que os seus visitantes são selvagens que vem para aquela ilha fazer rituais canibais. Ele localiza restos de muitos humanos na ponta sudoeste. (ibid., p. 140) Resultando em um sentimento de amargura e ansiedade nos dois anos seguintes, que passa pensando em como combatê-los, como faria e se era correto ele tentar matá-los. As ponderações de que eles não tinham sido abençoados por terem nascido no lugar errado. O que o faz se comparar aos espanhóis com as suas práticas na América. (ibid., p. 145) Seus pecados eram respectivos as suas nações e deus teria que julgá-los. Isto faz com que ele mude até a forma de viver para evitá-los, por exemplo, não fazendo fogueiras em sua casa.

Transparece outro aspecto moral, o livro de Defoe parece ter muita inspiração nos trabalhos da filosofia mecanicista do filósofo inglês Thomas Hobbes, faz alusão indireta ao seu texto, quando Crusoé diz que está reduzido a um mero estado da natureza, "a meer State of Nature" (DEFOE; KEYMER; KELLY, 2007, p. 100). Hobbes inicia a tradição do contrato social, ao defender que privados de uma figura soberana, no estado natural, instalaria-se a guerra de todos os homens contra todos os homens (HOBBS, 1997, p. 120), que explica que sem esse contrato social, sem o soberano impondo a paz à força, não há cultura na terra, navegação, ou uso para as mercadorias que podem ser importados por mar, pelo contrário, há um medo contínuo, o risco de uma morte violenta e a vida dos homens, solitária, pobre, suja, brutal e curta. (ibid., 78)

Pois para este filósofo, a equidade fundamental que há entre todos, sendo todos governados pelos mesmos princípios, de satisfação das suas vontades, desonera a noção de justo. (ibid., p., 80) Antes que isto seja possível, é necessário um poder coercitivo para convencer os homens, fazendo com que o terror ao castigo seja maior que o benefício da quebra do contrato. Assim, a constituição de uma república (Commonwealth), possibilita a manutenção da propriedade privada. (ibid., p. 89-90)

Robson Crusoe é praticamente um experimento do Estado da natureza que deixa esse estado e funda uma sociedade. Desde um coletor extrativista, à pastor e agricultor, culminando na produção de ferramentas, utensílios e móveis, mantendo uma dispensa de recursos em sua contabilidade. Enquanto modifica a paisagem controlando seu território. Ao referir a si mesmo e a suas posses, ele constantemente faz parecer que ele é o soberano de uma nação constituída, pois ele é rei ou príncipe (DEFOE et al., 2007, p. 117) e mais tarde governador; enquanto suas propriedades são o castelo, o palácio, a casa de campo, que afirma que a maioria dos príncipes têm. (ibid., p. 217) E através de suas armas e técnicas estabelece o domínio, faz com que os espanhóis concordem com seus termos, é a voz que comanda à retomada do navio motinado dos ingleses em que consegue voltar para casa. Na continuação do livro que ele menciona após o final da história, relata que retorna a ilha, traz recursos, mulheres, e realiza a partilha do território dividindo a ilha, podemos supor, para uma melhor administração.

Seu medo do espaço desconhecido e dos possíveis habitantes vai sendo alterado, diminuindo, à medida que conhece o espaço e os outros visitantes/habitantes dele. Buscando observar não só os fenômenos naturais, das correntezas, do regime de chuvas, mas também tentando entender onde os canibais frequentam, por isso espia-os realizando seus rituais. Não só aprende a dominar o seu medo, mas se aproveita deste conhecimento, sobre o efeito do medo do desconhecido, tanto dos lugares quanto dos homens que habitam lá, para controlar a situação dos ingleses motinados ao combatê-los; ao pretender parecer ser o líder de um grupo de pessoas numericamente maior do que de fato são, consegue fazê-los renderem e obedecerem-no.

Antes disso, o seu reinado vai se consolidando quando ele aumenta o seu número de súditos. Começando por Sexta-Feira, que é resgatado por ele em uma destas cerimônias canibais que ele observa estar acontecendo no seu lado da ilha. Talvez como providência, ou como ideação, mas Crusoe sonhou com o evento antes do ocorrido: de resgatar um selvagem que estivesse prestes a ser devorado para torná-lo seu servo. (ibid., p. 168) E muito parecido com seu sonho, quando um selvagem consegue fugir, ele o ajuda matando os dois inimigos que cruzam o rio atrás do jovem, livrando o da morte, por isso, este rapaz, através do gesto de colocar sua cabeça abaixo dos pés de Crusoe. se submete à servidão. (ibid., p. 171) Crusoe

tem agora uma companhia na forma de um servo que faz muitos dos trabalhos penosos para ele.

Quando o inglês descreve as características físicas e psíquicas do rapaz forte de 26 anos, exalta a sua feição e cor de pele, que não seriam feios como o dos brasileiros ou virginianos. (ibid., p. 173) Quanto a sua personalidade, sua doçura e suavidade seriam similares aos dos europeus. (op. Cit.) Resolve nomeá-lo de acordo com o dia do resgate, nunca pergunta o seu nome original, mesmo posteriormente quando este já fala inglês e faz o rapaz o chamar de mestre. (ibid., p. 174). E este servo chega ao nível do amor platônico, ao sentir se enfuriado quando acha que seu mestre está o dispensando, mandando o de volta ao seu país. Em seguida o navegador afirma que o nativo deseja mesmo é que ele vá lá para poder fazer o bem a eles ensinando os sobre sua religião. (ibid., p. 190).

A primeira coisa que faz para "civilizar" o rapaz é dar roupas a ele, que o inglês afirma alegrá-lo. (ibid., p. 175) Crusoé dedica se também a ensinar lhe todas as coisas que lhe farão útil e prestativo (ibid., p. 177). Assim, ensina o a não comer carne humana e a falar sua língua. Também prega a palavra divina, o que faz assim que Sexta-Feira tem domínio suficiente da sua língua. (ibid., p. 182-183) Crusoé explica que o deus dos selvagens não é o verdadeiro quando aproveita para fazer uma sátira aos católicos, criticando a forma que somente o sacerdote da tribo de Sexta-Feira tem o privilégio de falar com deus.

É também a oportunidade de Crusoé aprender sobre a geografia do lugar, sobre o conhecimento de Sexta-Feira das coisas e pessoas que existem lá. Descobre que há espanhóis que vivem na direção que a lua se põe, que infere ser a oeste. (ibid., p. 181) Confirma suas observações sobre as marés e correntezas e aprende novos fatos, como a influência do rio Orenoco na ilha. (ibid., p 182) Aprende também que os canibais costumam devorar somente seus inimigos, pois havia homens brancos espanhóis vivendo entre eles, que acredita ser do navio que naufragou numa noite, alguns anos antes, quando tentou ajudá-los sem sucesso fazendo fogueira e disparando tiros. (ibid., p. 188)

Em suas palavras, seu "reino" ganha novos súditos quando 20 nativos realizam um ritual canibal e suas vítimas são resgatados por Crusoé e Sexta-Feira. Não se contenta em observar de longe e se locomove para mais perto. Com o conhecimento

do espaço e usando uma bússola, Crusoé sabe chegar despercebido à área em que eles estão. (ibid., p. 195) Refletindo seriamente se deve ou não interferir, inicialmente decide não fazer nada, a não ser que seja necessário, pois os nativos escapando poderiam retornar para se vingar. Mas quando percebe se tratar de um europeu, ele decide agir. (ibid., p. 196) Quando os canibais estavam prestes a começar a dismantelar a segunda vítima, eles atiram e matam dois deles. (ibid., p. 197) Os outros correm para as suas canoas e partem. Descobrem que além do espanhol, havia outro prisioneiro, o pai de Sexta-Feira.

Após cuidarem da recuperação da saúde dos dois, em conversas com o espanhol, descobrem que há outros europeus no território dos nativos no continente e decidem um plano para resgatar os 16 espanhóis e 5 portugueses que levavam peles e pratas do Rio da Prata até Havana. (ibid., p. 205) Com medo de ser traído, Crusoé os faz prometerem que não irão o entregar para as autoridades espanholas ou católicas (ibid., p. 205), em uma espécie de contrato convence o espanhol a fazer os outros prometerem que não causarão mal algum a ele antes que o espanhol os traga para a ilha. (ibid., p. 209)

Contudo, o espanhol ponderou que se não houvesse recursos suficientes, eles não se sentiriam resgatados, por isso, por seis meses se dedicam a aumentar a produção de comida antes que possam trazê-los. (ibid., p. 208) Portanto, aumentam seus campos de cevada e arroz e sua produção de uvas passas em uma lógica que chamaríamos malthusiana, mas que precede o próprio Thomas Malthus (1766-1834)." A população, quando não controlada, cresce numa progressão geométrica. Os meios de subsistência crescem apenas numa progressão aritmética." (MALTHUS, 1996, p. 246)

Após o Espanhol e o pai de Sexta-Feira partirem para o continente, chega o navio que levará Crusoé embora dos caribes. Nesta grande aventura da retomada de um navio amotinado (ibid., p. 210-234), resgatam os prisioneiros que vieram de barco, sendo um deles o capitão, e trabalham juntos para subjugar e fazer o contingente muito maior de homens se render, começando por matar um e prender o outro dos algozes. Enganam seus oponentes usando o sentimento de desconhecimento do espaço, eles não sabem onde estão e nem quantas pessoas estão enfrentando. Por isso, quando vem mais homens buscarem os primeiros, são atraídos para dentro da floresta e acabam completamente perdidos e capturados. O

Governador da Ilha é a alcunha que usam para se referir a Crusoé buscando convencer os amotinados, de que há uma estrutura estatal e, portanto, um contingente enorme de homens que terão que enfrentar, fazendo os se entregar mediante a promessa que não serão levados para a Inglaterra para serem enforcados. Retomando o navio, abandonam os amotinados na ilha, assim como os espanhóis que o pai de Sexta-Feira tinha ido buscar.

Mas apesar de o herói da sobrevivência ter passado 28 anos longe da civilização, sem trabalhar por dinheiro, ele não termina a história sem recursos financeiros. Pois consegue reaver as suas posses no Brasil a partir de Portugal. Resgatando a sua propriedade, inclusive a parte dos lucros dos anos anteriores. E neste processo, resolve vendê-los por 32.000 dólares espanhóis, reservando uma parte para ajudar o capitão que o resgatou da África. (ibid., p. 256)

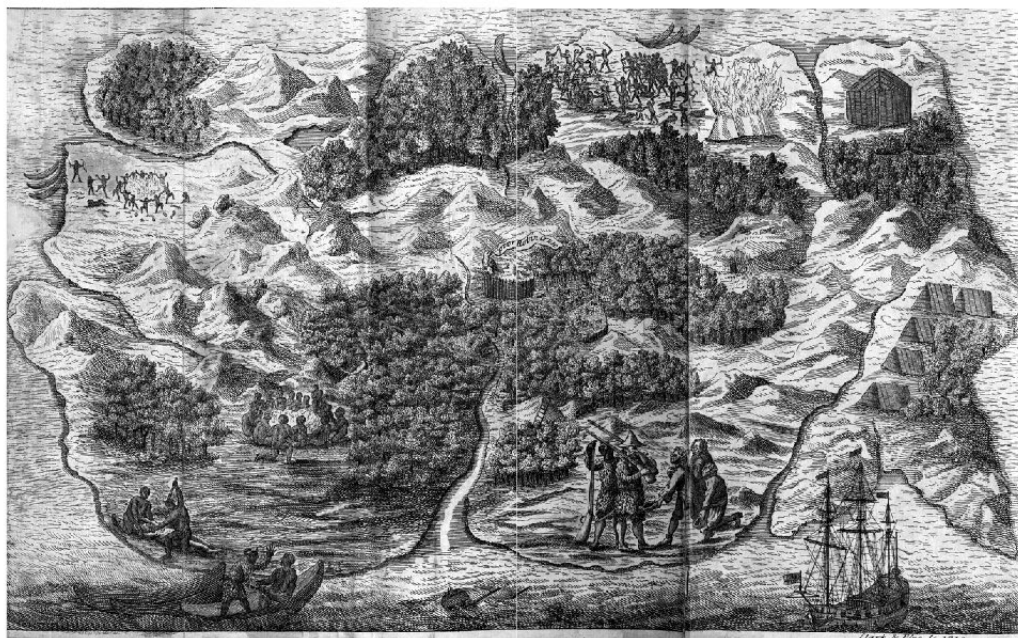
Na sua volta por terra de Portugal para a Inglaterra, após os presságios de dois navios que iriam afundarem, Crusoé e Sexta-Feira se juntam a um grupo de cavalheiros e seus servos, que decidem enfrentar uma travessia de Pamplona a Toulouse sobre forte nevoeiro (pelos Pirineus). (ibid., p. 243) Ocorrem dois enfrentamentos com feras: no primeiro, entre eles e os lobos, o guia se machuca, mas todos os outros conseguem afugentar as feras com suas armas de fogo e estratégias de alternam os disparos, para consigam recarregar suas armas. E o segundo confronto é o momento de Sexta-Feira mostrar toda a sua experiência contra ursos, como diz fazer em sua terra nativa (atual Venezuela). (ibid., p. 245) Apesar da única espécie de ursos da América do Sul (*Tremarctos ornatus*) habitar um pouco mais à sudoeste, nos andes.

O livro conclui incitando os leitores sobre as próximas aventuras de Robson Crusoé, contando sobre seu casamento, seus filhos, a morte de sua esposa e posterior viagem pelo mundo com seu sobrinho; inclusive visitando o Brasil e a sua ilha e levando mulheres e recursos para lá. Além de partilhar este território entre quem ficou por lá.

Quanto ao mapa que acompanha a edição analisada (Figura 21), muito rico em detalhes, apesar de mostrar elementos que não estão presentes na narrativa deste livro, pois integra o terceiro volume, lançado em 1720. Sua visada oblíqua e representação do relevo com pequenos montes, talvez sejam os aspectos mais

problemáticos, por esconder trechos dos rios. Se a pequena colina à NE, representada no mapa, é a mesma da Narrativa, que Crusoé usa para reconhecer o terreno quando chega, não parece possibilitar qualquer forma de apreensão da paisagem, pela sua altitude pouco expressiva, mas talvez este seja o limite desta técnica.

Figura 21: Mapa da ilha de Robinson Crusoé



(CLARCK; PINE, apud DEFOE et al., 2007)

Além disso, o formato da ilha não condiz com aquele da ilha de Trinidad, que já podia ser encontrada em cartas da época. No mapa dos ventos alísios de Halley (1686), uma geometria que lembra um triângulo de ponta cabeça enquanto este mapa é um retângulo. E a ausência de rosa dos ventos, de qualquer indicação de qual é a sua orientação, confunde o seu observador, pois se inferimos que a parte de cima é o Norte, o navio representado na parte de baixo estaria entre os Trinidad e a atual Venezuela. Se o navio amotinado estava ao norte, no mar do Caribe, faria mais sentido, ter acessado a porção norte.

Segundo consta, inspirado grandemente por Alexander Selkirk, o escocês, sobrevive quatro anos em uma ilha no Pacífico, abandonado por insurreição pelo capitão William Dampier e resgatado no navio em que este era navegador. As cabras da história de Crusoé lá existem até hoje, deixadas por Fernández antes de Selkirk. (ibid., p. 275) Embora Defoe nunca admitiu ter usado seus textos, consta que eles se conheceram e conversaram na cidade de Selkirk. (WILSON, 2011) A diferença de

Crusoé, os relatos são de que Selkirk tinha esquecido como se fala, praticamente perdido a capacidade de se comunicar. (op. Cit.) Podemos, contudo, inferir, que o conhecimento geográfico necessário para sobreviver na ilha, foi muito aprimorado ao longo do tempo que passou lá.

O outro livro que compõe esta análise é *Gulliver's Travells* (As Viagens de Gulliver), um livro que também ganha o nome do seu protagonista: Lemuel Gulliver, que ao longo das quatro partes da história, vai a lugares fantasiosos, onde chega como consequência de diversos infortúnios. O livro é dividido em quatro partes e é todo contado na primeira pessoa. Se por um lado o itinerário de Gulliver é mais fácil de resumir, por outro, se trata de metáforas e outras alegorias que o autor, o jornalista Jonathan Swift, usa para construir sua argumentação sobre uma moral corrompida de seus conterrâneos em sua contemporaneidade.

Essa sátira começa já usando um recurso interessante de ancoragem histórica² ao articular Gulliver a William Dampier, navegador inglês, presente na carta de Gulliver para seu primo Sympson, o editor. (SWIFT; RAWSON; HIGGINS, 2005, p. 7) Apesar da história trazer elementos fabulosos, tal efeito de realidade, pode ter levado o leitor a pensar se tratar de um texto de um navegador real. Especialmente interessante quando considera que agora que sabe que é um *Yahoo*³, não gostaria de mentir. Isso implicaria que seus relatos seriam verídicos. Além disso, há uma explicação do editor, de que retirou do texto informação sobre correntes, marés, lida dos marinheiros nas tempestades, latitudes e longitudes. Diz que o livro teria o dobro do tamanho, caso não tivesse os suprimido. Admite que se há erros, são sua culpa. (ibid., p. 11)

O que nos coloca diante da maior diferença em relação a Robinson Crusoé, as descrições das paisagens são esparsas, as coordenadas geográficas limitadas a alguns pontos no início de cada parte do livro e os lugares do retorno. Aproveitamos, mas não nos limitamos, a análise feita por Moore em 1946, que elogia a audácia de Swift na sua geografia incrível, e levanta 3 hipóteses sobre os erros geográficos. (1)

² Por **ancoragem histórica** compreende-se a disposição, no momento da instância da figurativização do discurso, de um conjunto de índices espaciotemporais e, mais particularmente, de topônimos e de cronônimos que visam constituir o simulacro de um referente externo e produzir um efeito de sentido "realidade". GREIMAS A. J. e COURTRES. J. *Dicionário de semiótica*. Cultrix. São Paulo. (1979).

³ Yahoo é como os houyhnhnms, da quarta parte da história, referem-se aos humanos. Os houyhnhnms não mentem e sequer têm o conceito para tal, sendo que os yahoos são odiosos e mentirosos.

Swift desejou fazer um burlesco extravagante sobre as viagens, (2) ele era ignorante em geografia ou (3) que pretendia um burlesco e sabia muito pouca geografia para realizá-lo (MOORE, 1941, p. 215–216). Após os resumos de cada parte, comentaremos mais sobre informações sobre conhecimentos geográficos ou que consideramos pertinentes à geografia.

A primeira parte do livro o protagonista Lemuel Gulliver se apresenta, cirurgião/médico com vasta experiência nos oceanos, tendo trabalhado em viagens para as Índias ocidentais e orientais. Sem conseguir trabalho em terra, volta a vida de marinheiro.

Logo na primeira viagem do livro, que se passa em 1699, sofre diversas tormentas no mar e naufraga a noroeste da Terra de van Diemen (Tasmânia). E ao acordar amarrado em Liliput, conhece os pequenos habitantes desta terra. Inicialmente resiste, mas aceita ser subjugado por eles; pois depois de ser alimentado e bem tratado, diz estar fadado às leis da hospitalidade. Ele conhece a corte real e os nobres deste país, além do país arquirrival, o reino de Blefuscu; assim como as peripécias dos nobres nas cortes e picuinhas de ambos, que se dividem naqueles que usam sapatos de saltos altos e os que usam os de saltos baixos, além de qual é o lado certo para quebrar os ovos, a ponta longa ou a curta. Além disso, ele é visto como um recurso na guerra destes, condecorado com a insígnia de mais alta ordem após intervir em um ataque de Blefuscu a Liliput, por arrastar a frota inteira dos navios, mas recusando-se a devastar Blefuscu, acaba se tornando amistoso a seu povo também. Porém, como consequência de apagar um incêndio no palácio de Liliput usando urina e de ajudar o reino de Blefuscu, é acusado de traição por um nobre que não gosta dele, Gulliver se vê prestes a ser castigado com a perda de sua visão e uma morte lenta por envenenamento. Mas após fugir para Blefuscu, enxerga no mar um barco do seu tamanho que consegue pegar e recebendo ajuda para o abastecer retorna ao seu país ao encontrar um navio mercante inglês que retornava do Japão.

Ao observar os conhecimentos geográficos, o mais óbvio talvez seja o da navegação no trajeto que o leva para lá. Contudo, na latitude 30°2' S, à noroeste da Terra de van Diemen, nas últimas coordenadas. (SWIFT; RAWSON; HIGGINS, 2005, p. 16) No mapa que traçamos o trajeto, observamos que levam para o centro da Austrália (Figura 16).

Um outro conhecimento geográfico interessante é associar que as muitas viagens que fez para as Índias ocidentais e orientais eram trabalhando nas empresas mercantis, tal qual a *East Indies Company*. Na narrativa não o diz, mas podemos intuir baseado nos conhecimentos históricos sobre os monopólios comerciais que vimos no segundo capítulo de nossa pesquisa.

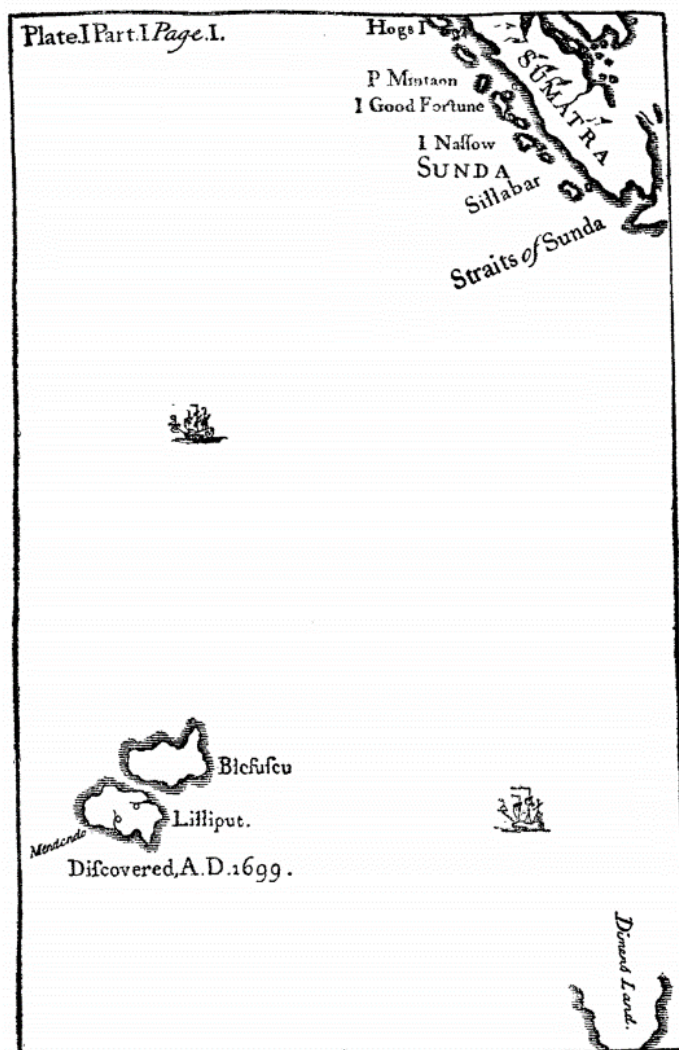
Dentre as noções de escalas, uma necessidade para alimentar a fantasia de se existir dos pequenos humanos, da proporção de 1:12, o que dá a medida do seu alimento diário que é o mesmo que de 1728 liliputianos (ibid., p. 39), dos 6 pés de profundidade no canal entre as ilhas (ibid., p. 45), da extensão da ilha, os domínios do rei de Liliput é de 12 milhas em circunferência (ibid., p.37). No mapa (Figura 22), Blefascu tem ligeiramente o mesmo tamanho. Talvez essa seja a justificativa para eles não se aventurarem no mar, pois as ondas seriam 12 vezes maiores e as distâncias 12 vezes maiores em proporção aos corpos deles.

Com relação as paisagens que descreve, a similitude do país com um jardim em que cada área cercada toma 40 pés quadrados (12 m^2) (ibid., p. 24), e na elevada densidade populacional da capital Mildendo, que na carta está escrita errado Mendendo (ibid., p. 14), com extensão de 500 pés quadrados (152m^2) e uma população que não quantifica, mas qualifica como muito numerosa. (ibid., p. 40)

O mapa das ilhas apresentado (Figura 22), as coloca em com relação com Sumatra e apresenta um fragmento do que seria o sul da Tasmânia, cujo contorno não fecha ao norte, só aparece o contorno do sul, pode ter relação com o mapa apresentado por William Dampier em seus relatos sobre uma viagem ao redor da terra de 1697, produzido por Herman Moll (1691) (Figura 18). Apesar de a escala neste caso estar completamente fora de proporção, impactando no erro da proximidade à Sumatra.

Outro aspecto que podemos intuir estar relacionado com a leitura dos textos de Dampier, é o seu retorno a Inglaterra. Um navio mercantil que voltava do Japão nos mares do norte e do sul (ibid., p. 70-71), lembra muito a descrição de quando Dampier atravessa a pé o estreito de Darien do mar do Sul, para o Pacífico, do mar do Norte e do Sul. (DAMPIER, 1937) Contudo, é uma contradição com a terceira parte, quando afirma que os neerlandeses são os únicos permitidos a fazerem negócio com os japoneses.

Figura 22: Mapa Plate I Part I Page I (Placa I parte I página I)



(SWIFT; RAWSON; HIGGINS, 2005, p. 14)

Assim como nas outras partes do livro, além de dizer com quem viajou, Gulliver não dá maiores detalhes sobre o seu retorno. Acrescentemos a isso, a crítica de Moore, que problematiza, não só nesse trajeto, mas a forma como todos os retornos são tranquilos e sem incidentes, ao contrário de todas as idas. (MOORE, 1941, p. 222)

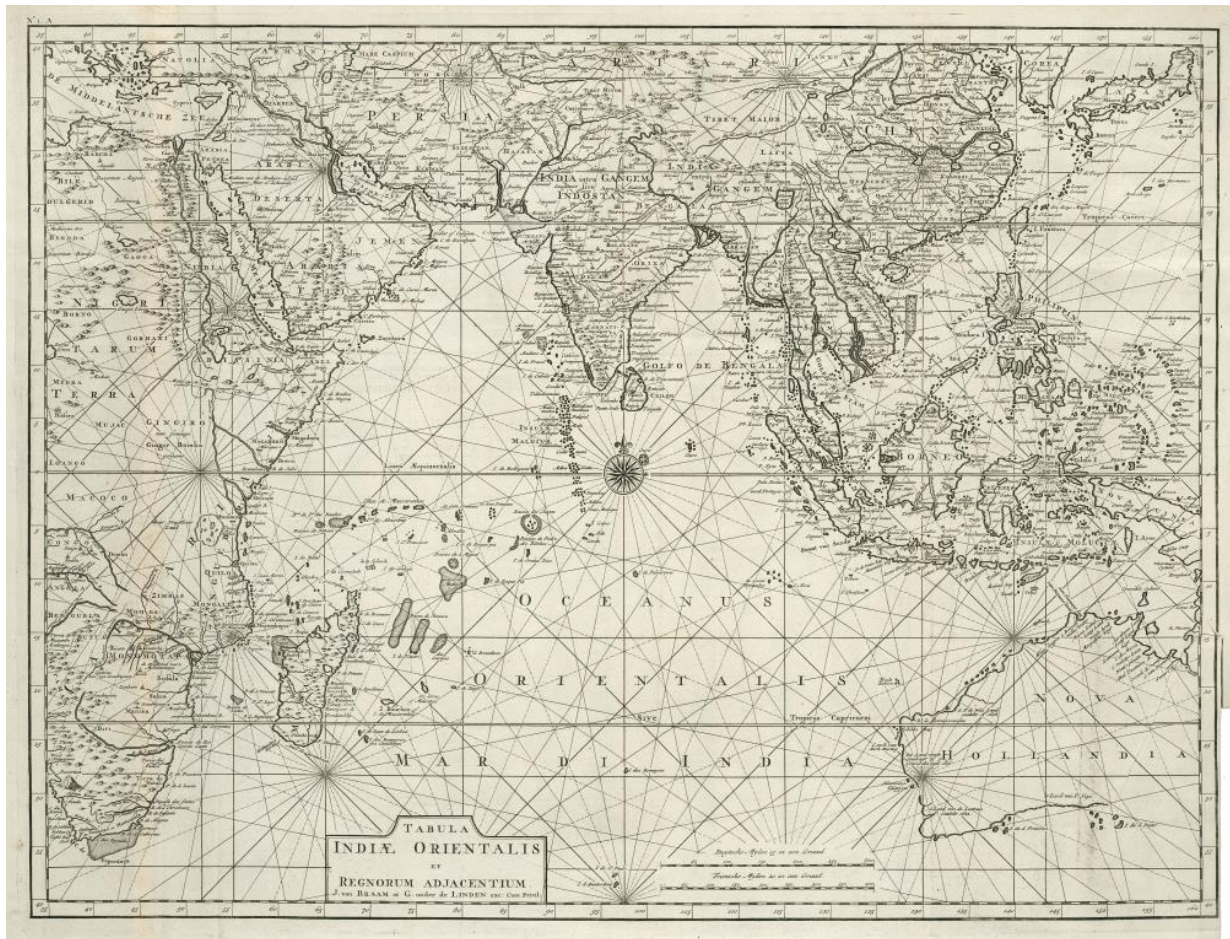
Na segunda parte do livro, o navio de 300 toneladas parte para fazer negócios em Surate, no Noroeste da Índia. Após uma sucessão de dificuldades no navio: um furo no casco do navio que precisou de meses para ser consertado. Ao partirem para Surate, enfrentam tempestade após tempestade que os levou a estarem completamente desorientados, se veem obrigados a buscar água potável. Por isso Gulliver e mais alguns marujos buscam-na em uma ilha. Mas quando seus colegas

fogem às pressas, acaba deixado para trás em Brobdingnag, terra dos gigantes, onde ele é encontrado por um fazendeiro e cuidado por sua filha; levado para as cidades de forma itinerante e desumana para ser mostrado em troca de dinheiro; é então comprado pela rainha, tem a chance de pensar na relatividade de sua pequenez em relação análoga aquela que teve com os liliputianos e de enxergar as características físicas dos seres humanos destacadas pela imensidão destes gigantes. Sua descrição favorável de sua própria sociedade não impressiona o rei que o escrutiniza, concluindo que os ingleses escolhem seus legisladores pela ignorância, preguiça e vício. Também horroriza o monarca quando descreve as armas de fogo e propõe produzir pólvora e armas de fogo. Após um descuido em um passeio, a caixa onde descansava foi capturada por um pássaro e esta é derrubada no mar. Então, é encontrada por marinheiros ingleses retornando de Tonquim (Vietnã) que o levam novamente para casa.

A geografia da segunda parte, coloca Gulliver e seus companheiros, no navio de 300 toneladas, que precisa esperar quase um ano para seguir viagem do Cabo da Boa Esperança; para então se perder do seu destino, no caminho para Surate, no noroeste da Índia. (ibid., p. 75)

Na carta hidrográfica holandesa publicada por Bram J. van em 1724 (Figura 23), não há linha de rumo direta por entre o estreito de Madagascar e a África, como descreve Gulliver. Não faz sentido fazer este caminho, a não ser que passassem por Moçambique. Considerando que a ilha foi um importante abrigo de piratas na época, poderíamos questionar este caminho.

Figura 23: Mapa Tabula Indiae Orientalis et Regnorum Adjacentium (Mapa das Índias Orientais e reinos adjacentes)



(BRAAM; LINDEN, 1724) Fonte: (ATLASOFMUTUALHERITAGE)

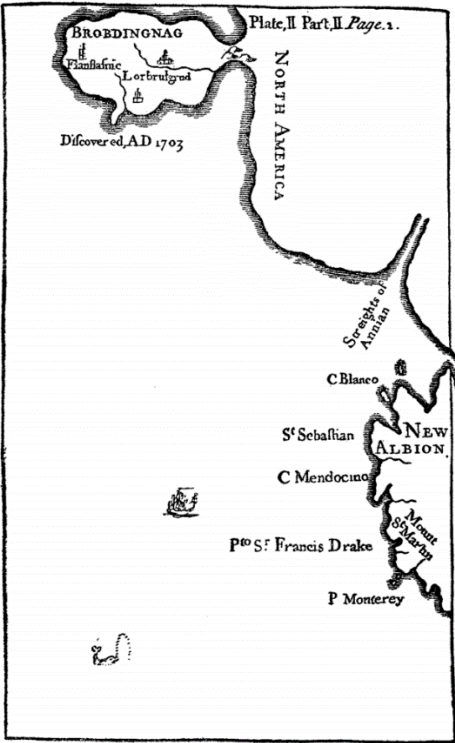
A tempestade que carrega o navio para 3° ao norte das Molucas é muito exagerada, calculamos, com ajuda do Google Earth, que o trajeto poderia chegar à 5100 milhas náuticas ou 9000 km. (Figura 24) E a segunda tempestade, com os ventos sul que explica ser das monções, não estabelece nenhuma referência até onde chegam por coordenadas ou por algum outro lugar, mas ele estima que foram 500 léguas (2414 km) à leste, e ponderam que é melhor continuar nesta direção, com medo de que se virassem para o norte, chegariam à parte noroeste de Tartar (atual Rússia). (ibid., p. 76) Nessa longitude estariam por volta da latitude 150 E. Ele implica que os geógrafos estariam errados, que precisariam corrigir os mapas, pois as terras da América se estenderiam bem mais à oeste. (ibid., p. 100)

Figura 24: Itinerário da segunda parte das Viagens de Gulliver



(STRAUSS, [s.d.])

Figura 25: Mapa Plate II Part II Page I (Placa II, parte II página 1)



Fonte: (SWIFT et al., p. 74)

Novamente é possível notar a importância que é dada a noção de escala. No topo da colina que observa a paisagem, nota a grama alta, que ele acredita ser mantida para feno, tem 20 pés (6 m) de altura. A estrada que acha ser principal é apenas uma trilha que os agricultores usam para acessar os campos. Os pés de milho alcançando pelo menos 45 pés e as árvores impossíveis de calcular. Na escada para acessar de um campo a outro, cada degrau tinha 6 pés de altura e a de cima 20. Cada passo do habitante avança 10 jardas e sua voz alta como um trompete, lembrando um trovão. (ibid., p. 77) Levantado ao ar mais de 60 pés pelo camponês que o encontrou. A migalha na mesa o faz tropeçar. (ibid., p. 81) O cão mastiff tão grande quanto 4 elefantes. (ibid., p. 82) O Rato que ele enfrenta e derrota é do tamanho de um cão mastiff grande, (ibid., p. 84) entre tantos outros elementos gigantescos para ele. Tomando as medidas da menina que tinha 9 anos de idade, se atribuímos que a altura de uma criança dessa idade é 1 m de altura, ele diz que ela tem 40 pés (ibid., p. 87), o que equivale a 12 metros, então a escala é 1:12. Os brobdingnagianos são 12 vezes maiores que Gulliver.

Quanto a extensão do território para os habitantes, a proporção faz sentido. Quando relata que foi transportado para a metrópole, no centro do país, descreve um trajeto de 2000 milhas da casa do fazendeiro que o achou (ibid., p. 89), o que para os brobdinagianos equivaleria a 250 milhas (400 km) considerando a diferença de proporção.

Contudo, dado a extensão e forma esférica do planeta Terra, a extensão do território é um dos pontos mais vexatórios na opinião de Moore (MOORE, 1941, p. 217–218), pois apesar de poder lembrar a localização do Alaska, tanto no mapa (Figura 25), quanto na narrativa (Swift et al., p.100), como já foi sugerido a ele, ele explica que o mapa é apresentado em uma forma mais larga (leste-oeste) do que longa (norte-sul), o que não condiz com a narrativa onde Gulliver fala em 6000 milhas (9656 km) de extensão norte-sul e até 5000 milhas (8046 km) na extensão longitudinal. Com um agravante, que ele não concede para uma menor área ao norte, não corrige a projeção de Mercator, fazendo esta terra não caber no globo terrestre ao norte. Acrescenta ainda que no ponto onde Gulliver foi resgatado nas coordenadas 143°E, for considerada como a borda leste, a borda oeste chegaria em Hamburgo, se considerara como a borda oeste, a borda leste chegaria em Michigan. Gulliver nunca disse para qual direção viajou neste país. Ao que concede, o

geógrafo, poderia ser inspirado na mítica terra da Companhia (das Índias orientais neerlandesas, a VOC), descrita pelo Capitão Uriez em 1643, que contém o mesmo tipo de erro que não concede para uma menor área nas proximidades com o polo.

Outra característica que colocaríamos como um conhecimento geográfico da época é o motivo pelo qual eles estão excluídos do comércio mundial, ou pelo qual eles não acessam o mar. Gulliver explica que o país está em uma península separada por vulcões do restante da América do Norte ocidental, que sabemos ser largamente desconhecida. A ausência de portos naturais e os rios cheios de rochas pontiagudas nos estuários, mas com peixes que são proporcionais ao seu tamanho, em oposição a maioria de peixes do mar, que para eles são minúsculos. (ibid., p. 100)

Então ele realiza uma descrição a cidade de Lorbrudlgrud, dividida pelo rio que o corta, com 80 mil casas, distribuídos em 52 por 2.5 milhas (83 por 4 km). (ibid., p. 101) Nesta medição, Gulliver calculou a extensão da cidade pela escala, usando o mapa encomendado pelo rei. Se considerarmos a divisão por 12 para termos ideia a proporcional de um de seus habitantes, temos o equivalente a 6 km por 300 m de extensão para um nativo. O que faz parecer que se trata de um vale, que Gulliver não fez questão de relatar em sua descrição.

O retorno é igualmente problemático, as coordenadas onde hoje sabemos ser Hokkaido no Japão não possibilitam conceber como um navio estaria voltando de Tonquim (Vietnã) para a Inglaterra, passaria pelo norte do Japão na latitude 44° N e longitude 143°. Bem como dois dias depois, na assustadora transposição de 6230 km, estaria contornando a Nova Holanda (Austrália) em direções onde é possível aproveitar os alísios, como descreve na narrativa. (ibid., p. 136)

Na terceira parte do livro, Gulliver acaba abandonado em uma canoa após o navio que ele comandava saído de Tonquim (Vietnam) ser capturado por piratas. Ele conhece um arquipélago, cujas ilhas são fantásticas e notáveis: (1) a ilha voadora de Laputa que comanda as outras por conseguir controlar o acesso desta ao sol e chuva; cujos habitantes vivem com os pensamentos nos astros, matemática e música. (2) a metrópole de Lagado, onde a Academia de Projetistas e a influência que esta exerce resulta em invenções de novas regras, métodos, instrumentos e ferramentas que na teoria permitiriam grandes melhoras, mas na prática nunca se

concretizam desta forma. (3) Glubbbdubdrib, terra dos feiticeiros, cujo governador convoca os espíritos de Alexandre o Grande, Hannibal, César, Brutus; Gulliver conversa com Aristóteles, Homero, Descartes, etc. (4) Luggnagg, terra do rei que demanda que o visitante lamba o chão à frente do apoio de seus pés, inclusive matando estes com um pó venenoso se assim deseja. A ilha é também onde moram os imortais — Sturldbrugs, que começam a acumular doenças e a perder a memória, tendo dificuldade de conversar, não podendo trabalhar e depois dos 80, são considerados mortos legalmente. Em sua volta pelo Japão, é agraciado com ouro e pedras preciosas pelo rei desta ilha, retornando à Europa com os neerlandeses, fazendo se passar por um deles.

Quando Gulliver é posto isolado em uma canoa pequena, não informa se tem uma bússola. Ele faz a leitura de sua direção, sabe a direção SSE das ilhas para as quais veleja. Mas não tem noção da latitude ou longitude. Consegue aportar em uma ilha pelo rio, pois ela é formada por rochas, onde consegue ovos de aves e algas para cozinhá-las, bem como um lugar para passar a noite. (ibid., p. 143)

A ilha onde é resgatado, desce do céu, tem 4.5 milhas (7.2 km) de diâmetro, 300 jardas (274.32 m) de espessura e o fundo em um metal mítico chamado adamante. Na superfície, toda a drenagem converge para o centro, em 4 bacias largas, cada qual com 0.5 milhas (804 m) em círculo e 200 jardas (182 m) distantes do centro, cuja água evapora diariamente com o sol. (ibid., p.154) E no centro, há uma fissura por onde descem os astrônomos 100 jardas (91m), e encontram seus instrumentos, quadrantes, sextantes, astrolábios etc. Além da pedra que tem 6 por 3 jardas (5.4 por 2.7 m) de onde se pode controlar a moção da ilha, direcionando a atração ou a repulsão magnética, se sobe, desce ou ao colocar a pedra em posição oblíqua vai de um lugar para o outro dos domínios do monarca. (ibid., p. 155)

Para manter as outras terras, que não voam, subjugadas, a estratégia é usar o medo dos habitantes que sabem que a ilha pode ser controlada, pode bloquear as chuvas, o sol ou diretamente ou esmagar o território se for necessário. (ibid., p. 158) Ousaríamos dizer uma ameaça de ataque usando o conhecimento geográfico. Contudo, é também geográfico o motivo de Laputa não tomar o mundo de assalto, pois segundo sabem os astrônomos, o mecanismo que permite se manter flutuando é o magnetismo que está circunscrito à área em que o minério associado compõe o embasamento. Justamente domina as áreas que pode sobrevoar. (ibid., p. 157)

Gulliver dirá que é uma dissimulação do rei, de ser caridoso e descer lentamente, pois após uma descida súbita e uma batida, a superfície inferior poderia rachar, e a ilha não poderia mais se manter flutuando. (ibid., p. 159) Assim somente sobrevoa as outras ilhas do arquipélago, no mapa, à leste do Japão. (ibid., p. 140)

O fascínio por matemática e astrologia significa também conhecimentos sobre geografia. Quando se instruem, falam dos círculos polares e dos trópicos nos livros sobre astrologia. (p. 148) Seus instrumentos ópticos sendo muito superiores e seu conhecimento de número de estrelas catalogadas é três vezes maior do que o dos europeus. Sabem as datas da periodicidade dos cometas. (ibid., p. 157-158)

A literatura crítica, no entanto, aponta para o fato de Swift escrever sátira justamente para realizar críticas às maneiras novas de se fazer as coisas, uma ode aos antigos, como Aristóteles. Por isso a crítica com a medição do alfaiate usando o quadrante, cuja roupa não lhe serve bem. (ibid., p. 149) São boas idéias no papel, mas péssimas na vida real. Swift faz essa crítica através do hospedeiro de Gulliver na metrópole Lagado, ao relatar que os modos novos de fazer as coisas, como o da Academia de projetores que pensa em novas regras e métodos de agricultura e construção para todas as atividades e fabricantes, como uma máquina que faz o trabalho de dez, ou possibilitar que todos os frutos amadureçam em qualquer estação que se queira. A temática se mantém na sua visita aos espíritos em Glubbudbrib, quando tem a chance de falar e ouvir as críticas de Aristóteles sobre os novos sistemas da natureza, como o de Descartes, que tem a pretensão de se demonstrar através de princípios matemáticos. (ibid., p.184-185)

No sétimo capítulo, ele menciona o Japão, como sendo à oeste de Luggnagg, e pela aliança que os dois países têm é possível navegar de uma ilha para a outra, pensa nesta oportunidade para retornar para a Europa. (ibid., p. 180) Sua estratégia contempla conhecimento geográfico, por considerar as localizações que são mais favoráveis pelas conexões destas, mas é um dos trechos com alguns problemas conceituais e contradições do mapa e texto. De acordo com Moore, (MOORE, 1941, p. 225-226) Luggnagg não é um continente, mas uma ilha, que Gulliver alega estar somente a 150 milhas de Balnibarbi. Mas que pelas coordenadas de Balnibarbi (onde fica Lagado), nas coordenadas 29° N e 140°E não condiz com a distância que precisaria estar em relação ao Japão, que pode se verificar fica à 300 milhas ou 6 graus à oeste e não ao norte.

O Japão é representado com topônimos coerentes (Figura 26) onde aportam, Yedo que é o antigo nome de Tóquio e Nagasaki, de onde partem. Mas o aspecto da aliança com os neerlandeses é significativo para o contexto mercantil de 1700, pois o país não estava aberto a nenhuma outra nação desde 1635, quando Tokugawa Iemitsu limitou todo o contato com os europeus que queriam conquistar e dominar através da religião cristã. Além disso, proibiu qualquer súdito de viajar para fora ou retornar do país limitando ao máximo a influência. (BRITANNICA) Mas coincidentemente na ida para Laputa, Gulliver também havia sido interceptado por piratas japoneses com o neerlandês antipático responsável pela sorte de Gulliver na canoa. Agora no retorno, Swift, fazendo de conta que era neerlandês, arruma uma maneira de criticar a prática de quebrar o crucifixo, e consegue não quebrá-lo. Coisa que todos os neerlandeses faziam, para mostrar que não eram cristãos e que não estavam lá para colonizá-los. Nas notas explanatórias da edição analisada, está descrito que os neerlandeses souberam persuadir os japoneses que não eram cristãos através desta prática, assim, se mantendo como os únicos ocidentais a comercializarem com eles. (SWIFT; RAWSON; HIGGINS, 2005, p. 339) Tal cerimônia para os portugueses ou espanhóis católicos seria uma heresia enorme.

O navio de 450 toneladas que sai em junho de 1709 chega em Amsterdam no dia 6 de abril de 1710 tendo só perdido 3 homens. E Gulliver chega na Inglaterra 4 dias depois. (ibid., p. 203)

localização, ele tem que lidar com um bando de animais violentos e em seguida com cavalos que espantam estes primeiros animais. Os Houyhnhnms (equinos) são os animais racionais deste país e os outros animais os Yahoos, são, na verdade, seres humanos que não conseguem ser racionais, nem têm língua falada. Gulliver aprende a língua do seu mestre equino ao longo dos 6 anos que esteve lá e tem a oportunidade de contá-los sobre a Europa e os humanos. Ele não quer ser chamado de Yahoo, mas após seu mestre demonstrar o quão parecido algumas das ações dos civilizados da Europa de Gulliver estão daquelas dos Yahoos que são seus burros de carga, o inglês se torna um amante destes seres, e simultaneamente, um misantropo que ao invés de querer voltar para a sua família e terra, prefere ir viver sozinho quando é forçado a ir embora pela assembleia da Terra de Houyhnhnm. Seu pequeno barco fabricado com as peles dos Yahoos, veleja de algum lugar à SE do Cabo da Boa Esperança até o que ele descobre ser a Nova Holanda (Austrália). Após ser ferido em fuga dos nativos, é levado contra a vontade por um navio português para a Europa. Os relatos finais de Gulliver são dos 5 anos posteriores à sua volta. O final do livro é tomado com um sentimento de seu mal-estar por saber que é um Yahoo e sua esperança de que seu texto seja um ensinamento para estes humanos degenerados de abandonarem os vícios, o mais abominável sendo o orgulho, e aprenderem as virtudes dos houyhnhnms.

No seu itinerário, são 6 dias de viagem até Tenerife. E o outro capitão que encontra naufraga e morre no dia seguinte em uma tempestade. (ibid., p. 207) Buscando tripulação em um lugar onde existiam muitos piratas, em Barbados, ele contrata vários antigos bucaneiros para fazer trocas no Mar do Sul (Caribe), bem como para realizar quantas "descobertas" pudesse. Não sabe onde é abandonado, depois de meses como refém do motim que sofreu apenas tendo ouvido o nome Madagascar. Este parágrafo faz muito sentido para os leitores da época, Terras amplamente povoadas por piratas que construíram *quasi-estados*, como descrito por Thomson (op. Cit.) provoca uma ancoragem no espaço, seria muito coerente para os leitores da época, como senso comum ou preconceito geográfico.

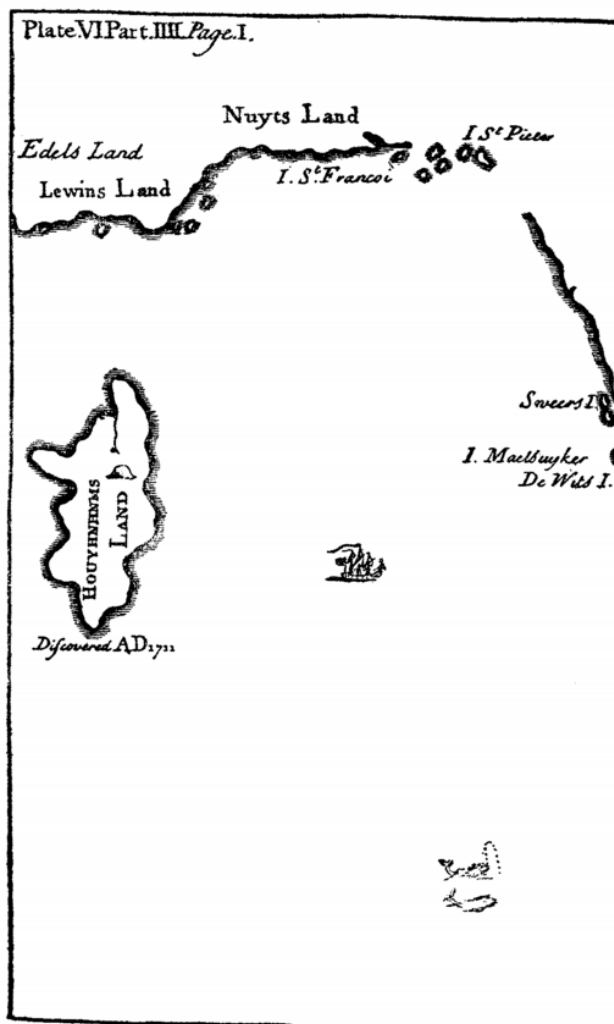
Algumas das paisagens descritas nas terras dos Houyhnhnms: na sua chegada as árvores altas, quando fala nas plantações de aveia. Na estrada, as pegadas são a evidência de que há habitantes. Dada essa impressão, em um primeiro momento Gulliver talvez imagine estar em um lugar onde se pratica agricultura. Mas estas

plantas crescem naturalmente, sem ser semeadas. (ibid., p. 256) Nas casas dos houynhnhms feitas de troncos, palha e argila, nenhum material que seja muito elaborado. Mesmo assim, enquanto os equinos racionais se alimentam de aveia e leite, seriam mais sensatos para uma mente europeia do tempo de Swift, do que os Yahoos que só comem carcaças, são puramente extrativistas de carne podre.

É interessante o seu uso da palavra *clima* (SWIFT et al., p. 211), que aqui só faz sentido como localização, quando relata sobre os homens vivendo num clima tão distante, pois em nenhum momento os outros Yahoos estão usando roupas para o frio. Logo, se estão 10° ao Sul da mesma latitude de Cabo da Boa esperança, 44° S, muito mais ao sul do que Buenos Aires ou Montevideú, que são lugares frios e ficam na mesma latitude do Istmo sul-africano. Contudo, em um sentido parecido, do céu refletido na terra, há o saber vernacular dos equinos, que conta a passagem do tempo pelas revoluções do sol e da lua, sabem contar os anos. (ibid., p. 255)

Quando descreve a Inglaterra e a Europa para os Houyhnhnms, Gulliver diz sofrer com a falta de conceitos na língua deles para enumerar e qualificar as coisas. Isto decorre da moral proposta pela sátira de Swift que atinge seu ápice neste trecho. Pois diante a descrição da Europa, sobre as estruturas de comando; descreve corrupção, guerras e brigas inúteis em todas as escalas, entre vizinhos e entre nações, entre religiões; a forma que os príncipes são gananciosos e vão justificar mortes, escravidão e a necessidade de corrigir as maneiras bárbaras de ser dos povos dominados. Assim, quando descreve os marinheiros, fala sobre como são em sua maioria fugitivos de seus países por crimes que cometeram, (ibid., p.226) e a necessidade de produzir para vender, para poder importar vícios e doenças. (ibid., p. 227) Horrorizando o seu mestre, que retruca que a corrupção da razão é pior que a brutalidade em si, os humanos teriam uma qualidade que os ajudariam a aumentar seus vícios. (ibid., p. 231) Seu mestre fica impressionado também pelo conceito de dinheiro que justifica toda a exploração dos pobres pelos ricos. Pois, a maioria trabalha muito por alguns que não fazem nada. (ibid., p. 234) Nas notas explanatórias da edição analisada, Paul Turner, afirma que a terra dos Houyhnhnms seria inspirada na utopia de Thomas Morus, na ilha imaginária em seu livro, onde se deve viver de acordo com a razão e a natureza. (ibid., p. 286)

Figura 27: Mapa Plate VI Part III Page I. (Placa VI parte III página I)



Fonte: (ibid., p. 206)

Ao ter que partir, com seu óculo, espia em direção à nordeste o que acha ser uma ilha a 5 léguas de distância. (ibid., p. 263) Mas quando parte, não a encontra. E veleja com a canoa de árvores cortadas envolta por pele de Yahoo e vela de pele de Yahoo costurada. Deseja viver em uma ilha na solidão provendo tudo que precisa para si. À primeira vista, poderia estar falando de Crusoé, mas a nota explanatória explica se tratar de Alexander Selkirk, o naufrago que realmente viveu em uma ilha na costa do pacífico por 5 anos, que inspirou a história de Defoe.

Para não ter de voltar para a humanidade, deseja viver isolado em uma ilha e ruma para onde acha que vai conseguir fazê-lo. Pratica o *dead reckoning*, confiando que está na latitude 45° S, vai rumo ao leste, pensando em viver isolado em algumas ilhas que sabe que existem à oeste da Nova Holanda. Encontrando uma ilha no que

computa ser 18 léguas de onde saiu, passa a noite e retoma sua navegação no dia seguinte chega na ponta SW da Nova Holanda. Resolve então dizer que o seu amigo o cartógrafo Herman Moll estaria errado, pois estas terras estariam mais 3 graus a leste do que ele percebe. (ibid., p. 266) O que francamente, não faz o menor sentido se, ele sequer sabe em que longitude ele estava.

Seu último capítulo revela a disposição implicada pela lei inglesa/britânica sobre as descobertas de terras novas por súditos. Que todas as descobertas devem ser reportadas. Ao que Gulliver não informou a coroa, ponderou que não seriam tão fáceis de subjugar, como a chacina dos americanos nus feita por Ferdinando Cortez para a Espanha. Mas o verdadeiro motivo é por discordar da prática que piratas poderiam, depois de ter pilhado e aterrorizado alguma ilha distante, retornar a Grã-Bretanha e receber o perdão real. Resultando posteriormente no envio de religiosos para converter estes povos que seriam bárbaros. (ibid., p. 275) Não parece tão improvável, quando lembramos que Drake se tornou cavaleiro após o seu saque da América Espanhola. Contudo, no último momento ele muda o tom e diz que, não está falando da Nação Britânica que é justa e honesta.

Estes livros são a oportunidade de valorizar a geografia e o conhecimento necessário a sobrevivência. Uma fascinante viagem no tempo, pois os dois jornalistas permitem que se tenha uma ideia dos conhecimentos geográficos disponíveis aos leitores não geógrafos. Deste modo, uma chance de visitar o passado quando o mundo não estava todo mapeado. Quando, os lugares distantes eram tão improváveis que pessoas pequenas ou grandes, ou equinos poderiam ser os responsáveis por estes espaços desconhecidos.

A geografia que está expressa nos livros na forma dos topônimos, nas descrições da paisagem, nos raciocínios que ajudam a voltar para casa, ou fugir dela no caso de Gulliver. Crusoé se apoia somente com a geografia do real, citando vários deles, mas mesmo Gulliver irá recorrer aos topônimos para se ancorar na realidade, e posicionando os países nos espaços pouco conhecidos, fazendo com que, a geografia da história faça mais sentido.

Entre os conceitos que aparecem nos textos: *territory* (*território*), aparece uma vez em Gulliver, mas há uma equivalente relacionada as posses de monarcas, *dominions* (*domínios*) são os mais comuns em ambos, aparecendo 4 vezes em

Crusoé e 20 vezes em Gulliver. O conceito *landscape* (paisagem) não é utilizado em nenhuma das duas histórias, um possível equivalente *view*, (*visada*) é usado, mas muitas vezes em sentido mais próximo de perspectiva como escolha. *Space* (*espaço*) é o equivalente à *área*, nas duas instâncias que aparece em Crusoé e nas 6 vezes que aparece em Gulliver.

Assim como os mapas e as narrativas geográficas, a literatura é um reflexo não só de quem cria estes produtos culturais, mas da sociedade em que eles encontram suas condições de enunciação. Prestando atenção nos tempos dos trajetos e dificuldades encontradas nestes deslocamentos, bem como nos medos expressados, se tem um panorama das impressões sobre o mar e as explorações no século XVIII. Assim, as obras analisadas aqui apresentam diversos conhecimentos geográficos da sua época de produção.

3.2 UMA GEOGRAFIA CRÍTICA DA LEITURA

A vontade de conhecer o mundo ou a necessidade de trabalho eram os seus motivos para irem ao mar. E as consequências de seus aprendizados destoam completamente, Crusoé adquirindo a devoção na crença da providência e Gulliver perdendo completamente a vontade de viver entre seus similares, por conseguir ver de outro ponto de vista o resultado da ganância por poder e dinheiro dos seus semelhantes. Partindo da perspectiva de que o espaço geográfico, é a configuração territorial mais a vida que a anima, analisemos a vida que anima as configuração territoriais descritas nos textos e das vidas dos autores.

Considerando os gêneros literários destes livros, o realismo versus a sátira. No primeiro caso, implica fazer-se passar por real, com passagens objetivas e a repetição da descrição de objetos nos caminhos como *efeito de real*, diria Barthes (2004). As datas do texto de Crusoé, com os relatos precisos, que vão ficando mais esparsos, lembram anotações de diários, e o texto volta a forma de prosa sem distinção das datas, como se ele realmente tivesse usado toda a sua tinta e papel, o que amplia a percepção de que o livro foi escrito em dois momentos, nas entradas do diário e posteriormente, de volta à Inglaterra.

Na história deste inglês de classe média que pela rebeldia e curiosidade se torna marinheiro, que pelos livramentos e providência se torna religioso, que pela experiência e pela força, se torna soberano e que pela benevolência de todos que confiou e a benção divina, se torna rico, há uma visão de mundo que projeta uma vontade de produzir ou reproduzir uma sociedade em outros lugares, solidários aos lugares de origem nos sistemas de ações e de objetos, como embasado por Santos no espaço geográfico (op. Cit.).

Neste sentido, ele representa uma formação econômica social, como aponta Norbert Elias, que traz as marcas de uma sociedade, nação e classe particular, vive desta forma, faz Sexta-Feira se conduzir de acordo com estes modos, independente das adaptações pelas quais passam. (ELIAS; SCHRÖTER, 2001, p. 27). Ele incita à colonização, afirma Edward Said, que o livro é impensável sem a missão colonizadora (SAID, 1994, p. 64). Afirma também que Crusoé é o fundador de um novo mundo, além de um soberano reclamando o para a cristandade e para a Inglaterra. (ibid., p. 70)

Tendo como legado as robisonadas, cujo tema é a conquista de terras em lugares distantes. Richard Phillips "mapeia" desde o livro de Defoe às cópias e versões reduzidas. Afirmo que muitos leram outras versões, que não a de Defoe e aponta para a forma que este gênero parece, junto aos mapas, assustadoramente factual. (PHILLIPS, 1997, p. 8) Assim naturalizam as geografias que representam, normalizando construções de raça, gênero, classe e império, na forma pouco rebuscada, natural e mecânica que escreve, se aproximando muito do discurso cartográfico, quando se considera que a linguagem da prosa é pouco sentimental. (ibid., p. 15) Citando James Joyce, se trata da profecia de um império, que no século XIX, se torna um mito que promove o colonialismo e legitima o império britânico para os ingleses. (ibid., p. 33)

Ao que acrescentaríamos os comentários de Ian Watt (1997), sobre a natureza mitológica do individualismo presente no livro de Defoe. O individualismo econômico, de quem recria toda a trajetória de conquista da natureza pela racionalidade matemática triunfando sobre o ambiente; chegando à divisão do trabalho na inventariação das coisas e processos necessários para satisfazer vontades. (WATT, 1997, p. 152-153) Além do individualismo religioso, da providência casual; que o autor chamará de religião de domingo, pois ele só se atém ao que lhe convém, não fazendo questão de converter outros ao protestantismo, não agradecendo ao ser resgatado ou em outros momentos após o incidente da doença, destoando com as publicações verdadeiramente puritanas da época. (ibid., p. 157-162)

Por outro lado, Gulliver o ingênuo (o nome que se assemelha à *Gullible*, em inglês, ingênuo) realiza suas percepções e digressões filosóficas gradualmente contestando a racionalidade dos civilizados europeus. A sátira, que realiza, tem o estilo necessário para exagerar os traços ditos racionais, demonstrando o quanto são motivados pela ganância. Reclamando que a dita superioridade dos novos sistemas da natureza, que se apoiam na matemática, não criam um entendimento melhor da realidade, apenas conduzem as ações dos homens, favorecendo os objetivos de poder dos degenerados. Na experiência de Liliput e Blefuscu, na posição de gigante, Gulliver tem poder; em Brobdingnag, ele é tão inofensivo quanto seu tamanho diminuto. E diante dos equinos Houyhnhnms, que possuem a racionalidade enaltecida pelos esclarecidos europeus, e Gulliver na posição de inferioridade frente a eles, os humanos são convidados a ver o mundo sobre a perspectiva de quem é

sujeitado a supremacia racial dos dominadores, afirma Nicolás Panagopoulos (BLOOM, 2009, p. 146–148).

Mas ele elevará a sua crítica a um nível tão grande que o protagonista se torna misândrico, chega ao extremo disso na forma como escreve a trama da extinção da praga dos Yahoos, no único debate que sempre ocorre entre os houyhnhnms. Inspirado no que o mestre de Gulliver ouve dele, da forma que os seres humanos castram os cavalos para deixarem-nos mais dóceis, eles resolvem repetir o experimento com os Yahoos. (ibid., p. 254) Assim, tramam de eventualmente eliminá-los todos. Na introdução, da presente edição, escrita por Claude Rawson, é abordada a similaridade desta esterilização com as práticas dos nazistas do extermínio sistemático. (ibid., p. xxxix) Porém extermínios de povos inteiros também aconteceram em um cenário muito mais próximo ao retratado neste e no outro livro analisado, nas colônias da América.

Desde os anos 1970, estudos mostram o genocídio das etnias, ou etnocídio praticado pelos colonizadores e seus descendentes nas Américas na esterilização forçada dos indesejáveis. Citaremos a título de exemplo, o artigo de Leonardo Pegoraro (2015), que explicita desde as táticas de separar os filhos dos povos originários em escolas internatos em 1880, eliminando a transmissão cultural (PEGORARO, 2015, p. 161); ao primeiro programa oficial de esterilização em Indiana 1907, autorizado pela legislação da suprema corte e praticada em prisões e hospitais, voltado aos classificados como mentalmente inaptos, que esterilizou 63000 estadunidenses até a sua extinção em 1980 no Oregon (ibid., p. 163-164). Que precisam ser somados ao total de indivíduos dos povos originários submetidos à prática de esterilização forçada. Homens e mulheres destas etnias eram esterilizados mediante mentiras, durante outros procedimentos médicos; sob pressão, em casos judiciais, para se obter condicional; sob ameaça, da perda de benefícios sociais; dissimulando-o como reversível ou dificultando o entendimento do que se tratava. (ibid., p.165) O fundador de *United Native Americans*, Lehman Brightman estimou que foram esterilizados 10% dos homens e 42% das mulheres, 60000-70000 mulheres, coercitivamente durante todo o período da prática. (ibid., p. 167)

Diante do processo de formação dos Estados Nacionais que abordamos no segundo capítulo, acrescentemos, os mitos que justificam a colonização, motivações

econômicas, religiosas no enredo realista de Defoe, que contrasta com a crítica da sátira de Swift, que se opõe a um mundo quantificado matematicamente pelo método cartesiano que procura controlar a natureza. À primeira vista pode-se parecer que se trata de objetivos diferentes. Contudo, no contexto de produção das obras, os autores não estão tão distantes.

Os dois livros, *Crusoé* e *Gulliver* são descritos pelo historiador Arnold Hauser (HAUSER; CABRAL, 1995) como propaganda pura: Defoe promovendo os ideais dos Whigs e Swift os dos Tories, ambas facções políticas inglesas relacionadas às religiões protestantes, respectivamente, às religiões presbiteriana e à igreja anglicana. Afirma, que na briga pelo poder entre a burguesia e aristocracia na Europa do século XVII, a burguesia foi se apoderando de todos os instrumentos de cultura. (ibid., p. 506) Mas o historiador da arte afirmará também que esse antagonismo entre eles era secundário, dentro das classes comuns representadas no Parlamento, pois "a vida política era liderada pela aristocracia, que tinha profunda influência nas eleições e fez da burguesia seu satélite." (ibid., p. 537) Essa literatura eliminava o hiato entre o leitor erudito e comum, "a meio caminho entre a concepção de vida cavaleiresca-aristocrática e burguesa-puritana". (ibid., p. 541) Assim, Hauser, explica que

Defoe e Swift são ativos panfletários políticos e perseguem objetivos políticos mesmo em seus romances (...) a "artilharia de papel" de Swift e seus contemporâneos teria sido impensável antes da introdução da liberdade de imprensa e da discussão pública das questões políticas da época. (...) fazendo de suas penas armas *ad-hoc* e colocando-as a serviço de quem oferece a melhor paga. (ibid., p. 542-543)

O tipo de propaganda que poderia satisfazer tanto a aristocracia quanto a burguesia seria aquele que estimulasse a imaginação do exótico enquanto dissimulasse a exploração, conveniente com interesses de manutenção de poder e acumulação de riquezas. Há nos dois livros, a divisão do mundo, pelos que não são escravos em pessoas de distinção e todos os outros. Entre os distintos, já há uma implicação de classe burguesa ou aristocrata. Já há o processo capitalista de acumulação, embora não sustentado pela mais-valia do salário, mas ainda assim, pelos investimentos feitos e aos quais se espera um retorno maior do que foi investido.

Em Grundrisse, Marx critica os fundadores da Economia-Política Adam Smith e David Ricardo pela leitura que fizeram não do original, mas das adaptações, como as robisonadas, com os seus indivíduos caçadores e pescadores isolados. Considera estas adaptações da história mitos fundadores, que desconsideram a história em detrimento de uma naturalização de um contrato social. Pois, explica que desde o século XVI, a sociedade civil vinha se preparando para o livre mercado e projetando o indivíduo como desconectado dos laços sociais, que outrora tinha com o grupo. Afirma que quanto mais se volta na história, mais o indivíduo aparece como dependente do grupo familiar ou do clã. (MARX, 1993, p. 83-84)

Pois no texto original de *Robinson Crusoe* é possível perceber que os valores de uso são mais importantes que os valores de troca. A infinita quantidade de trabalho necessário para produzir as coisas não é voltada a produção de mercadoria, mas a satisfação das próprias necessidades. Além do valor de uso das coisas que Crusoé produz, também podemos pensar no valor de uso da ilha de Trinidad, sua fertilidade, o acesso à mão de obra que satisfaz anseios relacionados aos lucros dos valores de troca, que investidores esperam receber das atividades de exploração dos recursos e das oportunidades de negócios vigentes. Assim, o valor de uso do livro como produto cultural, para quem o promove, pode ser o de estimular investimentos, que serão utilizados na produção material da realidade.

Na solidariedade aos outros lugares na totalidade do espaço-mundo, que a ilha de Trinidad e os territórios que são integrados na dominação colonial e integram o regime capitalista ascendente. Implicado no livro de Robson Crusoé, além das robisonadas, que difundem e promovem o estabelecimento de novas colônias, onde os capitalistas podem investir para receber as suas respectivas partes. Estes territórios existem e são férteis, as histórias servem como álibi do sucesso das empresas inglesas, de que o plantio de colônias seria viável; incentivam os leitores a tentarem prosperar no Mar do Sul e outros espaços que quiserem. Basta acreditar na providência e se esforçar, em pessoa ou permitir que o dinheiro deles trabalhe por eles. Mesmo se Defoe estava mais interessado em promover a constituição de colônias (plantar colônias), os migrantes ingleses levavam os modos de viver, incluindo as vestimentas que ele promove em *Robinson Crusoe*, quando fala sobre o conforto das roupas de linho que resgata do baú no navio naufragado, coincidentemente é o ramo de negócios que ele está ligado. Josué de Castro, em

Geografia da Fome, compara a forma que os portugueses souberam se adaptar muito melhor do que os ingleses neste quesito, ao abandonarem as roupas europeias no Brasil. (CASTRO, 1984, p. 120)

Se ficarmos só no campo da aparência, da paisagem, e do que é possível medir, incorreremos nos erros dos materialistas mecanicistas, como apontado na crítica de Harvey, que tal pressupostos científicos não dão conta de reconhecer processos que não se podem ser mensurados diretamente, como é o caso dos poderes imateriais, que são objetivos como o valor, e "todas as relações sociais escapam à investigação material direta." (HARVEY, 2018, p. 19) O Capital reunido buscando se realizar na forma de produção e circulação de mercadorias. Para o qual, o Estado é invocado como garantidor da continuidade e ampliação do capital, na base jurídica, nas instituições do mercado, na regulação que assume. (ibid., p. 28)

A análise que fazemos aqui pode parecer anacrônica, por considerar o capitalismo, antes de o processo de mais valia estar constituído como regra da racionalidade capitalista, o que Harvey assinala a partir de meados do século XVIII. (HARVEY, 2011, p. 41) Sendo a mais-valia o excedente de valor que o capitalista obtém do trabalho de seus empregados após cobrir o custo desta força de trabalho, que o capitalista entenderá como lucro monetário. Por isso, no início do século XVIII, a expectativa de ganhos ainda não é sobre o mais-valor, mas sobre o retorno dos investimentos, nos juros que recebem por emprestar dinheiro, o capital que é adiantado pelos acionistas que esperam receber mais do que emprestaram, nos investimentos em plantações de cana-de-açúcar, da pilhagem de ouro e prata, na comercialização do chá, café, do tabaco e outros produtos desejados na Inglaterra, que pressupõem o uso do trabalho escravo e o tráfico de escravizados.

Isso responde pela concentração de capitais possibilitado pelo sistema de crédito, da associação de capitais em larga escala. (ibid., p. 48) Harvey explica que o poder do dinheiro ajuda a influenciar e reconstituir as formas do Estado,

uma influência dominante sobre as instituições militares e administrativas, além dos sistemas jurídicos (...) (...) Fê-lo tanto dentro do Estado – ao lotear, por exemplo, terras comuns e monetarizar os aluguéis na Grã-Bretanha – quanto no exterior, por meio de práticas coloniais e imperialistas. (ibid., p.49)

Antes da maior parte dos trabalhadores serem assalariados, já existia a pressão pelo retorno dos investimentos. Especialmente relacionando-os as

atividades coloniais e escravocratas, o que pode ser evidenciado pela primeira crise do capitalismo que se tem notícia: a crise do Mar do Sul que ocorre em 1720, ano seguinte a publicação de Robson Crusóe e 5 anos antes da publicação de Gulliver. Consta que Isaac Newton, então com 80 anos de idade, perdeu o equivalente à £40 milhões nos dias de hoje. (STEWART, [s.d.])

O relato da Revista Historic UK escrita por Terry Stewart ([s.d.]) descreve como a *South Sea Company* (Companhia do mar do sul), fundada em 1711 por um ato do Parlamento, era uma empresa público-privada para incentivar e aumentar as trocas comerciais e os ganhos da Grã-Bretanha na América, tendo um monopólio garantido na atividade comercial do tráfico negreiro que havia provado ser muito lucrativa nos séculos anteriores. Após o fim da guerra com a Espanha, a partir de 1713, prometiam 6% de ganhos aos acionistas e atraíram muitos outros, mas os portugueses e especialmente os espanhóis limitaram as trocas a um navio por ano e taxaram a importação de escravizados prejudicando os severamente no comércio e nos ganhos. Após o rei George I assumir o controle da empresa em 1718, instaurando confiança, as ações se encontravam 100% inflacionadas. Quando a empresa foi autorizada a comprar a dívida pública nacional de £32 milhões por apenas £7,5 milhões, planejavam pagar os juros da dívida pelas vendas das ações que só aumentavam de preço, atingindo a impressionante marca de £1000 por ação em agosto de 1720. Para um mês depois, a bolha estourar, e as ações despencarem para £124 em dezembro do mesmo ano. Dentro da especulação generalizada, se descobriu muita corrupção e propina após a investigação efetuada pelo Parlamento.

As permissões que os espanhóis concediam com o nome de *assientos*, são citadas em *Robinson Crusoe* (DEFOE et al., p.35), embora no ano que corresponderia com o enredo, 1659, não faria sentido ser empregado, pois este tipo de contrato tinha estado em vigência somente até 1640. Permanecendo o tráfico negreiro inteiramente na forma de contrabando até 1703, quando a Companhia das Guianas Francesa os obteve tal permissão. (ibid., p. 235). E como vimos acima, após 1713, os britânicos passaram a especular com a atividade do tráfico, sem conseguir realizar a demanda, devido às limitações.

Defoe é considerado o primeiro autor de manuais de negócios ao publicar *The Complete English Tradesman* no mesmo ano que Swift publica Gulliver, em 1726. Livro que ensina como conduzir os negócios é aclamado por personalidades liberais

como Benjamin Franklin. (AKST, 2019) Na possibilidade de altos ganhos, se justifica a tomada de altos riscos, neste caso do dinheiro usado como capital, que se espera que retorne acrescido de juros, compensando o capitalista.

O capital portador de juros, que Harvey explicita apoiado em Marx, já está nas premissas dos dois livros. A encontramos em *Crusoé*, quando ele descreve que não precisaria entrar com investimento no navio para irem buscar escravizados, a racionalidade das ações "*stock*". (DEFOE et al., 2007, 35) Em *Gulliver*, a encontramos quando inferimos que trabalha para as Companhias das Índias, uma das primeiras empresas que vendiam suas ações.

Sean Moore, aponta para dois textos de Swift de 1720 e 1722 que satirizam a forma que Defoe chama crédito de dinheiro de papel. (BLOOM, 2009, p. 21) Contudo, o mesmo artigo aponta que se trata muito mais de uma tentativa de Swift manipular a percepção do público, para ganhar dinheiro especulando, do que a sua atitude em relação ao títulos e investimentos, considerando que ele mesmo era um investidor. Ele e outros autores da época escrevem contra a formação de um banco irlandês, enquanto eram investidores do banco rival da Inglaterra. (ibid., p. 10)

Há mais de 300 anos, essa mentalidade de investimentos, vem causando guerra, exploração e miséria. Em uma dinâmica que os investidores buscam os maiores lucros, guiando as atividades mercantis e industriais para este resultado, enquanto dissimulam sua culpa pelas realizações da dominação do homem sobre o meio e dos homens sobre os outros homens. Neste sentido, o processo chamado capital subordina "a si todos os elementos da sociedade, (extraí) dela os órgãos que ainda lhe faltam. É assim que devém uma totalidade historicamente" (HARVEY, 2018, p. 53). "O dinheiro é introduzido como um servo da circulação, mas logo se torna um mestre despótico." (ibid., p.68)

Como diz Walter Benjamin, "o capitalismo deve ser visto como religião (por estar) à serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações" (BENJAMIN, 2013, p. 21). O filósofo elenca os quatro traços deste "credo": (1) um culto permanente que não tem outra doutrina, que não o utilitarismo; (2) seu aspecto permanente não tem trégua nem piedade, não há dias não festivos, contanto que haja dinheiro e investimentos, com as quais as relações de consumo preenchem todos os momentos da vida; (3) onde a culpa é universalizada na consciência, até

que o desespero universal seja alcançado; (4) a ocultação do deus capital, das relações capitalistas que movimentam o processo, apenas invocando a divindade imatura, que poderíamos entender como os ídolos, como o mercado, a bolsa de valores etc. (ibid., p. 21-22) Justifica-se assim os roubos das riquezas naturais, do trabalho alheio, genocídios e degradação da vida em geral pelas oportunidades de negócios.

Analizando retrospectivamente as consequências destas atividades comerciais na ocupação das ilhas e terras banhadas pelo Caribe, a construção destes espaços reflete as vontades dos colonizadores e suas guerras bélicas e comerciais. A extensão de terras que hoje é o país de Trinidad e Tobago, foi conquistada pelo Reino Unido um século depois de quando a história de Crusoé se passa, usado para plantar cana-de-açúcar, inicialmente com trabalho escravo, posteriormente com mão-de-obra trazida das outras colônias, como Índia, África, Líbano etc. ("People of Trinidad and Tobago", [s.d.]) Trinidad era espanhol, depois inglês, finalmente independente e subdesenvolvido, assim como quase todas as outras posses coloniais, que tiveram suas riquezas extraídas, os bens da natureza e as pessoas nestes lugares manipuladas e utilizados nos ciclos de acumulação do capital.

Países que tinham reunido as condições e as técnicas de controle pela violência, garantindo as riquezas de alguns investidores, cujo dinheiro trabalha para eles, transformando a economia do mundo e os espaços. O que resulta da herança maldita de colonização que os supostamente civilizados impuseram aos supostamente selvagens, como descreve Yves Lacoste quando fala sobre a imagem que muitos países ocidentais desenvolvidos fazem de si mesmos, como os cristãos que cristianizavam; como os civilizados, que civilizavam, após as colônias tornarem-se libertas, defenderiam que estes ainda precisariam de tutela por faltas cognitivas. (LACOSTE, 1975, p. 15)

O colonialismo é considerado como uma de suas principais causas. Para muitas, e para a quase totalidade das populações do Terceiro Mundo, o colonialismo é a única causa do subdesenvolvimento, a tal ponto que os dois conceitos se confundem. (ibid., p. 200)

Assim, o quadro geográfico que pode ser imaginado antes de ser criado de fato, ou o mapa que desenha o espaço, foi pensado e produzido. Nos territórios referidos e referenciados nos livros de ficção, há as plantações das colônias de cana-de-açúcar, de algodão, o trabalho escravo associado, e as migrações de outras colônias

posteriormente com trabalho assalariado. Os capitais portadores de juros beneficiando os investidores, e os países que eram as metrópoles beneficiando suas empresas e indústrias ao custo dos recursos que podiam ser obtidos com a retirada da riqueza pela nação colonizadora, recompensando seus investidores. Enquanto o espaço da metrópole é produzido, a destruição das forças produtivas que pudessem concorrer com eles.

Deste modo, ao ensinarem os modos de ser e de pensar capitalistas, direcionaram estas pessoas a agirem e a reproduzirem um mundo do homem lobo do home que não se importa com mais ninguém. Essa divisão internacional do trabalho, que resultou em subdesenvolvimento para muitos, sustentando o desenvolvimento de poucos está cristalizada, no meridiano de Greenwich, a longitude 0° que centra o mundo pelo horário de Londres. No sistema de objetos que se liga ao sistema de ações no espaço mundo, determina todos os outros horários em relação a este. Está cristalizada nas relações comerciais e financeiras em dólar e na forma em que as riquezas foram e continuam sendo levadas embora pelos colonizadores, pretéritos e atuais. Está expressa na desigualdade do acesso aos bens espirituais da humanidade, exemplificado na forma da relação de países desenvolvidos produtores de tecnologia e países subdesenvolvidos cujos capitalistas buscam se manter competitivos comprando tecnologia dos primeiros e ampliando a dependência econômica.

Como contraponto, buscando escapar de um fatalismo e considerando que a geografia, que compõe a formação escolar na contemporaneidade, serve ao desenvolvimento de uma consciência geográfica que pode ajudar a superar uma práxis repetitiva. Apesar de fugir do escopo do trabalho, apontaremos brevemente para a possibilidade de explorar estes trabalhos na formação dos indivíduos, na construção de uma consciência geográfica, como diz Martins (op. Cit.). Gostaríamos de acrescentar o entendimento de Prior Kropotkin (1986, p. 5) sobre o que a Geografia deve ser, com relação a sua educação desta. O geógrafo russo recomenda que se use os dramas humanos para suscitar o desejo de estudar a natureza, com relatos de pescadores, caçadores e navegantes. Acreditamos que histórias como essas podem ser usadas com muito sucesso no ensino de geografia nas três tarefas que Kropotkin propõe. (1) de ao tomar a humanidade como intermediária, desenvolver o interesse pelos grandes fenômenos da natureza, para

que queiram conhecê-los e explicá-los; (2) de ser uma forma de entender que somos todos irmãos, independente de nossa nacionalidade; e (3) de combater os preconceitos raciais. (ibid., p. 5-7)

Se quisermos usar histórias como *Crusoé* e *Gulliver* nesta função, parece que caímos em contradição no item 2 e 3, com o que o geógrafo russo recomenda, pois há escravidão e ela é naturalizada nos dois livros. Porém, aqui que se torna essencial o papel da mediação dos professores. Assim, de acordo com a idade e conteúdo programado, há problematizações das questões de localização, das distâncias, da escala, do território, e do espaço mundo, ou até da violência dos capitais reunidos, buscando a acumulação que diferenciam os espaços, deixando alguns muito ricos e outros subdesenvolvidos.

Na leitura dos textos e do mundo, a mediação permite fugir da concepção bancária de educação que Paulo Freire adverte ser tão comum nas escolas. (FREIRE, 1994, p. 33–34) Quando os alunos são considerados meros depositários de conteúdo e não são chamados a agir. Ao problematizar as questões, os alunos se tornam investigadores críticos junto ao professor. O contraponto à concepção bancária, proposto por Freire, é o dialogismo: o educador, no papel de possibilitador do diálogo, possibilita aos alunos se tornarem sujeitos de seu processo. Concomitantemente, o próprio professor é levado a refazer o tempo todo o seu ato cognoscente, isto possibilita fugir de um intelectualismo hermético. O que é expresso pela sensata colocação: "NINGUÉM EDUCA NINGUÉM, NINGUÉM EDUCA A SI MESMO, OS HOMENS SE EDUCAM ENTRE SI, MEDIATIZADOS PELO MUNDO". (FREIRE, 1994, p. 39)

Concluimos que indo além da simplicidade aparente dos livros, é possível buscar desenvolver uma consciência geográfica em sua leitura e reflexões mediadas por uma teoria crítica e assim, buscar se combater a alienação de não nos vermos como iguais. Como afirma Santos, "a força da alienação (que) vem dessa fragilidade dos indivíduos, quando apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une". (SANTOS, 1998, p. 30)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar as formas de expressão geográfica, contemplamos a maneira que a sensibilidade sobre o espaço foi aprimorada em técnica e transmitida culturalmente. A grade de orientação que advém de localizar os objetos e referenciá-los um em relação aos outros nos trajetos e itinerários de forma sucessiva. Pensando no cruzamento de itinerários como ruas transversais já se chega em uma grade ou matriz que se aproxima muito do que se vê quando se enxerga de um ponto de vista elevado.

Diríamos que é similar a noção filosófica de se elevar com o conhecimento, pois se sabendo o que existe, tem-se a possibilidade de se experimentar e descobrir o que serve melhor aos propósitos desejados. Quando se quer aproveitar a natureza e suas dádivas, que para o ser humano passou a ser entendida como recursos, mapeamos para racionalizar o que existe e sabendo onde está, facilitamos a sua busca e seu armazenamento. Os mapas e recursos cartográficos são a forma mais objetiva de enxergar as coisas em sincronia, entendendo as suas distribuições, concentrações, dispersões expressando e facilitando, por recursos visuais, uma compreensão do espaço, do território e da paisagem.

Na representação das ideias sobre o espaço, o desenvolvimento das formas de expressão significou que havia uma forma sistematizada, tanto dos recursos visuais quanto dos textuais; e pela forma que era sistematizada, permitiu a correção de erros, devido as novas técnicas e instrumentos que foram sendo criados. Servindo para controlar e criar ainda mais formas de racionalização dos recursos.

Cientistas de uma ciência que sempre precisou de outros conhecimentos, por isso se sofre de esquizofrenia, como diz Martins (2016, p. 64), que precisa dar conta de explicar onde as coisas estão e também porque estão lá. À astronomia e matemática, se somam a biologia, a física, a química, a história, a sociologia e até a linguística. E a soma disso tudo pode ser entendida como a aglutinação de cacos, como a geografia da estrutura natureza, homem, economia (N-H-E), que descreve Moreira (2014), além da crítica a tudo isso, a partir de uma geografia crítica que incorpora uma abordagem dialética que recusa esse esfacelamento.

Nesta disciplina que para dar conta da complexidade do mundo transforma-a em formas de representação, que para serem lidas, exigem aprendizado, que na nossa sociedade, remete à escola. E embora não demos tanta atenção em nosso

texto, a escola tem entre as suas motivações, o inculcamento de um sentimento nacional. E também mascara o objetivo desse saber geográfico, como apontado por Lacoste (op. Cit.). Pois foi na guerra pelos recursos, que o mundo foi mapeado, disputado pela força, pela técnica. O discurso cartográfico objetivando as conquistas e silenciando as violências na formação dos Estados nacionais. Entre as violências que o motivam, o poder do dinheiro e a sua ganância inconsequente.

Robinson Crusoe e *Gulliver's Travels* não são histórias para crianças, são histórias para a humanidade. Elas localizam os protagonistas nos lugares dos quais suas sociedades tinham curiosidade, e vontade de dominar e ainda não conheciam totalmente; por isso, além de América, África e Ásia citadas, na posição das terras visitadas por Gulliver, há as terras míticas como a Terra Austral (entre a Austrália e Antártica) e as terras da companhia (entre a Califórnia e o Japão).

Além disso, a dramaticidade da sobrevivência é capaz de lembrar nos dá importância do conhecimento geográfico. Obviamente, isso ocorre muito mais em *Crusoé* do que *Gulliver*, mas mesmo *Gulliver* precisa saber para onde vai, para fugir da sociedade. Saber o que está onde e porque, confere o poder da ação a ambos, que ao desbravar o mundo e o colocar em texto, compartilham esse conhecimento.

Por isso, estão mapeando o mundo também. Mesmo que a cartografia dos livros seja de rascunho, como em *Gulliver*, o simples fato de que traz topônimos que as pessoas já ouviram falar, confere veracidade. Enquanto, que o enredo de *Crusoé* se desenrola sobre vários topônimos conhecidos que ajuda a projetar na imaginação de quem o lê. Assim, deste mapa que criam como imagem textualmente, que transparece sempre que descrevem os trajetos e as paisagens, projetam o espaço de suas histórias em relação a aqueles nos quais vivem. Por isso, os autores e seus posicionamentos transparecem nos textos, e mostram aos leitores, o mundo a partir de suas perspectivas.

Estas histórias servem muito bem para nos lembrar da importância do conhecimento geográfico, na sobrevivência, no drama da existência. Servem também para nos lembrar que a geografia serve, em primeiro lugar para a guerra, mesmo nas formas veladas da pirataria. Se esse conhecimento serve para projetar um mundo do controle, pode servir para conferir a possibilidades da liberdade e ação, perante uma consciência geográfica que esteja disposta a agir no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGNESE, B. **Mapa-múndi**, 1544. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Battista_Agnese#/media/Ficheiro:1544_Battista_Agnese_Worldmap.jpg>. Acesso em: 15 dez. 2021.

AKST, D. **Daniel Defoe's hard-earned lessons on business and life**. Disponível em: <<https://www.strategy-business.com/blog/Daniel-Defoes-hard-earned-lessons-on-business-and-life>>. Acesso em: 19 dez. 2021.

BARTHES. **O rumor da língua**. Tradução: Mario Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, W. **Capitalismo como Religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.

BLOOM, H. (ED.). **Jonathan Swift's Gulliver's travels**. New ed ed. New York: Bloom's Literary Criticism, 2009.

BRAAM, J. VAN; LINDEN, G. ONDER DE. **Tabula Indiae Orientalis et Regnorum Adjacentium**, 1724.

BRIGHT, W. What is a name? Reflections on Onomastics. **What IS a Name? Reflections on Onomastics**, 2003.

Carte Pisane. ca-1291-1258. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bb/Carte_Pisane_Portolan.jpg> Acesso em: 12 dez 2021.

CARTWRIGHT, W.; GARTNER, G.; LEHN, A. **Cartography and art**. New-York: Springer, 2009.

CASTRO, J. D. **Geografia da fome**. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CAVALCANTI, L. DE S. **Pensar pela Geografia : ensino e relevância social**. 1. ed. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

CLAVAL, P. **História da Geografia**. Tradução: Costa José Braga. Lisboa: EDIÇÕES 70, 2006.

CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. Tradução: Margareth de Castro Afeche Pimenta; Tradução: Joana Afeche Pimenta. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

Codex Mendoza. [s.d.]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%B3dice_Mendoza#/media/Ficheiro:CodexMendoza01.jpg>. Acesso em: 16 dez 2021.

CONTARINI, J. M.; ROSELLI, F. DI L. **Planisfério de Conarini-Roselli**, 1506. Disponível em: < <https://www.britannica.com/topic/Contarini-map>>. Acesso em: 15 dez 2021.

CRANE, W. **Imperial Federation — Map of the World Showing the Extent of the British Empire in 1886**, 1886. Disponível em: <<https://digital.library.cornell.edu/catalog/ss:3293793>>. Acesso em 12 dez 2021.

DAMPIER, W. **A new voyage round the world: the journal of an English buccaneer**. Redesigned, ed.rev. with add. ill ed. London: Hummingbird Press, 1999.

DASH, J. **The longitude prize**. 1st ed. Basel ; New York: Farrar, Straus and Giroux, 2000.

DEFOE, D.; KEYMER, T.; KELLY, J. W. **Robinson Crusoe**. New ed ed. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2007.

DICK, M. V. DE P. DO A. A ESTRUTURA DO SIGNO TOPONÍMICO. In: **Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos**. 2. ed. São Paulo: Serviços de Arte Gráfica da FFLCH/USP, 1990.

Early Mesopotamian World map on a clay tablet. [s.d.]. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/W_1882-0714-509>. Acesso em: 12 dez 2021.

ELIAS, N.; SCHRÖTER, M. **The society of individuals**. New York: Continuum, 2001.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

GOMES, P. C. D. C. **Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

HAKLUYT, R. **The principal navigations, voyages, trafiques and discoveries of the English people**. Edinburg: E. & G. Goldsmid, 1889. v. XIII

HALLEY, E. **Map of the trade winds**, 1686. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Edmond_Halley%27s_map_of_the_trade_winds,_1686.jpg>. Acesso em: 13 dez 2021.

HARLEY, J. B.; ANDREWS, J. H. **The new nature of maps: essays in the history of cartography**. Baltimore, Md.: Johns Hopkins University Press, 2002.

HARLEY, J. BRIAN. **A nova história da cartografia**. ago. 1991. Correio da UNESCO (Mapas e cartógrafos). Ano 19, nº 8, Brasil. ago. 1991. p. 4-9.

HARVEY, D. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. Tradução: João Alexandre Peschanski. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

_____. **A loucura da razão econômica: Marx e o capital no século XXI**. Tradução: Arthur Renzo. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

HAUSER, A.; CABRAL, Á. **História social da arte e da literatura**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HILL, C. **O mundo de ponta-cabeça: idéias radicais durante a revolução inglesa de 1640**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOBBS, T. **Leviathan or the Matter, Forme, & Power of a Commonwealth Ecclesiasticall and Civill**. London: Touchstone, 1997.

Imagem das Bússulas de Erhard Etzlaub. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Erhard_Etzlaub>. Acesso em: 15 dez. 2021.

KROPOTKIN, P. **"Teoria e método"**. In: Seleção de Textos, AGB, nº13, São Paulo, 1986.

LACOSTE, Y. **GEOGRAFIA DO SUBDESENVOLVIMENTO**. 4^a ed. São Paulo: DIFEL, 1975.

_____. **A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 2005.

MALTHUS, T. R. **Princípios de economia política e considerações sobre sua aplicação prática; Ensaio sobre a população**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MARTINS, E. R. **O PENSAMENTO GEOGRÁFICO É GEOGRAFIA EM PENSAMENTO?** GEOgraphia, p. 19, 2016.

MARX, K. **Grundrisse: foundations of the critique of political economy**. London: Penguin books, 1993.

MAYHEW, R. Geography, print culture and the Renaissance: “The road less travelled by”. **History of European Ideas**, p. 349–369, 2002.

MERCATOR, G. **Nova et aucta orbis terrae descriptio ad usum navigantium emendate accomodata**, 1569. Disponível em: <<https://www.medeia-chart.org/single-post/chart-of-the-week-gerardus-mercator-world-map-1569>>. Acesso em: 15 dez 2021.

MOLL, H. **A map of the world shewing the course of Mr Dampiers voyage round it from 1679 to 1691**, 1691. Disponível em: <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a6/Moll_-](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a6/Moll_-_A_map_of_the_world_shewing_the_course_of_Mr_Dampiers_voyage_rou)

[_A_map_of_the_world_shewing_the_course_of_Mr_Dampiers_voyage_rou](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a6/Moll_-_A_map_of_the_world_shewing_the_course_of_Mr_Dampiers_voyage_rou)
[nd_it_from_1679_to_1691.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a6/Moll_-_A_map_of_the_world_shewing_the_course_of_Mr_Dampiers_voyage_rou)>. Acesso em: 1 jan 2022.

MOLL, H. **A view of the General & Coasting Trade-Winds in the great SOUTH OCEAN**, 1705. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Piracy-and-the-production-of-knowledge-in-the-of-Hasty/5a2fb3ad6320d72129c5b2d9bd66acd89d46a346>>. Acesso em: 5 dez 2021.

MOORE, J. R. The Geography of “Gulliver’s Travels”. **The Journal of English and Germanic Philology**, v. 40, n. 2, p. 214–228, abr. 1941.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 2. ed ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

_____. **O discurso do avesso: para a crítica da geografia que se ensina**. São Paulo: Ed. Contexto, 2014.

PEGORARO, L. Second-rate victims: the forced sterilization of Indigenous peoples in the USA and Canada. **Settler Colonial Studies**, v. 5, n. 2, p. 161–173, 3 abr. 2015.

People of Trinidad and Tobago. , [s.d.]. (Nota técnica) Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Trinidad-and-Tobago/People>>. Acesso em: 5 dez 2021..

PHILLIPS, R. **Mapping men and empire: a geography of adventure**. London ; New York: Routledge, 1997.

Planisfério Cantino. 1502. Disponível e: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Planisf%C3%A9rio_de_Cantino>. Acesso em: 15 dez 2021.

PTOLEMY et al. **The Geography**. Mineola, N.Y. : Toronto : London: Dover ; General Pub. Co. ; Constable, 1991.

Rebbelib. 1944. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/E_Oc1944-02-931>. Acesso em: 1 jan 2022.

RIBEIRO, D. **Carta universal en que se contiene todo lo que del mundo se ha descubierto fasta agora**, 1529. Disponível em: < <http://www.mapas-historicos.com/diego-ribero.htm>>. Acesso em: 15 dez 2021.

Richard Hakluyt | Biography, Significance, & Facts. In: Encyclopaedia Britannica. Online. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Richard-Hakluyt>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

SAID, E. W. **Culture and imperialism**. 1st Vintage Books ed ed. New York: Vintage Books, 1994.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. edição ed. São Paulo, SP: EDUSP, 2002.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1998.

SAPIR, E.; CÂMARA, J. M. **A Linguística como Ciência: ensaios**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SHIPMAN, J. C. **William Dampier seaman-scientist**. 1. ed. Kansas: University fo Kansas Press, 1962.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2010.

SIMIELLI, M. E. R. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: **A geografia na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2021. p. 92–108.

SMITH, N. **DESENVOLVIMENTO DESIGUAL Natureza, Capital e a Produção de Espaço**. Tradução: Eduardo de Almeida Navarro. 1ed. ed. Rio de Janeiro: EDITORA BERTRAND BRASIL S.A., 1988.

STEWART, T. **The South Sea Bubble**. Disponível em: <<https://www.historic-uk.com/HistoryUK/HistoryofEngland/South-Sea-Bubble/>>. Acesso em: 24 dez. 2021.

SWIFT, J.; RAWSON, C. J.; HIGGINS, I. **Gulliver's travels**. New ed ed. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2005.

THEVET, A.; PINTO, E. **Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América**. Brasília: SENADO FEDERAL, 2018.

THOMSON, J. E. **Mercenaries, pirates, and sovereigns: state-building and extraterritorial violence in early modern Europe**. Princeton, N.J: Princeton University Press, 1994.

THROWER, N. J. W. **Maps & civilization: cartography in culture and society**. 3rd. ed. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

Tokugawa Iemitsu. In: Encyclopaedia Britannica. Online. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Tokugawa-Iemitsu>>. Acesso em: 5 Jan 2021.

TRAPERO, M. **Para una teoría lingüística de la toponimia: estudios de toponimia canaria**. Las Palmas, G.C: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, Servicio de Publicaciones, 1995.

VESPUCCI, J. **Mapa-múndi Vespucci**, 1524. Disponível em: <<https://hist1952.omeka.fas.harvard.edu/items/show/149>>. Acesso em: 15 dez 2021.

WATT, I. P. **Myths of modern individualism: Faust, Don Quixote, Don Juan, Robinson Crusoe**. Canto ed ed. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1997.

WALSEEMÜLLER, M. **Mapa de Walseemüller**, 1507. Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Waldseem%C3%BCller_world_map_1508 .jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Waldseem%C3%BCller_world_map_1508.jpg)>. Acesso em: 15 dez 2021.

WILSON, R. **The man who was Robinson Crusoe: a personal view of Alexander Selkirk**. Glasgow: Neil Wilson Publishing Ltd., 2011.